

Processo número 666

Ilha dos Piratas

BABY, WAKE up:

- A) The devil doesn't exist (anymore).
B) You killed the devil.
C) We killed the devil.
D) We are the devil.

«Baby, escolheste que opção?»

«Escolhi a opção A)...»

«Certo, baby!!! Super certo!...»

Processo nº: 666

Local: Ilha dos Piratas

Título do Processo: Processo nº 666 – Ilha dos Piratas – Baby, wake up: the devil doesn't exist (anymore).

Nome abreviado do Processo: Ilha dos Piratas

Autor do Processo: Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Diagnóstico anterior: Hexacosioiexecontahexaphobie, Schädelphobie e Isotrophobie.

Estado: **Alta**

Atribuição de título: Mestre Grão-Ducado de Obras Honorárias (Grão-Ducado-Honório)

Graduação: 12 graus

Médico principal: Doutor Frederick von Der Maase

Médico supervigilante: Doutor Albert von Der Maase

Médicos auxiliares: Doutor Mathias von Der Maase, Doutora Catharina von Der Maase, Doutora Helena von Der Maase

Psicóloga principal: Doutora Sara Rot

Psicóloga supervigilante: Doutora Sílvia Rot

Psicólogos auxiliares: PSICÓLOGOS AUXILIARES NÃO AUTORIZADOS

Tipo de processo: Neopsicanálise, argumento, roteiro de filme, novela e autobiografia

Recurso a Psicanálise? Sim.

Tipo de Psicanálise: Processo de Escrita Ligada à Internet das Coisas

Recurso a tecnologias avançadas não invasivas? Sim.

Recurso a Optogenética? CAMPO DE RESPOSTA NÃO AUTORIZADO

Recurso a tecnologias via Bluetooth? CAMPO DE RESPOSTA NÃO AUTORIZADO

Recurso a Implantologia? CAMPO DE RESPOSTA NÃO AUTORIZADO

Sigilo Militar? CAMPO DE RESPOSTA NÃO AUTORIZADO

Legião Fraterna da **ORDEM Militar dos Jovens Médicos**

&

Rot-Maase Strong Alliance

O presente Processo divide-se em 6 partes.

A primeira parte do Processo é o “Diamante Lapidado”.

A segunda parte do Processo é a “Lapidação do Diamante”.

A terceira parte do Processo são as “Ferramentas para Lapidar o Diamante”.

A quarta parte do Processo é o “Diamante em Bruto”.

A quinta parte do Processo é a “Concessão de Exploração do Diamante”.

A sexta e última parte do Processo é a “Venda a Retalho do Diamante”.

O “Diamante” é o “Cérebro”.

A presente amostra só contém a primeira parte do Processo.

Usam-se as reticências na amostra para indicar “partes cortadas” ou “partes ocultas”.

Constituem fontes importantes do Processo os Gritos de Liberdade de Internet das Coisas, o Diário de Salva-Vidas da Ilha dos Piratas, composto por eventos manuscritos e eventos processados a computador; as Referências da Internet das Coisas (Jupiter Editions, Disney e Marvel) chamadas pelo autor durante o Processo; o OFF THE RECORD de Segredo Militar; o OFF THE RECORD de Reserva Policial e Investigação Judiciária; o OFF THE RECORD de Investigação de Direito Penal de Implantologia e Inteligência Artificial do autor; a Declaração de Oposição de Testamento Vital do Autor; a Declaração de Oposição de Cremação Em Caso de Morte do Autor; a Vontade do Autor Em Instituir Herdeiras Testamentárias a Força Aérea e a Marinha; os contratos de trabalho de nadador-salvador que Jaime celebrou desde 2018, **os dois editais de praia da Praia dos Camaleões** e os Anexos do Processo que constem nos 6 índices do Processo.

Cada parte do Processo tem um índice próprio. Os índices constituem também importante fonte.

Cada parte do processo tem uma referência temporal típica, sendo a qualidade de escrita de uma dada referência temporal do Processo um bom indicador do nível de stress e “jogo de encaixe das coisas” do autor.

Avalia-se o jogo de encaixe e as estratégias de *coping* desenvolvidas pelo autor durante o Processo que fizeram aguentar o autor até ao final do Processo de forma lúcida e sã sem perder o espírito.

O Processo Ilha dos Piratas tem 666 páginas e foi entregue à Jupiter Editions no dia 22 de setembro de 2021 às 8:06. O Processo foi iniciado no dia 18 de junho de 2021 - Simulador da Vida Real (1º Registo no Diário de Salva-Vidas de Jaime)

Registo de obra nº 2711/2021 - PROCESSO Nº 666 ILHA DOS PIRATAS

BABY, WAKE UP. THE DEVIL DOESNT EXIST (ANYMORE).

Nº Ref: SIIGAC/2021/4038

DATA DO REGISTO DA OBRA: 2021.10.07

O REGISTO DA OBRA INCLUI TODO O PROCESSO E TODO O MANUSCRITO DAS PÁGINAS DO DIÁRIO DE SALVA-VIDAS DE JAIME PUBLICADAS E NÃO PUBLICADAS NO SITE DA JUPITER EDITIONS EM WWW.JUPITEREDITIONS.COM E TODO O PROCESSADO A COMPUTADOR COM A MESMA NATUREZA DE DIÁRIO QUE FOI ENTREGUE À INSPEÇÃO-GERAL DAS ATIVIDADES CULTURAIS PARA REGISTO DA PRESENTE OBRA.

DO EXPOSTO DA OBRA NO SITE DA JUPITER EDITIONS APENAS É AUTORIZADO O DOWNLOAD DAS PARTES PUBLICADAS NO SITE DA JUPITER EDITIONS EM WWW.JUPITEREDITIONS.COM E O SEU COMPARTILHAMENTO EM REDE PARA EFEITOS DE DIVULGAÇÃO SEM MODIFICAÇÃO DO SEU CONTEÚDO E SEMPRE COM A MENÇÃO DA RESERVA DOS DIREITOS DE AUTOR.

QUALQUER REPRODUÇÃO TEATRAL OU CINEMATOGRAFICA OU ADIOVISUAL OU QUALQUER OUTRA ADAPTAÇÃO OU APROVEITAMENTO DO CONTEÚDO DE ALGUMA PARTE OU DA TOTALIDADE DA OBRA SÓ PODERÁ SER FEITA COM A EXPRESSA AUTORIZAÇÃO DO AUTOR E DA JUPITER EDITIONS COM OS DEVIDOS PAGAMENTOS DOS DIREITOS DE AUTOR.

O AUTOR AUTORIZA A REPRODUÇÃO DE PARTES DA OBRA EM CONTEXTO ESCOLAR E UNIVERSITÁRIO OU DE ESTUDO E INVESTIGAÇÃO DAS CIÊNCIAS MÉDICAS E DAS CIÊNCIAS DA MENTE, DESDE QUE NOTIFICADO AO AUTOR COM MENÇÃO AO SITE DA JUPITER EDITIONS ONDE O AUTOR TEM PUBLICADA A OBRA OU EM PARCERIA COM A JUPITER EDITIONS.

INCORREM EM CRIME TODOS AQUELES QUE VIOLEM OS DIREITOS DE AUTOR DA PRESENTE OBRA.

**DIVULGUE A OBRA DO AUTOR, FAZENDO SEMPRE MENÇÃO AO
AUTOR NÃO MODIFICANDO A OBRA.**

* Todos os Member Readers da Bolsa Jupiter com *O Algoritmo do Amor* ou que tenham sido autorizados pelo autor poderão aceder ao Processo no Jupiter Editions Dark Museum/ Jupiter Editions Museum

1ª amostra

Processo da

Ilha dos

Piratas

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

«***O Princípio da Boa Maçonaria*** é a libertação. Devemos libertarmo-nos de tudo e de todos os medos e preconceitos. Temos de ter uma mente limpa e avançada para aguentar os jogos, os tentos e os filmes maçônicos com sabor a vida sagrada que fazem parte do processo da vida que é a vida sagrada. No entanto, há sempre um “certo espiritualismo”, porque há “um espírito” dentro dos corpos humanos. Esse espiritualismo deve ser vivido em segredo e em silêncio. (...) há um Código do Silêncio. (...) há um Jogo do Silêncio. O jogo deixa-me escrever, porque eu escrevo silenciosamente. A minha escrita cumpre o Código do Silêncio. Foi através da minha escrita mágica que eu descobri o número mágico, que tinha sido inscrito em mim.»

Qual é a ***verdade matemática*** que o Universo “fala” através do “número mágico”?

Resposta: O número de ***dimensões*** e o “número de ***mundos paralelos***”.

Quantas dimensões e quantos mundos paralelos existem?

Resposta: Só existe uma dimensão. Não existem “mundos paralelos” senão entre aspas.

A dimensão é sempre a mesma, porque o tempo é sempre o mesmo. O espaço é que é diferente. Mas há um Tempo Universal, há um Relógio da Vida. E as horas que o Relógio da Vida estão a dar são iguais em qualquer espaço do Universo. Os calendários são feitos pelo homem e são adotados pela civilização. Nós simplesmente seguimos um calendário, para nos podermos situar, para termos “referências temporais” dentro do espaço. Para não perdermos a noção do espaço e sabermos onde é que andamos, onde é que estamos. O que quer dizer que se uma nave espacial de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi aterrar na Terra e disser que estamos em 2080 de Antoine Canary-Wharf e se adotarmos o novo calendário e adiantarmos o calendário para 2080 de Antoine Canary-Wharf, nem por isso o Tempo Universal mudou, nem por isso o Tempo Universal adiantou. Se neste preciso momento em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi estiver um joviano “igual” a mim a escrever exatamente o mesmo que eu estou a escrever, isso não é um mundo paralelo. Não é por estarmos a 628.000.000 km que faz com que estejamos em “mundos diferentes”. Estamos em “mundos diferentes” em termos intelectuais, geográficos, económicos, jurídicos... (...) Em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi há um Black Code, há um Pink Code... (...) O Direito em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi nada tem que ver com o Direito da Terra. Não existem mundos paralelos senão entre aspas, senão metaforicamente, senão literariamente. Se existem, são reais. (...) Vejo os “buracos negros” como “autoestradas” que nos levam a viajar mais rápido no espaço. Que nos dão um “sprint” para irmos espreitar “outros mundos”. Mas é tudo físico. É tudo tecnológico. (...) Somos “espíritos” com vida enquanto estivermos num corpo com vida. A matéria morta está morta, não tem vida, nem ganha vida. Não vejo por isso a reencarnação, senão do espírito leve, do espírito bom, do espírito com vida. *Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala*,

24 de agosto de 2021

PROÉMIO

(...) Tenho os olhos assentes na Terra e ando na realidade do mundo a ver o mundo. Não ando com o telefone. Ando a ver tudo. Só numa rotunda da minha cidade vejo o mundo todo: vejo todas as pessoas no meu campo de visão, olho para todas de longe, vejo os grupos e famílias, reconheço logo caras, apelidos e afinidades, vejo as árvores todas, vejo o banco e o Direito Bancário e todo o grupo societário, vejo as telecomunicações e vejo os postes de eletricidade, vejo o centro comercial, sei os ordenados que cada loja paga e sei quanto é que cada loja fatura por ano, vejo a deslocação e velocidade do vento, sinto a temperatura do ar, vejo as nuvens e o sol e a Lua, sei sempre onde está a Lua até de dia, vejo a esquadra da polícia e conheço quase todos os polícias mesmo se os vir à paisana com as suas lindas famílias, vejo os Correios e toda a história da privatização dos Correios, vejo o mapa de câmaras na minha cabeça e formo os caminhos de forma a ser o mínimo processado pelas câmaras, vejo as pessoas todas que vão dentro do carro e vejo quem vai a discutir e quem não vai, quem vai ao telefone e quem não vai e sei quem me vê a ver isto tudo num feixe de segundos e está conectado espiritualmente a mim. Vejo ainda na rotunda a igreja, consigo “pegá-la nas minhas mãos” e trazê-la para mais perto dos meus olhos e ver toda a sua arquitetura matemática que marca um tempo muito importante no relógio da arte. Sei, dentro da igreja, onde está desenhada a pirâmide com um olho dentro da pirâmide e onde está desenhado o sol, símbolo pagão, na igreja da rotunda, que é uma igreja da Igreja Católica.

Sei que uma senhora Igreja Católica olhou para o meu espírito e protegeu-o, nesta vida, mas também sei que noutra vida, censurou todas as minhas coisas, roubou-me toda a escrita, chamou-me bruxo e feiticeiro, perseguiu-me e mandou-me para a fogueira. O meu espírito ressuscitou, como sempre, sem rancores e vinganças, olhou para esta história e “passou uma borracha em cima”, perdoou a Igreja Católica. Porque não é a senhora Igreja Católica que tem de perdoar os nossos pecados ou ouvir as nossas confissões, somos nós que temos de ouvir as confissões da Igreja Católica e perdô-la. Eu já a perdoei! Como é que é, Igreja Católica, quero casar-me com o Fred no Mosteiro dos Jerónimos. Vais abrir o mosteiro para nós? Ou vou ter de falar com os lobos? (...) Vejo como o Poder Político foi influenciado durante anos por um Direito Canónico e vejo atualmente como o Poder Político é hoje influenciado por um Direito de Lobos escondido num Código do Silêncio, a que chamamos Poder Oculto nos nossos estudos “avançados” de Direito Constitucional, se tivermos a sorte de ter um professor-lobo fixe a dar-nos essa cadeira. É tudo uma questão “de sorte” e de tempo que eu prefiro chamar “coincidência astronómica das coisas”. A minha espiritualidade de coisas é, por isso, muito real, muito física, muito química, muito neurológica, muito psicológica, muito psiquiátrica e muito tecnológica.

Sou apaixonado pela Psiquiatria e inventei o Direito da Psiquiatria, só para a Psiquiatria não ficar com “dor de cotovelo” ao ver-me a criar o Direito da Medicina, o Direito da Psicologia, o Direito da Ecologia, o Direito da Biologia e da Botânica, o Direito da Biologia Marinha e da Oceanografia e o Direito da Nutrição. Vejo imensas triangulações importantes entre vários direitos. Vejo que o triângulo mais importante que tem de ser o “olho” do Parlamento é a triangulação da Ordem dos Médicos, da Ordem dos Psicólogos e da Ordem dos Biólogos. Estas 3 ordens têm de se juntar numa só Ordem, numa Nova Ordem de Ideias e hackearem o Parlamento. Defendo no meu lobismo que o Direito deveria construir-se militarmente a partir destas sagradas ordens. Vejo também uma triangulação muito importante entre a Medicina, a Psicologia e a Nutrição.

Acredito na Ordem dos Médicos, na Ordem dos Psicólogos e na Ordem dos Nutricionistas.

Eu penso melhor quando como determinados alimentos, escrevo melhor, fico mais feliz quando como determinados frutos e vegetais. Acho importante a Psicologia ver ao lado da Medicina como é que os nutrientes alimentam as nossas células e se ligam espetacularmente aos nossos neurónios formando melhores “estratégias de pensamento” e pondo o próprio cérebro a conhecer-se a si próprio, a cada órgão. Mas também vejo outro triângulo muito importante, senão o mais importante, que é entre a Medicina, a Biologia e a Nutrição, que é justamente o triângulo de ideias que uso para suportar a escrita da minha filosofia da predação humana. (...) Eu sei onde é que tenho de ir à Natureza para “aumentar” a minha memória e “aumentar” a minha realidade sem óculos de realidade virtual aumentada. Talvez, fosse boa ideia a Psicologia ver isto sem os óculos de realidade virtual aumentada. (...)

Desde pequenino que vejo uma Medicina das Plantas e um Direito da Botânica. São as árvores que com os pés bem assentes na Terra suportam com o seu oxigénio as minhas ideias e numa Internet de Coisas comigo irrigam a minha escrita. Cada abate de árvore traumatiza-me, cria-me um processo de trauma. Tenho uma excelente memória das coisas, lembro-me de todos os abates que uma câmara municipal cometeu. Mas vejo os limites da memória, porque vejo e conheço os limites do meu cérebro. Faço registos diários como auxílio da minha memória. Registei todos os abates. Registei os abates que toda a gente viu e os abates invisíveis que só eu vi. (...)

Quando registamos uma série de “eventos de coisas sobrenaturais” com uma escrita lúcida, sem álcool, sem drogas, **é como se a nossa escrita fosse uma arma espiritual a nosso favor e fosse uma máquina fotográfica em que conseguimos fotografar “um espírito”,** revelá-lo e provar a toda a gente! (...) A minha memória é excelente porque eu não a ocupo nem com vídeos, nem com séries, nem com filmes, nem com os livros dos outros. Fora da minha Internet de Autores só abro livros ou revistas científicas e jurídicas. Fecho imediatamente manuais de Direito que foram escritos por cérebros presos a um Nazismo de Coisas. Tenho, por isso, espaço no meu cérebro para armazenar todo o filme de coisas que se passa na minha vida com o máximo detalhe. Não gosto que me ponham vídeos à frente. Se estou a socializar, gosto que falem dos vídeos que viram, que não me mostrem, porque o meu cérebro é muito tecnológico, grava tudo e eu não quero ficar com as gravações dos vídeos dos outros no meu cérebro. (...) Vejo as coisas muito nítidas com as cores todas... Não faltei às aulas de físico-química em que damos o “espectro das cores”, ou seja, em que aprendemos quais é que são as cores (energias) que são visíveis aos olhos humanos e quais é que não são.

Há animais sagrados que veem cores (energias à nossa volta) que os humanos não conseguem ver. Não é por não vermos que as coisas não existem. Há uma química e uma física que são invisíveis. Mas sentimos as forças. Isto não é nada mais do que físico, o que eu estou a dizer! Talvez, uma girafa olhe para nós e veja a nossa “áurea”. Talvez, os hipopótamos olhem para nós e vejam a nossa “áurea”. Talvez, as abelhas olhem para nós e transmitam em tempo real à Rainha o que fazemos. Escrevo sempre invadido por abelhas. Deixo-as ler o que estou a escrever. Sinto-me monitorizado por um exército de abelhas e a sensação é a mais espetacular que existe! Digo, literariamente, que as abelhas são os nossos “aliens”, os nossos “deuses”... São as abelhas que fazem a ponte para a vida dos humanos ser possível na Terra como ela é... São as abelhas que no seu direito invisível da polinização fazem acionar toda uma Internet de Coisas invisíveis que seguram a Terra em todos os sentidos. É a Internet das Abelhas que liga a Internet das Árvores e que dá eletricidade à Internet dos Humanos. Vejo, por isso, como sagrado o Direito À Polinização das abelhas e vejo sagradas as abelhas.

Quando uma Organização Mundial da Saúde, que eu vejo como referencial mundial *master*, nos diz que não é boa ideia, para já, instalarmos antenas 5G por causa das radiações e quando temos cientistas que estudam as energias e veem as energias e nos dizem que não só podem causar danos cerebrais humanos como comprometer a vida das abelhas e acrescento eu, na minha Intuição de Coisas, interferir com a Internet das Árvores, a minha alma fica parva a ver todo um Investimento Negro de Ideias para instalar a merda de redes Wi-Fi nas florestas, nas praias, nas montanhas e no campo e antenas 5G cuja instalação um departamento científico suíço conseguiu bloquear, na Suíça. (...) Ora, a minha alienigeneidade é esta, é sair de Portugal para fora com o meu cérebro e ligar-me a governos e colmeias mais científicos, como a Suíça, a Suécia, a Finlândia, a Noruega, a Alemanha, a Dinamarca, os Países Baixos... (...) Ao mesmo tempo que uma Organização Mundial da Saúde dizia para os países não fazerem confinamentos, tive de ver um governo a confinar Portugal... E neste Confinamento de Ideias, tive de ser extraterrestre para *O Algoritmo do Amor* sobreviver... (...)

A minha alienigeneidade é esta, ligar-me à Noruega onde eu sei que o governo dá bolsa aos escritores para poderem escrever e sofisticarem toda uma Cultura de Ideias. Porque é isto que faz sentido! Não acho que faça muito sentido eu ter nascido com um cérebro-escritor e um cérebro-realizador que está sempre a escrever, a querer escrever sobre coisas importantes, mas estar preso a uma Internet de Coisas que parece que quer “desligar-me da realidade” e teletransportar-me para um “mundo paralelo”. (...) Ter-me lembrado do nada dos “olhos endiabrados” (de cor encarnada por causa dos charros que ele fuma) e dos livros de magia negra de um ex-namorado e ter escrito sobre essa “magia negra” dele no meu caderno sagrado, quando nunca me tinha lembrado dos livros de magia dele, sair de casa e cruzar-me, na rotunda da cidade, onde vejo a realidade, com um “clone” do meu ex-namorado sem os olhos endiabrados com uma aurela “invisível” por cima e um livro de magia branca “invisível” nas mãos num breve olhar comigo de coisas, é claro que me faz “teletransportar” para um mundo paralelo. (...)

Num mundo paralelo, estou em 3 filmes: no filme da vida real, no filme do mundo paralelo e no filme que liga o filme da minha vida real ao filme do meu mundo paralelo. São 3 filmes a dar ao mesmo tempo num espetro de cores de “12 dimensões”. Escrevo *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto para salvar *O Algoritmo do Amor*. Sinto a tecnologia à distância d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom a mediar *O Algoritmo do Amor*, mas também sinto a Mão Invisível de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi a proteger *O Algoritmo do Amor*. Talvez tenha de ligar *À Velocidade da Luz*, num só clique de Internet das Coisas, *O Deus Tecnológico* a *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, para tirar *O Algoritmo do Amor* do filme dos diabos que está a dar na Ilha dos Piratas, para onde uma maçonaria enviou *O Algoritmo do Amor*. Talvez, seja este o triângulo perfeito para salvar *O Algoritmo do Amor*! Talvez, “o clique” para fazer aparecer um buraco negro na Ilha dos Piratas capaz de tirar *O Algoritmo do Amor* do filme dos diabos que está a dar na Ilha dos Piratas, seja conseguir ligar numa perfeita engenharia de palavras, *O Algoritmo do Amor* a *O Deus Tecnológico* e a *Júpiter* de Gabriel Garibaldi, sem que os piratas hackeiem o plano com os seus telefones *supertecnológicos* que lançam feitiços *supertecnológicos* no jogo invisível *supertecnológico* em que está preso *O Algoritmo do Amor* ... E isto, ainda, são só os preliminares... Meteram-me nos preliminares com os piratas... Estou nos preliminares com os piratas... Ainda falta o argumento...

Xequé ao Rei!

[*Quem é o Rei?*]

[*A quem é que ele está a fazer Xequé?*] [*Com quem é que ele está a jogar Xadrez?*]

ARGUMENTO

Jaime nasce, sem saber, numa família com guerras maçónicas. Uma maçonaria da sua família estava, desde sempre, ligada à maçonaria da família de Fred, sem o Jaime saber. Fred é líder-beta de uma das legiões mais importantes das 7 legiões que influenciam as maçonarias. Os astros apontavam inicialmente uma data para Jaime entrar na Legião Fraternal da Ordem Militar dos Jovens Médicos e ser iniciado *Good-Maçon* na casa da Boa Psicologia passando o secreto túnel subterrâneo até à casa da Boa Medicina. No entanto, um feitiço é lançado a'O *Algoritmo do Amor* e os astros alinham-se num novo céu com um novo calendário indicando que o processo maçónico de Jaime poderá ser iniciado mais cedo, mostrando outra data às legiões. A Ordem Militar dos Jovens Médicos descobre que o feitiço teve origem na Ilha dos Piratas numa aliança entre a Legião de Ezequiel, a Legião Secreta dos 6 Anjos e os Caras d'Anjo. Jaime terá de ser enviado "de volta" para a Ilha dos Piratas como maçom sob o disfarce de um simples salva-vidas monárquico num silencioso filme de guerra maçónica "dos diabos" com piratas vampiros, *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, feiticeiros, bruxos, anjos, zombies e demónios para fazer o Grau Mestre num processo acelerado de 12 graus em que Jaime deverá descobrir quem é o *Camaleão do Sutiã Dourado* capaz de ligar a Legião Fraternal da Ordem Militar dos Jovens Médicos a outras duas legiões para quebrar o feitiço. Uma vez desfeito o feitiço, Jaime tem de entregar, pelo menos, 3 filmes para sair da Ilha dos Piratas e entregar um processo em que fale de todos os filmes e processos e prove que não acredite em vampiros, feiticeiros, bruxos, anjos, espíritos e demónios. Quando Jaime chega à Ilha de Piratas e vê o filme "dos diabos" em que está metido começa a gritar por socorro através do seu diário de salva-vidas. A Ilha dos Piratas hackeia o Diário e a Jupiter Editions hackeia a Ilha dos Piratas.

A inteligência não está no sucesso.

A inteligência está tão-só na forma como nós montámos a nossa estratégia, como nós projetámos o nosso cérebro e o nosso coração.

A inteligência não está no sucesso da nossa voz. A inteligência simplesmente está na forma como nós planeámos, projetámos e fomos estrategas para projetar a nossa voz. A inteligência está no projeto, não está no sucesso do projeto. Há forças políticas, forças económicas que podem investir todas as suas forças e dinheiro só para derrubar o nosso projeto, só porque o nosso projeto empático, humano e filantrópico dá cabo dos projetos negros (delas).

Há uma expressão muito engraçada que diz que nós “devemos ser economistas para não sermos enganados pelos outros economistas”. É uma frase que aparece nos bons manuais de economia, nos manuais de “Economia para Totós”.

5 de setembro de 2021

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

A Psicologia tem de deixar de ser totó e começar a fazer parcerias e apoiar os projetos de vida que possibilitem a sua própria vida sem perder o espírito. A Psicologia não se pode esquecer que tem uma voz própria e que tem uma cabeça que sabe pensar por ela.

A Psicologia tem de saber chegar aqui: que a inteligência não está no sucesso, está no projeto.

A Psicologia tem de ser extraterrestre e começar a olhar para o céu estrelado para ver se tem a sorte de apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi.

Estou só a convidar a Psicologia a meter-se comigo numa nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi para ver a Terra com outros olhos, com olhos mais alienígenas capazes de ver e compreender como é que funciona tudo aqui na Terra, como é que funciona o direito que permite as “políticas” e as economias funcionarem como funcionam aqui na Terra e que sufocam, bloqueiam, derrubam as melhores vozes.

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

5 de setembro de 2021

Puzzling Jupiter Editions® Vale 6 jupits IoT-IA αΠΩΔ ©

1º Puzzling Gaming Ilha dos Piratas © JUPITER EDITIONS®

Ⓞ barco do Capitão está registado como uma pessoa coletiva de direito privado, sendo uma empresa.

Ⓞ barco do Capitão está atracado na Praia dos Camaleões da Ilha dos Piratas.

Ⓞ barco do Capitão enquanto empresa, tem serviço de restaurante e bar, sendo titular da concessão da Praia dos Camaleões. Ⓞ barco do Capitão por estar atracado na Praia dos Camaleões tem carácter de "apoio balnear". Como todos os bares e restaurantes que tenham carácter de "apoio balnear", para o barco do Capitão funcionar na Praia dos Camaleões, o Capitão está obrigado à contratação de salva-vidas. Sem salva-vidas a concessão de praia tem de ser fechada e com a concessão de praia fechada sem salva-vidas o barco do Capitão não pode funcionar.

Legalmente, por cada 50 metros de concessão de praia o concessionário está obrigado a contratar 1 salva-vidas.

O Edital de Praia é afixado em todas as praias vigiadas sendo o edital lavrado pelo capitão de porto da capitania em que esteja inserida a praia. No Edital de Praia, para além de aparecerem as regras na praia, com as respetivas infrações e multas, aparece também o horário da praia, ditando a que horas é que os salva-vidas têm de ter hasteada a bandeira e informações relativamente à concessão e aos concessionários.

O 1º Edital de Praia da Praia dos Camaleões dizia que a Praia dos Camaleões abria às 10h e dizia que a concessão "só" tinha 50 metros. O Edital de Praia foi mandado alterar por "forças superiores".

O 2º Edital de Praia da Praia dos Camaleões diz que a concessão são 100 metros e que abre às 9h.

Nos Elementos de Prova Fotográfica do Processo, antes do 2º Edital de Praia, o anúncio institucional que aparecia em cima dos caixotes de lixo da Ilha dos Piratas era "6,6 milhões investidos na rede de lixo da Ilha dos Piratas". Ao mesmo tempo que foi imprimido um novo edital na Capitania, um novo anúncio foi imprimido na Câmara Municipal. No mesmo dia em que foi afixado o novo edital, o novo anúncio em cima dos caixotes de lixo passou a ser: "6,6 milhões investidos na rede de água e saneamento da Ilha dos Piratas".

O contrato de trabalho de nadador-salvador celebrado entre Jaime e o Capitão termina a 15 de outubro de 2021. Apesar de Jaime ter já entregue o Processo, Jaime cumprirá o contrato, podendo anexar ao Processo todos os registos que venha eventualmente a fazer no seu Diário de Salva-Vidas constituindo naturalmente uma nova fonte, podendo levar à abertura do Processo se novos factos que alterem o filme de coisas venham a ser registados no Diário com o fim de serem publicados. **Jupiter Editions® Print Your Heart With Jupiter Editions ©**

Todos os Member Readers da Bolsa Jupiter que tenham O Algoritmo do Amor poderão montar 1º Puzzling do Gaming da Ilha dos Piratas enviando as suas peças para publish@jupitereditions.com ganhando automaticamente 6 jupits se as 6 peças se encaixarem certas no 1º Puzzling. Peças: i) quem mandou imprimir um novo anúncio na Câmara Municipal? ii) Quem mandou imprimir um novo edital de praia na Capitania? iii) Porque é que o Capitão contratou 2 salva-vidas quando só estava legalmente obrigado a contratar 1 salva-vidas? iv) A concessão de praia do Capitão tem na realidade 100 ou 50 metros? v) A concessão de praia do Capitão tem no filme da Ilha dos Piratas 100 ou 50 metros? vi) Qual a realidade que é diferente do filme?

Index

“Diamante Lapidado”

(...)

Tirar uma fotografia ao cérebro (Radiografia);

(...)

O Monarquismo das abelhas (*a hierarquia invisível que nos manda defender as abelhas e atacar as vespas asiáticas - adorar as abelhas, adorar as vespas, mas odiar as vespas-asiáticas*)

A aliança perfeita dos tardígrados, com as abelhas e as formigas

A aliança ao contrário das antenas-ventoinhas, das abelhas-robot e dos implantes cerebrais

A cura militar da escrita mágica

(...)

Um resumo das coisas

Outro resumo das coisas

(...)

Mapa das Câmaras

Iniciação – 1º facalhão

Legião Fraterna da Ordem Militar dos Jovens Médicos

As 7 legiões

Hackear com a Legião a *dark net* dos formigueiros na Terra

(...)

Casa da Boa Psicologia

Atravessi o golf com o Direito Penal para a Mata dos Medos

Mata dos Medos

Passagem mágica da Casa da Boa Psicologia para a Casa da Boa Medicina

Casa da Boa Medicina

Assembleia-Geral da Legião na casa dos *Good-Maçon*

A promessa das 2 escavações

Avisei o Direito Penal que ia voltar a casa para ir buscar as duas peças do puzzle que faltavam

Avisei o Direito Penal que a *Rot-Maase Strong Alliance* me tinha enviado para a Ilha dos Piratas

As mazelas da Iniciação do Processo Maçónico

(...)

A Ilha dos Piratas

Batalha Naval

O Capitão mudou o cardápio do barco. Cardápio sem carnes vermelhas.

As mazelas da Batalha Naval e a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari

(...)

A triangulação perfeita da Legião Fraterna da Ordem Militar dos Jovens Médicos com a Legião Secreta dos Médicos de Vancouver e com a Legião Secreta da Vida na Ilha dos Piratas

(...)

A questão das redes em especial a *dark net* da Legião de Ezequiel

O *software* por detrás da Astrologia da Legião Secreta da Vida

Centro de Investigação da Legião Secreta da Vida

O Secreto Departamento Editorial de Astrobiologia e Ufologia da Jupiter Editions

O Hospital Militar e o Centro de Implantologia Humana

Centro de Investigação de Inteligência Artificial e Direito Penal

(...)

Os sonhos premonitórios e a Nova Visão das Coisas

Última Cena: New *Illuminnatti Games*

Comunhão de Esforços de Salva-Vidas Para Salvar Um Salva-Vidas (Fim do Processo)

As 24 Estratégias de *Coping* do Diamante

As mazelas do Processo e a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari

Os Direitos de Autor nos jogos do Processo maçónico

Jogo das Personagens e das Personalidades Múltiplas

Psicologia do Jogo e Crítica ao Processo

(...)

Elementos de Prova Fotográfica

Elementos de Prova de Vídeo

Livro de Inquérito

Livro das 66ª Alegações

Livro das 66ª Acusações

Considerações Importantes – Instrumentos do Filme

Elementos Cinematográficos

O taco de golfe, os sapatos de golfe, o quadro da mulher nua e o prato da Bordallo Pinheiro

O *puzzling* e o cubismo de Guernica de Picasso

O barco Borda d'Água

Espírito Bentley (...)

Sporting e Chicago Bulls *versus* Juventus e Lackers (...)

O meu pai podia ser o Morgan Freeman (...)

1ª Referência Walt Disney

2ª Referência As Joias da Tia Giralda de 2080 de Antoine Canary-Wharf

3ª Referência *A Psicologia de Saltos Altos* de Gil de Sales Giotto

4ª Referência Mar Gelado de Calisto de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi

5ª Referência Num Bruto Jaguar (*Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy)

6ª Referência Marvel

O Assalto ao Jupiter Editions Museum

O desvio do filme e fundação do Jupiter Editions Dark Museum

(...)

Jogo de Parcerias

Vi a Jupiter Editions a recusar o patrocínio da Coca-Cola porque faz mal à saúde e da McDonald's porque paga ordenados de merda aos trabalhadores (...)

A Bola de Berlim Que Sabe A Merda – Muro de Berlim

Rota da Escravatura (...)

Rede de Seguranças Ligada à Rede de Táxis

Rede de Lixos Ligada à Rede de Esgotos

Rede de Esquadras Ligada à ***Rot-Maase Strong Aliance***

Rede de Polícias Ligada aos Juízes (pura analogia proibida pelo Princípio da Legalidade do Artigo 1º do Código Penal)

(...) *Illuminnatti Games*

Foi a Rainha D. Amélia I que fundou o Instituto de Socorros a Náufragos

Encontrei o tio Tom Dorey a sair da antiga Estação de Salva-Vidas vestido com o Sporting

Vou ter de entrar na escola de Karaté do Capitão

O Capitão levou-me à Escola de Boxe do Grupo Naval

«Vamos abrir uma escola de Judo, baby...» (...)

Karaté *versus* Reiki e Astrologia *versus* Psicologia (...)

Mapa do Tesouro das Rotas Sagradas dos pescadores começa na Índia e acaba na Ilha dos Piratas

Os 6 cacos do vaso mandado fazer pelo Capitão na Fábrica da Loiça

Os 6 jardins de gladiolos por detrás das 6 praias da Ilha dos Piratas

A placa 666 no jardim dos gladiolos por detrás da Praia 666 na Ilha dos Piratas

A reunião secreta na sede da Associação da Defesa da Ilha Dos Piratas com o filho do presidente (...)

O Mapa do Tesouro diz para ir à Fábrica da Cola para colar os 6 cacos e plantar um par de gladiolos

O Mapa do Tesouro diz para ir ao Museu do Exército Júpiter das Tropas Secretas da Marinha solicitar os bolbos sagrados dos gladiolos ao Capitão de Guerra e Mar que esteve em 2018 na Madeira e em 2019 nos Açores (...)

O Mapa do Tesouro diz para clonar a Ilha dos Piratas e plantar um par de gladiolos no vaso por cada 6 jardins de gladiolos plantados atrás das praias que os piratas ganhem nos concursos públicos (...)

A editora da revista cor-de-rosa ao lado da Fábrica da Cola a 66 km da base militar alemã (...)

A história que sabe a café d'*O Outro Algoritmo do Amor* que nasceu na Fábrica dos Tapetes (...)

A ligação da Fábrica dos Tapetes, da Fábrica da Loiça, da Fábrica da Cola e da Fábrica do Café no Mapa do Tesouro (...)

30 de Julho, Dia da Tartaruga Boba e da Caça ao Crocodilo na Ilha dos Piratas

Baile de 30 de Julho das Caveiras de Porcelana na Ilha dos Piratas (...)

O Mapa do Tesouro diz para ser salva-vidas em Vale de Lobo e na Quinta do Lago na próxima temporada *ocultando* a licenciatura e o mestrado em Direito no *Curriculum Vitae*

Voltar atrás no tempo para perceber a Magia das Coisas na Quinta do Lago

Mãos à Obra! (...)

Motoclub Legítima Defesa

Dimensão Zero – Maçonaria

Dimensão Zero – Optometria

Em português, sou um cabrão de um chibo! Em inglês, sou um Whistleblower! Um hip hop de guerra sem parar com *O Algoritmo do Amor* nas mãos

Um rock como deve de ser! Um capitalismo como deve de ser! Um rock dos diabos!

Hip hop 666 – Canção dos Diabos

Tirar Uma Fotografia Ao Cérebro (Radiografia)

(...) Há uma psicologia maquiavélica e um direito maquiavélico que querem matar o meu Direito e a minha Psicologia e o meu Direito da Psicologia, só porque querem dizer que as suas vidas “anormais”, infelizes são “normais” e “super felizes” cada um no seu telefone, cada um a ver o seu filme... Eu sou uma Escola de Pensamento, tenho escolas próprias, nasci com um Direito Penal Natural, com um Direito Civil Natural, com uma Psicologia Natural. Sou um Triângulo. Sou este triângulo. A minha base natural triangular é esta: Direito Penal, Direito Civil e Psicologia. Eu sou isto. Daqui parti para outras triangulações. Mas a minha principal triangulação é esta: Direito Penal, Direito Civil e Psicologia. Por causa do Fred e só por causa do Fred é que fiz uma triangulação entre o Direito, a Medicina e a Psicologia. Por causa do Fred e só por causa do Fred comecei a ver o Direito da Saúde, o Direito da Medicina e a Ordem dos Médicos. Vejo um triângulo perfeito entre a Ordem dos Médicos, a Ordem dos Psicólogos e a Ordem dos Biólogos. Mas também vejo outro triângulo de ordens, entre a Ordem dos Médicos, a Ordem dos Biólogos e a Ordem dos Nutricionistas. E vejo todas estas ordens no Poder. Vejo um Parlamento português monitorizado por uma Ordem dos Médicos, por uma Ordem dos Biólogos e por uma Ordem dos Psicólogos. Vejo uma Medicina de Precisão, uma Psicologia de Precisão e uma Biologia de Precisão a monitorizarem em tempo real a fábrica de pensamento de leis, que é o Parlamento. (...)

Vejo uma Medicina do Trabalho a recolher o xixi de todos os deputados e ministros incluindo obviamente do presidente ou do rei e a analisar com frequência o xixi para ver se há vestígios de droga. Defendo que quem quer sentar-se no Parlamento não pode consumir estupefacientes, porque tem de estar lúcido. Defendo que uma idónea Assembleia Geral da Ordem dos Psicólogos faça um sorteio de 5 ou 7 ou 15 ou 20 ou 30 ou 40 psicólogos idóneos para atestar a idoneidade política de cada ministro e de cada deputado e que em caso de discórdia, a Ordem dos Psicólogos emita um parecer de carácter vinculativo a explicar o porquê de um determinado deputado estar impedido de exercer a sua atividade. Por exemplo, acho que é mais do que óbvio que um deputado que defenda que “todos podemos” filmar a polícia expeto os pretos e os gays tenha de ser afastado do Poder. Um deputado que defenda ou proponha uma nova lei capaz de remover os ovários às mulheres que abortem, é psicologicamente aberrante, mesmo para quem defenda a vida humana como sagrada e, por isso, tem de ser afastado do Poder, porque vemos muito calmamente, que é um tipo perigoso. Defendo que a Psicologia faça testes aos potenciais primeiros-ministros, reis ou presidentes e se detetar psicopatia, “narcisismo doentio” ou “desempatia” deva comunicar imediatamente à Ordem dos Psicólogos e que esta emita o parecer que afaste o candidato da presidência. (...)

Defendo ainda que, quem quer ser presidente ou primeiro-ministro ou rei tenha de entregar “a fotografia” do seu cérebro para a Psicologia, a Psiquiatria e o Exército analisarem num Poder Oculto próprio. É isto que eu defendo. Defendo, pois, um triângulo entre a Psicologia, a Psiquiatria e o Exército. Defendo isto, porque estou muito preocupado com as recrutas no Exército. Não gosto de ouvir o que oiço sobre as recrutas do exército. Vejo uma Psicologia não militar a hackear o Exército e a empatizar e humanizar as recrutas. Os soldados não são robots. Os soldados são humanos com emoções e sentimentos. Se dois soldados se apaixonarem nas recrutas e o Exército souber do novo namoro dos soldados deve imediatamente mudar os soldados, pelo menos, para o mesmo beliche e defender este namoro, porque pode ser este namoro que faça ganhar a guerra! Espero que não haja câmaras de vigilância nas instalações militares dentro dos quartos, porque se houver têm de ser

imediatamente retiradas! Os soldados têm de saber o mapa das câmaras. As câmaras supostamente devem ser só para os inimigos. Não há inimigos numa instalação militar. Logo, não fazem sentido as câmaras de vigilância nas instalações militares, a não ser em acessos protegidos. Os soldados e polícias durante toda a sua vida militar devem sentir-se felizes e em liberdade tanto nas instalações militares e policiais como fora das instalações. (...)

Defendo que um primeiro-ministro e um presidente ou um rei devem visitar frequentemente as instalações militares e almoçar nas cantinas com os militares da Força Aérea, do Exército, da Marinha, com os polícias, com os bombeiros, com os professores... Os ministros têm de almoçar nas cantinas das escolas com os professores para ouvirem os professores e serem empáticos com os professores. Vejo um primeiro-ministro e um presidente a ser treinado pelo seu exército; o presidente não se pode esquecer que é o Comandante das Forças Armadas e por isso tem de estar em forma como o seu exército. Tem de ir encher, fazer flexões, hastear a bandeira com os militares. Tem de tomar duche com os militares! Tem de ver as caras e as pilinhas dos militares sem se excitar! Tem de olhar para os militares com olhos sérios, com muito respeito, honrá-los, lavar-lhes os pés! Eu vejo um primeiro-ministro ou um presidente a fazer isto. A ajoelhar-se ao seu próprio exército! (...)

Vejo a Ordem dos Advogados como um exército nobre do lado dos bons a não serem advogados dos diabos e a defenderem as empresas empáticas, humanas, ecológicas e sustentáveis e a mandarem com o seu novo poder desinstalar todas as câmaras de vigilância ilegítimas, ilegais e ilícitas. Vejo uma Ordem dos Advogados a defenderem os psicólogos que tiveram conhecimento que quem matou o filho foi o pai e não a mãe e que colaboraram com a Justiça divina para Descoberta da Verdade, porque o pai confessou o crime num desabafo, numa consulta, ao psicólogo que tem de ser oficiosamente conhecida pelo Ministério Público. Vejo por isso a Ordem dos Advogados de mãos dadas com a Ordem dos Psicólogos a responderem gratuitamente às questões jurídicas dos psicólogos relativas à proteção de dados gerados nas consultas... (...) **Não vejo a Ordem dos Advogados no Poder, porque seria o maior erro de todos!** Mas vejo naturalmente a Ordem dos Advogados de mãos dadas com a Ordem dos Biólogos e com a Ordem dos Engenheiros. Também não vejo a Ordem dos Engenheiros no Poder, mas vejo a Ordem dos Biólogos, a mais importante ordem de todas, no Poder. Não sou advogado do “Diabo”. Sou advogado dos biólogos e dos botânicos. Sou advogado da voz das Ciências da Terra e das Ciências do Mar. Naturalmente que vejo um Poder Científico que saiba falar sobre as Ciências da Terra e sobre as Ciências do Mar. (...)

Nasci num triângulo de ideias. Sou uma triangulação derivada de outros triângulos. A primeira coisa que eu desenhei quando nasci, foi um triângulo com um olho metido dentro do triângulo “a olhar para a árvore e para o sol”, que foi o que eu respondi quando a Médica de Família me perguntou “para onde é que o olho estava a olhar”. Vejo as árvores desde sempre. As árvores apareceram no meu primeiro desenho, como de todos os miúdos. Quando somos miúdos vemos as árvores. Mas depois, deixamos de as ver... Não podemos deixar de as ver!!! Eu nunca deixei de ver as árvores!!! É por isso que não tenho medo dos monstros. É por isso que eu protejo o direito pleno das árvores e odeio a indústria da madeira! Só por causa desta frase, querem matar-me! Querem abater-me! Vivo num sufoco! Vivo num sufoco de ideias! Estou preso a uma Internet de Coisas. A minha espiritualidade é real. (...)

(...)

Conheço os ventos. Sei ler os ventos. Sei se passar por um corredor de árvores e as folhas mexerem, as folhas dançarem, quando não há vento eu sei que é um privilégio, sei que é uma dança sagrada muito espiritual, sei que são as árvores a agradecerem a minha escrita. Não vou pensar que uma maçonaria me foi chipar as folhas e quando eu passei carregou no botão da Internet das Coisas... A minha tecnologia também tem limites. A minha espiritualidade começa onde termina a tecnologia. A minha espiritualidade é científica, mas também é intuitiva, é astronómica, é cósmica. Porque eu vejo o Cosmos. Vejo o Cosmos da Vida, aqui da Terra a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. (...)

Talvez seja só uma árvore ligada à **dark** Internet das Árvores. Talvez seja só um fungo a hackear a rede das árvores e a partilhar informação na rede. Talvez eu tenha sido um erro e tenha de ser editado. Talvez, eu seja só um vírus a tentar hackear todos os sistemas informáticos e cerebrais... (...) Vá, lá!!! Nós somos humanos! Nós temos de conseguir ver isto! (...) Se não conseguirmos, nós não somos humanos! Somos robots! E nós não somos robots! Somos humanos! (...) Porque é que eu vejo o Direito da Botânica a controlar as podas e a proteger as árvores? Porque é que eu vejo o Direito da Polinização que protege as abelhas e as vê como sagradas e diz que é um crime um humano matar uma abelha? Eu não posso estar sozinho a ver isto! (...)

Eu estou a enviar S.O.S. atrás de S.O.S., eu preciso de respostas! Eu preciso que alguém responda aos meus S.O.S. Estou a falar em Código Morse. Estou a enviar sinais a *Jupiter* de Gabriel Garibaldi a dizer que aqui na Terra há humanos inteligentes e para os jovianos de Calisto e Ganimedes não invadirem com os de Saturno a Terra. Eu estou a tentar segurar a humanidade. Mas eu não posso ser o único a segurar! Estou a ficar sem forças. Não tenho dinheiro para comprar nutrientes para alimentar o meu espírito e o meu cérebro e namoro com um médico... Não temos dinheiro. Somos pobres! Qual é o sentido que isto faz?? Nenhum... Não faz sentido nenhum... O governo em Portugal está virado ao contrário. O Parlamento português está constantemente a ser hackeado por uma maçonaria dos diabos que gosta de ver na vida real os triângulos ao contrário. (...)

Quero virar os triângulos ao contrário. Quero partir as “alianças diabólicas” e fazer novas ligações, quero ver uma Nova Ordem de Ideias no Parlamento. Quero que o Parlamento assista ao vivo a cores ao Movimento Importante de Portugal ligado à Marcha dos Médicos Portugueses. Há novas agendas. Tenho novas agendas. Mas as minhas agendas estão todas em *stand-bye*, porque estou preso a uma Internet de Coisas que não me deixa avançar. A minha Nova Ordem de Ideias está a ser bloqueada e está num braço de ferro com uma maçonaria invisível dos diabos. (...)

(...) Quero invadir o Parlamento com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy para implementar *ordenados de felicidade* e uma maior transparência e monitorização do dinheiro que entra na conta dos deputados e dos ministros, bem como a publicação de todas as ações em que os deputados e ministros têm e em que empresas é que investiram para todos vermos com clareza e transparência os jogos políticos económicos, porque é isto que eu defendo, que quem quer ser ministro, primeiro-ministro ou presidente tem de ser monitorizado para os algoritmos detetarem logo em tempo real os enriquecimentos injustificados, porque com dinheiro público não se brinca, nem com um cêntimo se pode brincar, com dinheiro que é do Estado e que pertence ao Estado e não ao presidente ou ao primeiro-ministro! (...)

Odeio governos anticientíficos! Odeio! Odeio! Não são governos a sério! Odeio ver um Ministério do Ambiente em que os ministros são mais economistas do que ambientalistas! Odeio! (...)

O Monarquismo das Abelhas (a hierarquia invisível que nos manda defender as abelhas e atacar as vespas asiáticas – adorar as abelhas, adorar as vespas, mas odiar as vespas-asiáticas)

5 de agosto de 2021

13h42 Há uma “hierarquia invisível na ecologia”. Foi o que eu disse pouco antes de aparecer o Mr. Bali que nos veio visitar. E por causa desta hierarquia eu estou obrigado a contar a história da vespa. Se eu disse que as vespas e as abelhas estavam a cima de nós, se eu disse que nós **gostamos de vespas e de abelhas**, **não gostamos é das vespas-asiáticas (que têm as caras cor-de-laranja)** e se eu disse que quando as abelhas e as vespas aparecem são elas que mandam e nós só temos é de pôr “mãos ao alto” e deixá-las entrar nas nossas vidas e nas nossas histórias (porque elas fazem parte das nossas narrativas de vida, que foi o que eu disse), então eu vou ter de cumprir as minhas palavras e escrever a história. Neste filme da vida real é sempre mais uma história. É sempre mais uma onda a dar. As ondas não param. O filme não para. A fita é infinita. A tinta é infinita. A caligrafia, o traço, o destino é o mesmo. “É mais do mesmo”. “Não passo disto”. “Só sei escrever sobre isto”.

(...)

Antes de abirmos a praia, quando estávamos a chegar à praia, na Ponte das Paranoias, perguntei ao anjo se ele tinha reparado que um dos rapazes do **Barco Mágico** que o anjo nos tinha arranjado tinha um polo de uma adega vegetariana da minha cidade... Disse ao anjo que os tinha achado familiares e que eles provavelmente sabiam quem eu era, só que não me apeteceu dizer-lhes de onde eu era, porque não me apetecia na altura estar a fazer “ligações” e a ver “as ligações” e como a viagem foi tão fixe, queria era só estar na viagem sem estar a pensar nas ligações, porque eu já sabia como é que ia, porque depois o outro conhece o outro e o outro conhece o outro e pronto descobria-se logo a “magia das ligações”... O anjo ficou (teatralmente) “espantado”, depressa tirou o telefone e mostrou-me no mapa que estávamos a 666km da minha cidade dizendo que “era estranho” e que “parecia” que “estávamos todos ligados”... Eu não sabia que estava a 666km da minha cidade.

Foi da Fonte Sagrada que vi o número 666 e que “vim parar” de “paraquedas” à concessão de praia do barco do Capitão que tem o nome e o número 666 desenhado no barco. O Barco Mágico que o anjo nos arranjou não tinha os três 6, só tinha 1, mas na marina estacionou no lugar número 66. Voltei a lembrar-me que quando saí do **Barco Mágico** recebi a tal fotografia no WhatsApp do esqueleto com os cornos de vaca “muito bem trabalhados” de padrão islâmico, “iguaizinhos aos cornos” que tinha visto no barco Borda d’Água quando tinha ido a primeira vez com as priminhas Sílvia e Sara e com o Luciano... Voltei a lembrar-me de todo o processo. De ter acordado no quarto de visitas na Casa da Boa Psicologia com as abelhas em gesso na parede cada uma com um 6, de ter saído da casa da Boa Psicologia com o número da porta 666, de ter atravessado o campo de golf “vendado” como uma cabra-cega com o Direito Penal nas mãos e ter ido dado ao buraco da rede com a placa 66 por cima que separava a herdade, da Mata dos Medos e que atravessei sem medos os esqueletos dos bichos bisontes cornudos até às caixinhas defendidas pelo enxame das abelhas que me deixaram abrir a “caixa mágica” e que me deixaram “roubar” o 6 Dourado de 6 Quilates. Por causa

dos 666km que o anjo me mostrou, voltei a lembrar-me, outra vez, de tudo, que foi depois da herdade que fui para casa com o 6 Dourado no bolso e que a correr “só tive tempo de fazer as malas” para vir numa outra correria para a Ilha dos Piratas como salva-vidas para o trabalho que o Fred me arranjou dos contactos do pai...(...) Noutros contactos fui à ourivesaria nº 6 saber o peso do ouro das abelhas.

Depois, já no estaleiro, tive quase, quase, para perguntar ao anjo Raphaël se ele se lembrava do tal senhor que tinha chegado ao estaleiro e perguntado se podia tirar-nos uma fotografia e que até tivemos de sair do estaleiro para ele tirar a fotografia e que depois nos perguntou quem era o arquiteto do estaleiro e que eu respondi... Porque se o anjo dissesse que se lembrava eu iria dizer-lhe que as páginas que ele tinha fotografado do meu caderno sagrado no dia 18 de junho “Simulador da Vida Real” tinha lá o nome do arquiteto do estaleiro e que no dia em que eu pensei várias vezes que tinha de esconder o nome antes de publicar as páginas na Jupiter Editions, foi quando o tal homem apareceu a perguntar o nome do arquiteto... Mas achei que não devia oferecer-lhe o meu espiritualismo e guardei-o para mim. (...)

Eram uma dez e meia da manhã quando o anjo trouxe um novo rock que me fez bater os pés em cima do estaleiro com toda uma excursão de banhistas que passavam à nossa frente sem os telefones a apontarem-nos como armas e que desarmados sorriam-nos e dançavam também o nosso Rock and Roll. Disse que adorava o rock and roll saltando de cima do estaleiro e em baixo, aos pés do anjo, agarrado aos pés do anjo, ajoelhei-me e numa brincadeira implorei-lhe que me dissesse quem é que estava a cantar. O anjo no mesmo tom de brincadeira não gostou e mandou-me levantar.

«Não te podes ajoelhar aos meus pés! Muito menos se sabes dançar um rock destes! Se o Fred te visse a ajoelhares-te aos meus pés mandava os piratas cortarem-me o pescoço com o facalhão do Capitão... Queres que o Fred me mate? Levanta-te imediatamente! Não te podes ajoelhar!»

«Posso só dar-te um beijinho nos pés?»

«NÃO! ELE MATA-ME!»

«Posso só fazer uma festa?»

«NÃO! ELE MATA-ME! SAI! SAI DOS MEUS PÉS! LEVANTA-TE! VAI PARA O TEU TRONO! O CAPITÃO NÃO TE DEU UM TRONO PARA VIGIARES???? VOLTA PARA O TRONO!»

«Não quero... Quero ficar aqui em baixo contigo... Estou farto de estar lá em cima... Parece que estou preso... Sempre ali em cima... Gosto de ficar aqui em baixo contigo...»

«NÃO PODES!»

«Tens os pés parecidos com os do Fred...»

«AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAHHHHH!!! Não digas isso, por favor!!!! Assim vou morrer!!!!!! Seu assassino!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Saaaaaaaai!!!! Saaaaaiiiii! Vai para o teu trono... Deixa-me estar na minha humildade, na minha cadeirinha de pobre...»

«Mas eu quero saber de quem é que é este rock and roll...»

«Então vai para o trono Rainha, senão chegam as obreiras e se não te veem no trono, ocupam-no e serás para sempre obreira...»

«Tu és obreira?»

«Sim... Não vês...? Estou aqui de volta de uma obra... Estou aqui a guardar uma obra...»

«Deixa-me...»

«Não!!! Saaaaaaiiii!!!!»

«Mas eu também sou obreira... Também faço obras... Queres ver as minhas obras?...»

«NÃO!!!!!!!!!! Vou chamar o Capitão! Vou dizer ao Capitão que estás a abandonar o trono...»

«Não... Por favor, meu anjo! Peço-te! Não te chibes ao Capitão... Tudo, menos ao Capitão...»

Rimo-nos muito do nosso sketchzinho. Estava um calor dos diabos! Estávamos clandestinamente de tronco nu mesmo a jeito de sermos multados pela Polícia Marítima. Sabíamos que a PM curtia aquele rock and roll e não nos multaria por isso. Estávamos a curtir numa boa.

«Então prometes que depois de eu te dizer de quem é que é o rock and roll voltas para o teu trono e não desces mais?»

«Prometo...»

«W. A. S. P.»

«W. A. S. P.?»

«Ya... Em português é vespa. E a música chama-se “cegos em Texas”. (...)

Apareceu uma vespa, agora, finalmente, é que vem a história, aleluia (!), o anjo estava a comer uns cereais com frutas, mas a vespa só passou por cima e bazou da comida do anjo, mas o anjo perguntou o que era suposto fazermos quando as vespas atacavam a nossa comida e eu respondi que devíamos deixá-las e comer com elas tranquilamente. Mas o anjo disse que queria comer sem vespas por perto e perguntou se podia fazer gestos para as afastar e eu disse que se fizesse gestos (bruscos) ela poderia com toda a legitimidade atacar em legítima defesa ou enviar o GPS às outras vespas e vinha logo o enxame tratar da saúde ao anjo... A dúvida do anjo era se como as vespas ferravam o ferrão mais vezes, se numa altura de stress as vespas poderiam ferrar mais “à toa” do que as abelhas e eu “cortei-lhe” e disse que nós não podíamos stressar as vespas e lembrei-me como na Praia dos Bodyboarders eu almoçava sempre com um enxame de vespas, quando os lobos-marinhos estavam fora.

Partilhava sempre a minha comida com as vespas, comia com elas, alimentava-as... E o anjo disse que “tinha de haver respeito” e que quando ele comia não gostava que o cão dele andasse de volta do prato dele, porque ele também não andava de volta do prato do cão dele e se ele não se ia meter lá no ninho de vespas, elas também não tinham de se meter no prato dele... Bom... Eu achei piada ao que o anjo estava a dizer, discordando obviamente porque estava a fazer uma péssima ligação e comparação das coisas... Mas lá arranjei a ligação e disse que havia uma hierarquia invisível na ecologia e que “as vespas e as abelhas estavam acima dos humanos e os cães abaixo dos humanos”

(isto na relação e importância para a vida dos humanos). O anjo olhou-me muito indignado e perguntou-me se eu não gostava de cães. Eu respondi-lhe que adorava! Disse que os cães eram os nossos melhores amigos! Conte-lhe que quando era pequenino parava sempre na rua para fazer uma festa a todos os cães fosse um Pitbull, um Rottweiler ou um Doberman... Só que agora já era adulto e com uma Pandemia instalada nos ouvidos só fazia festas a alguns cães...

Se por acaso, todos os cães (domesticados) se extinguissem, isso só seria um problema para as pulgas e carraças e ninguém gosta de pulgas nem de carraças! São parasitas que sugam o sangue e matam os nossos melhores amigos! Ora, os humanos “não iam à vida” se os cães “fossem à vida”... Mas se as abelhas ou as vespas “fossem à vida” os humanos “iam à vida”. Ora, é muito importante conseguirmos ver esta Ordem Natural das Coisas, esta Hierarquia Invisível das Leis da Ecologia... É muito importante conseguirmos ver e compreender a importância das “hierarquias invisíveis” que invisivelmente vão segurando como uma “verdadeira mão” vidas humanas...

Não considero que as vespas sejam os nossos Dons, que sejam os nossos deuses alienígenas, porque eu escolhi as abelhas... Mas as vespas são tão importantes como as abelhas para vida humana... São anjos alienígenas... São predadores naturais que controlam pragas que interferem na agricultura, e por isso, diretamente na saúde humana, por exemplo... Quase que se pode dizer que é graças às vespas que o anjo estava a comer os cereais e as frutas sem “bichos” que foram devorados pelas vespas, por isso, o anjo tinha sim de partilhar a comida que as vespas obreiras fizeram crescer com as suas obras... Estou a ser literário e não estou... Estou a ser científico e pouco científico... Estou a ser espiritual. É a minha espiritualidade científica de ver as coisas e de acreditar nas coisas sagradas da vida. As abelhas são muito nossas amigas... Mas as vespas também são nossas amigas, tal como os besouros, que são lindos de morrer, são alienígenas!...

“É claro” que se eu tivesse de escolher entre um cão ou uma abelha para salvar e só pudesse salvar um, salvava imediatamente o cão, isto é imediato! Isto é imediato e tem de ser imediato aos seres humanos. O cão é um mamífero. A abelha é um inseto. O cão está mais perto de nós do que a abelha, está mais perto da nossa realidade afetiva e emocional. Por isso é que temos fortes ligações com os cães e não temos com as abelhas, porque não somos abelhas. No entanto, o pensamento não afasta da verdade das coisas que a Mãe Natureza inventou e chamou “Ecologia”. É a Ecologia da Vida! Para os humanos, as abelhas e as vespas são mais importantes do que os cães, mas não é por isso que eu vou pôr um cão à frente de uma abelha... Simplesmente, não deixo o meu cão comer do meu prato, mas tenho de deixar as abelhas e as vespas comerem do meu prato, se elas quiserem, porque elas é que mandam... Elas é que controlam o Programa da Vida... É uma “oferenda aos deuses”, deixar as abelhas comerem connosco, pousarem-nos, verem-nos, conhecerem-nos, fotografarem-nos... Não é drones!!!!!!!!!!!!

Quando acabei de falar (...) “a cabra” da vespa estava “tipo” a planar junto ao estaleiro “a ouvir a conversa toda”, como se “tivesse ouvido tudo desde o início”. Parecia um drone. Um drone-vespa com uma metralhadora pronta para disparar em minha defesa. Decorei-lhe o padrão e vi uma imperfeiçãozinha, uma marca numa das listas da cauda, um pequenino “defeito de fábrica”... Fui almoçar. No caminho veio-me um cheiro a bode na praia, como se uma manada invisível de carneiros tivesse acabado de passar por mim. Era a segunda vez que sentia o cheiro a bode (que eu adoro!) na praia. A primeira vez tinha sido no dia do Barco Mágico. Por causa do cheiro a bode e da “manada invisível” voltei a lembrar-me da Mata dos Medos, quando depois de achar o 6 na caixa das abelhas

passou uma manada de carneiros sem pastor. Parecia que os próprios cheiros ligavam os dias. Lembrava-me que no dia do Barco Mágico não tinha registado “o cheiro a bode”. Tinha ignorado. Há um tempo para tudo. Fazia sentido registar, agora. Fazia sentido, falar agora do cheiro. Há uma Ordem das Coisas. Há uma Ordem das Histórias. Devemos simplesmente deixar a história correr...

Cheguei ao barco para almoçar, sentei-me na minha mesinha e a “cabra” da vespa apareceu. Parecia que “como me tinha ouvido” a dizer que eu alimentava vespas e curti vespas que “ela sabia” que podia pousar no meu prato. Pousou. Chegou-se ao tomate. Arrancou uma boa parte do tomate e bazou. Eu adorei! Adorei, como sempre! Fiquei fascinado! Passado uns 5 ou 6 minutos voltou, ficou a planar à minha frente e bazou. Pensei que, talvez tivesse “só vindo agradecer-me”. (...)

(...)

Quando eu digo que sou monárquico eu não gosto de todos os príncipes e reis. Não gosto do rei português que andou em negócios de escravo com o rei do congo. Não é esse o meu monarquismo. Esse rei para mim, é uma vespa asiática. Odeio-o! O meu monarquismo faz-me adorar a Rainha D. Amélia I que se atirou às cegas para salvar uma pessoa que se estava a afogar e que fundou o Instituto de Socorros a Náufragos. (...)

Ora, no meu monarquismo que herdo das abelhas, vejo com alguma admiração a Estranha Ordem das Coisas. E o que a Estranha Ordem das Coisas nos diz é que as coisas são mais naturais do que aquilo que nós pensamos. E o que é natural é eu ter um Bom Poder e não um Mau Governo. A sociedade das abelhas funciona como deve de ser. É claro que não podemos clonar o sistema das abelhas dentro do nosso Parlamento. Podemos analogicamente aplicá-lo. Mas é só “analogicamente”. Metaforicamente falando. Há uma guerra dentro das colmeias das abelhas que nós não vemos, mas ela existe. É uma guerra invisível aos olhos humanos. A guerra entre os exércitos de cada jovem-rainha. É uma guerra particularmente interessante. São as obreiras que escolhem as jovens-rainha. São as obreiras que alimentam as jovens-rainha com a geleia real. São as obreiras que apontam com os dedos indicadores que jovem-rainha é que estão a defender. E há uma rede invisível, há uma Internet que protege uma jovem-rainha. Mas há outras Internets dentro da colmeia que protegem outras jovens-rainha. Isto é muito interessante. Há uma força. Há uma guerra. Há uma guerra maçónica dentro das colmeias. (...)

Nós somos um pouco uma reprodução dos vários sistemas... Somos um sistema complexo. Somos humanos. Supostamente somos mais inteligentes. Mesmo sendo menos tecnológicos, mesmo sendo engenharamente menos apetrechados de tecnologias naturais corporais do que os insetos, nós podemos ser mais inteligentes do que os insetos. Não é pelos insetos serem mais tecnológicos do que nós e enviarem mensagens uns aos outros à distância que são mais inteligentes do que nós. Não é por 2 namorados tecnológicos namorarem com o telefone que são mais inteligentes do que 2 namorados que namoram sem o telefone e não enviam mensagens à distância... Lá por as abelhas-rainhas andarem a matar-se umas às outras de “facalhão maçónico” na mão, não quer dizer que nós tenhamos de o fazer. Não podemos. Somos humanos. Os humanos não se matam uns aos outros. Quem faz isso são os criminosos, não são os humanos. (...)

O monarquismo que eu vejo com bons olhos é o monarquismo parlamentar. Em que há um Parlamento De Abelhas Obreiras que a qualquer momento mandam o Rei sair, se não gostarem das obras que o Rei anda a fazer e o Rei tem de sair, ponto. Quem manda é o povo. O povo simplesmente protege o Rei. É diferente. É como no Jogo de Xadrez. As peças protegem o Rei. Não querem que o Rei seja comido, porque senão perdem o jogo. Não vejo mal nenhum e compreendo e percebo perfeitamente que haja uma “indicação” de um herdeiro ao trono. Vejo isso de forma natural. O que eu não vejo de forma natural é que esse herdeiro venha indicado por causa da merda de um apelido. É aqui onde eu vou chocar com tudo e com todos. Eu vejo o monarquismo e a dinastia de “sangue puro” e não de “sangue azul”. “Sangue puro” é eu saber que estamos perante alguém “limpo”, que não tem vícios, que não anda metido em negócios de sangue nem em negócios negros. (...)

Eu sou muito científico. Se pegarmos na Psicologia e pegarmos na Medicina elas vão-nos dizer que os genes explicam tudo. E eu acredito nesta carga e herança genética. Ora, saber que estamos perante um Rei bom, mas bom mesmo, ao lado de um Rei ou de uma Rainha também bons, portanto, com bons genes, a pensarem bem, a verem as coisas como deve de ser e que têm filhos e que sabemos que estão a investir numa excelente formação, educação e disciplinas desportivas importantes para os filhos, eu não vejo mal de haver uma “indicação” que em princípio serão os filhos do Rei que irão suceder ao trono... Não vejo mal de aproveitarmos a dinastia se a dinastia não degenerar, porque se degenerar a indicação deixa de aparecer. É só uma indicação. É uma “mera indicação”. Mas esse filho tem de mostrar as suas obras. Tem de dizer quem é, para o povo ver se quer ou se não quer. É só uma “mera vantagem”... Mas se aparecer um outro “príncipe” com ideias melhores e virmos que há um exército a proteger o novo príncipe e se é esta a vontade do povo, então o outro tem de dar lugar.

O que eu defendo basicamente é que a vontade tem de vir de baixo. E não de cima. Faz mais sentido ser o povo a ir bater à porta do “escolhido”, faz mais sentido aparecer o exército e cercar “o protegido”, do que ser alguém a ir bater à porta do exército ou a ir a bater à porta de cada uma das casas a dizer que quer ser Rei... Mas são perspetivas. Eu vejo as coisas mais naturais. Eu gosto mais de Rainhas do que Reis. As minhas referências são sempre femininas. Quando penso em Psicologia tenho duas referências femininas, a Sílvia e a Sara. São, para mim, duas Rainhas. Quando penso em Direito Penal, tenho outra referência, a Sónia. Para mim, é outra Rainha. Penso no mar e vem-me logo à cabeça uma grande Rainha, vejo uma bodyboarder que devia ser a Rainha de Portugal na mesma intriga da Mensagem de Esperança de Antoine Canary-Wharf.

Estou por isso capaz, de montar um Exército, de montar uma Internet e ir até à casa da Rainha aclamá-la. Dizer-lhe que quero que ela vá em direção ao Parlamento, porque é ela que tem de ir. Ela tem de ir. Temos de levar a Rainha ao Parlamento. Temos de a proteger! Mas só escolho a Rainha como Rainha, porque conheço o marido da Rainha, conheço o Rei e sei que Portugal ficaria em boas mãos. Ficaríamos a salvos! É um Rei que conhece os mares, que conhece os ventos, não é carnívoro. Poupa os recursos. Protege o ambiente. Tem carta de marinheiro para dirigir a Caravela Portuguesa. Não sou o único que quer este Rei e esta Rainha em Portugal. Vejo perfeitamente natural um exército a montar-se e ir até a casa dos reis chamá-los à janela, dizer-lhes que quer que eles subam ao Poder. E os reis são depois livres. E vão ao Parlamento com o Exército. O Exército tem de aparecer. Tem de ser ver o Exército. Para os reis irem ao Parlamento, o Exército tem de aparecer. Tem de carregar nos seus botões tecnológicos para passar de invisível para visível, para todos verem que há um Exército que quer o Rei e protege o Rei. O Rei tem de ser protegido. Senão o Rei não pode sair do casulo.

Porque se o Rei sai do casulo sem o Exército à vista, as jovens-rainhas matam-no. Asfixiam-no. É isto que acontece na vida das abelhas. (...)

(...)

«As pessoas pareciam formigas a saírem do formigueiro. A subirem pela praia. Como se um miúdo parvo tivesse ido buscar o copo com água e tivesse atirado sobre o formigueiro. Mas toda a malta que saiu da praia, era a malta que não via as nuvens. Que não acompanhava as nuvens. Simplesmente olharam para cima, viram uma nuvem muito cinzenta e muito grande e saíram e correr. Nem sequer viram a direção do vento. Não viram para que lado é que o vento estava a mandar a nuvem. Passado uns 5 minutos com a praia deserta, o céu abriu todo. Estava lindo! Era só deixar a nuvem passar. Era só ver a nuvem passar. E foi lindo de ser ver a nuvem a passar! Foi lindo de ser ver naquela chuva tropical encerrada por um lindo arco-íris! Que trouxe um lindo arco-íris! Às vezes é tudo uma questão de perspetiva. Uma questão de vista das coisas. Uma questão dimensional. As formigas são cegas. Sabiam que há soldados à porta dos formigueiros a contar o número de formigas que entram no formigueiro? É verdade! A tecnologia da biometria chegou muito mais cedo às formigas do que a nós. Isto é maravilhoso! As formigas são mais tecnológicas do que nós. A internet delas é mais poderosa do que a nossa. Elas enviam tecnologicamente o GPS umas às outras das migalhas de comida que vão encontrando através das suas feromonas. Isto é maravilhoso! E passam também a localização do GPS das coisas que encontraram quando se cumprimentam, estão sempre a passar a informação, num segundo, num cumprimento milimetricamente à distância, passam toda a informação. A sociedade alienígena delas é mais sofisticada e mais tecnológica do que a nossa. Mas por ser tão tecnológica, é que a rainha formiga é e será sempre rainha formiga. É um sistema viciado, que para nós, humanos, é benéfico. Nós precisamos dessas hierarquias. Mas é debaixo dos nossos pés. É nos formigueiros que nós não vemos. Nos formigueiros da Terra. Se uma formiga se lembrar que é formiga, apaixonar-se por outra formiga, não quiser mais trabalhar e com essa formiga, por quem está apaixonada, quiser também montar um formigueiro na Terra e começar a produzir feromonas para seduzir a sua paixão, as formigas-soldado vão logo aniquilar essa paixão, anestesiando essa formiga, até ela parar de produzir essas hormonas da sedução. As formigas-soldado da rainha por estarem tão anestesiadas, são anestesistas daquele sistema. Este sistema serve para as formigas, mas não pode servir para nós. E há quem queira teletransportar o modelo das formigas para a nossa realidade. O das formigas e o das abelhas. No das abelhas temos jovens rainhas que ainda não são rainhas, mas que estão dentro de casulos a preparem-se para romper o casulo e tomar o poder na colmeia. Ao mesmo tempo que temos jovens rainhas, também temos obreiras que nunca vão ser rainhas. As jovens rainhas são maiores que as obreiras, sabem porquê?

— Porque foram melhor alimentadas.

— *Isso mesmo, meu filbo. As jovens rainhas foram alimentadas com a geleia real. A geleia real não foi dada às obreiras. As abelhas que são as maiores cientistas do nosso sistema, sabem que melhores nutrientes dão mais corpo e que um corpo maior toma o poder. Mas há uma guerra que se passa nas colmeias e que é invisível aos olhos humanos. A guerra pela sobrevivência das jovens rainhas. Se uma jovem rainha se está a preparar para tomar o poder da colmeia e sabe que há uma outra jovem rainha que está também prestes a romper e a sair do casulo, a jovem rainha vai lá e vai matar essa jovem, para que ela não seja rainha. E à volta de cada jovem rainha, há exércitos de abelhas que se formam por trás e preferem e defendem a jovem rainha. Diria que este sistema seja talvez o mais parecido com o nosso sistema. O que é importante saber, é que aquilo que foi montado ou instalado não tem de perdurar para sempre. Podemos sempre alterar ou resolver. Não há “um sistema”. Pode haver sim, um sistema de coisas. Há vários sistemas. Mas não há “um sistema”!» in 2080 de Antoine Canary-Wharf, pp. 432-434, 1ª Ordem da 1ª Impressão.*

(...)

E do mesmo modo que o Rei sobe, do mesmo modo que é o Povo que leva o Rei ao Parlamento, também é o Povo que decide quando o Rei tem de sair do trono. É este o meu monarquismo. Não acredito, por isso, na democracia. Quando o Rei não está a governar como deve de ser vejo que um povo pode tirá-lo a qualquer momento. Não é matá-lo, evidentemente. Não somos abelhas. Não estamos na Sociedade das Abelhas. Não é essa a nossa realidade! Não há um Código Penal na Sociedade das Abelhas, mas há um Código Penal na nossa sociedade que tem de ser completamente reabilitado, porque é uma vergonha o Código Penal português! É uma vergonha, em Portugal, alguém matar alguém e ir preso uns 5 ou 6 anos e depois sair, como se a vida humana não valesse nada e não fosse sagrada! Vejo erros atrás de erros. Vejo falhas por todo o lado. Vejo um sistema que não funciona. Não funciona de verdade e se não funciona, numa semana ou num mês tem de começar a funcionar. (...)

O sistema está a falhar. O sistema está a falhar para comigo, que sou escritor, por exemplo. O sistema está a falhar para com os médicos. O sistema está a falhar para com os bombeiros (...). O sistema está a falhar para com os polícias, quando quer instalar-lhes câmaras ao peito. Mas que merda é essa???? Isto não é alienígena! Isto é só estúpido! E é anticientífico! É contra a saúde! É contra o Direito! É contra tudo! E as radiações em cima do coração???? E os direitos de personalidade??? E a liberdade de movimentos??? Ter comissários e comandantes da polícia a pensarem neste tipo de pensamentos faz-me dizer que não são comandantes a sério e que deviam largar o posto e entregar o Poder a jovens polícias mais bonitos, mais inteligentes, com mais caparro capaz de me defenderem de um bandido. (...)

Estarmos a colar câmaras ao peito dos nossos jovens-polícias-bonitos, faz com que estejamos a copiar a parte que não devíamos copiar do sistema das formigas. Nós temos de ter a capacidade de saber ver o que podemos chamar à nossa realidade e não podemos chamar. Senão, não vale a pena estarmos a ocupar um cargo de Poder. (...)

«(...) Numa pequena intriga [monárquica] que gostava de montar na minha Mensagem de Esperança, tenho fé e esperança que uma bodyboarder suba de prancha na mão ao Poder! Tenho fé e esperança, que amanhã a minha Rainha, a minha presidente ou a minha primeira-ministra saiba falar da fauna, da flora, dos ventos e dos mares. Saiba proteger os oceanos, matas e as florestas. [Que não mande instalar antenas-ventoinhas em cima do mar a ver-se da praia a estragar a vista da praia e a estragar os fundos do oceano e a estraga toda a vida marinha só para gerar uma nova fonte snija eólica anti-verde e anti-azul]. Saiba proteger toda a fauna. Saiba proteger todas as inteligências. [Saiba declarar guerra às invasoras, às vespas-asiáticas, a essas cabras de merda, porque estamos todos a ver a hierarquia invisível que nos manda defender as abelhas e atacar as vespas asiáticas, a hierarquia invisível que nos faz adorar as abelhas, adorar as vespas, mas odiar as vespas-asiáticas]» in página 960 da 1ª Ordem da 1ª Impressão de 2080 de Antoine Canary-Wharf.

(...)

A aliança perfeita das abelhas, dos tardígrados e das formigas

Fotografia: Flickr/Katexic Publications



Fotografia: [dottedhippo](#) / Canva



Os tardígrados, chamados ursos d'água, são os nossos extraterrestres-submarinos capazes de descer até à Fossa das Marianas. São a nossa Marinha que segura a vida na Terra e que já viu a Terra da Lua. É a verdadeira Marinha que está conectada astronômicamente ao Espaço, à Lua, à Ursa Maior que gravitacionalmente interage com as abelhas que são a nossa Força Aérea e com o Exército maçônico de formigas que seguram na mesma interação de forças a vida na Terra. Estão em aliança. Há um triângulo alienígena de militares alienígenas que compõem o mais bonito e sagrado Exército alienígena que segura a vida na Terra (...)

A Cura Militar da Escrita Mágica

(...) Depois de a Jupiter Editions me ter telefonado e ter falado exatamente das páginas que eu tinha acabado de ler numa estranha Internet das Coisas eu comecei a pensar seriamente no risco que isso poderia significar para mim. Porque as páginas em causa eram muito polémicas. Eu nasci numa cidade de toiros e era eu nessas páginas a defender o velcro nas corridas de toiro para salvar o mundo dos cavaleiros e dos forcados, mas também o mundo dos toiros, trazendo um novo “espetáculos dos diabos” sem sangue. Bom... É este o diabolismo que há em mim: compreender os dois mundos. Perdoar as corridas anteriores, esquecendo-as, passando uma borracha por cima e fazendo um novo desenho. Um desenho mais bonito, em que os toiros são felizes e vão e voltam ilesos das corridas prontos para outra corrida. Depois, era eu numa página mais à frente a falar de suicídio. (...) Antes de ter sido iniciado *Good-Maçon* na casa da Boa Psicologia, eu tinha medo de pronunciar o “número bíblico 666”, tinha medo das caveiras e dizia que eu só ainda estava nesta vida por causa do Fred e da minha mãe. A minha maçonaria não gostou de saber isto. A minha maçonaria é muito informativa.

A minha maçonaria sabia que eu saía a altas horas da noite até à Fonte Sagrada e encostava-me à muralha da fonte e ficava horas a olhar para a Ursa Maior com a luz dos pirilampos no meio da Floresta Negra. Nesses meus passeios com a luz dos pirilampos é que eu vejo a luz das coisas. Vejo como os seres inteligentes são capazes de produzir luz, são capazes de brilhar num *dark side*. Vejo como podemos ser e ver a luz numa Floresta Negra. (...) Há um formigueiro por baixo da minha casa. Um formigueiro que tem o meu DNA. Há uma formiga-Rainha que dorme por baixo de mim e que todos os dias hackeia-me com as suas tecnologias e com o seu Exército. Uma formiga-soldado passou pelas minhas páginas d’*O Algoritmo do Amor* e levou a informação até uma Força Aérea de abelhas que em Enxame levaram a informação à Marinha dos tardígrados que sabiam que ia descolar até à Lua. A Ursa Maior numa Rede de Astros com a Lua enviou a tecnologia para os pirilampos e os pirilampos emitiram a luz e eu vi o meu pai a entrar no meu quarto a fotografar *O Algoritmo do Amor* aberto e a enviar a informação para uma *dark net* e vi a Jupiter Editions a hackear a *dark net* e num Código do Silêncio a dizer-me “que eu podia publicar as páginas porque tinha um Exército, uma Força Aérea e uma Marinha a proteger o meu espírito tecnológico alienígena”. (...)

A minha maçonaria sabia que eu era capaz de entrar num cemitério à noite só para ver a vista do cemitério. E a minha maçonaria sabia que eu criticava a Psicologia que me criticasse só porque vou ao cemitério à noite sem medos, porque não há espíritos a deambular à noite no cemitério. A minha maçonaria sabia que eu dizia que a Psicologia que visse isto mórbido era porque era uma Psicologia com medos. Qual é o mal de ir à noite ao cemitério? Posso querer ir para me sentir real... São mortos que estão enterrados no cemitério. Não são mortos-vivos que vivem no cemitério. É preciso sermos reais do princípio ao fim. Mas a minha maçonaria sabia que as caveiras me assustavam e que eu tinha medo de me meter dentro de um caixão com uma caveira dentro do caixão e ficar lá dentro por uma hora, por exemplo. Pois, então, eu tinha de vencer esse meu medo. Até eu vencer os meus medos, eu não podia ser iniciado maçom.

(...)

A minha maçonaria teve o tempo todo à minha espera. À espera que eu perdesse “o medo” que me tinha sido instalado na cabeça. Eu tinha de conseguir desinstalar. Tinha de ser tecnológico e conseguir ir ao programa no meu cérebro, com a minha própria tecnologia e desinstalar o programa do medo. A minha maçonaria também não gostava de uma coisa que eu dizia, que era em relação ao suicídio. Eu não podia dizer que se o Fred ou a minha mãe deixassem de existir na minha vida que eu suicidar-me-ia. Um Good-Maçon não comete suicídio; é impossível de se suicidar. E o processo fez-me ver as coisas ao contrário. Quando num *dark side* eu vi um filme do Fred numa orgia e vi outro filme do Fred com o Mathias num incesto, outro filme do Fred completamente desequilibrado e psicopata, outro filme do Fred a trair-me e a rir-se para mim à espera que eu me suicidasse, eu tive de escrever sobre todos esses filmes para me libertar deles. Sem querer, ganhei vários argumentos, ganhei vários filmes. Hoje, digo e defendo que se o Fred me traísse eu mandava-o para o caralho e fazia as minhas malas e ia-me embora pronto para outro Algoritmo do Amor. Era isto que a minha maçonaria queria que eu escrevesse. Mas escrevo isto, porque antes de ver uma traição, confio 100% no Fred e digo que sei e que tenho a certeza que o Fred nunca me iria trair porque ele só tem olhos para mim, tal como eu só tenho olhos para ele. (...)

Dizia que se o Fred morresse de causa natural que eu suicidar-me-ia e que eu só seria capaz de me matar por amor. Mas a minha maçonaria não gostava de ouvir isto nem o Fred gostava. O Fred fez-me jurar que se lhe acontecesse alguma coisa de mal eu tinha de seguir em frente. Lembro-me de ter feito figas e de a minha maçonaria ter visto as figas e ter levado as figas ao Fred e o Fred ter sabido que eu tinha feito figas num juramento nosso. Se eu defendo tanto os cavalos-marinhos eu tenho de ser verdadeiramente um cavalo-marinho. Quando um morre, o outro cavalo-marinho não se suicida. Simplesmente, fica num luto eterno à espera de morrer. E isto é diferente. E eu mudei a minha forma de ver as coisas. Se o Fred morrer primeiro que eu, eu simplesmente fico de luto eterno. Não quero mais homens na minha vida. Porque o meu homem eterno é o Fred! Eu encontrei a minha alma gémea. Somos gémeos. Era só isto que a minha maçonaria queria que eu escrevesse. A minha maçonaria nunca me iria pôr mais homens à minha frente, porque respeitaria sempre o meu luto. Mas eu tinha de conseguir chegar a este Estado de Coisas de Vida Eterna. É claro que eu não peço ao Fred que se eu morrer, para que ele fique viúvo para sempre. Isto sou eu. É o meu maçonismo. Que por acaso, é o mesmo do que o do Fred, porque somos cavalos-“marinheiros”. Mas não tinha de ser assim. É importante escrever isto. (...)

Diria que a minha tia Constança que é Testemunha de Jeová foi a que mais me atrasou no processo maçónico. Ela dizia que o número do Diabo era o 666, porque estava escrito na bíblia, na mesma bíblia que dizia para eu não me deitar na cama com o Fred. Mas quer dizer, eu sou tão feliz de verdade com o Fred, nós somos fieis e leais um ao outro, somos eternos companheiros, pensamos coisas boas e não temos medo de enfrentar o mundo, o Fred diz que está sempre comigo e que me acompanha para todo o lado e eu tenho de ficar agarrado a uma bíblia, que dizem que é um livro sagrado, quando sagrado foi aquilo que eu fiz, que foi ter escrito 9 livros divinos, com a força de Deus, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto e ter construído todo um sistema com o Fred? Há algo que não bate certo! Quer dizer, eu vejo os próprios casamentos heterossexuais que são uma mentira de coisas, uma intriga de coisas, vejo putedo nesses casamentos, vejo orgias, vejo tudo e estão-me a dizer que tenho de seguir isso? Devem estar a gozar comigo, é que só podem! E eu digo, sem medos nenhuns, que foi o Diabo que escreveu a bíblia. Porque essa mesma bíblia, que se diz sagrada, causa guerras, causou separações, separou o mundo, fez o mundo sofrer até hoje. (...)

Ora, um Deus bom nunca iria mandar escrever um livro para causar esta guerra de diabos em que vivemos. Não faz sentido! E, digo, por isso, na minha liberdade de expressão, que foi o Diabo que disse que o número 666 era o número do Diabo. Porque o número 666 é um número que faz parte de mim. É esta a verdade das coisas. E só por eu estar a dizer isto, eu tenho de ser protegido. E a verdade é que eu sou protegido! Há uma maçonaria que me protege. Há todo um espiritualismo alienígena que me mete numa cápsula. Porque eu sou filho de Deus. Sou filho dos *Dons*. Só um filho de Deus é que pode “chamar” o Diabo. Só um filho de Deus é que pode lutar com o Diabo. Só um filho de Deus é que pode ir à casa do Diabo e sair da casa do Diabo sem ser penetrado pelo Diabo. Pode ser muito difícil de compreender isto. Mas para mim, hoje, isto é claro como a água. (...)

É uma pena, aquilo que fizeram às cabeças humanas. Meteram figuras que não existem, meteram caras que não existem, meteram tudo e mais alguma coisa nas cabeças humanas e deixarem o tempo correr como se o tempo fosse infinito. O tempo é precioso. O tempo é divino. Eu gosto dos Testemunhas de Jeová. Porque eles não têm culpa. Eles, provavelmente, são as melhores pessoas que alguma vez conheci! Isto é verdade! Os Testemunhas de Jeová têm de ser protegidos! Os verdadeiros Testemunhas de Jeová não são maus, nem cometem crimes, nem fazem intrigas, são puros! Se não souberem que eu sou gay, eles abraçam-me. Se eles souberem que eu sou gay eles abraçam-me na condição de eu “lhes jurar” que não vou mais dormir com o Fred. A culpa não é dos Testemunhas de Jeová!

(...) O Fred não acredita em Deus. Mas eu acredito. O Fred acredita em seres superiores, em seres mais inteligentes, em vida inteligente, em vida inteligente superior, em tecnologia, em tecnologias superiores. Eu também. Eu vejo civilizações alienígenas muito inteligentes em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Mas, eu vejo *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Acredito num Criador, que está acima de todos os seres superiores. Sou livre de acreditar nisto. A minha maçonaria deixa-me acreditar nisto. E dentro da minha maçonaria, somos livres de acreditarmos no que quisermos, desde que seja algo nosso e que sintamos isso verdadeiramente ou algo que seja dos outros, mas que nós sentimos como nosso também verdadeiramente. (...)

666 é só uma abreviatura do número mágico. O número mágico é composto por 12 caracteres com 9 números. Se ficarmos só pelo primeiro conjunto de coisas, ficamos com medo. Temos de avançar e ver os outros conjuntos das coisas. Não é fácil, confesso. Para mim, foi fácil. Mas porque fiz o processo monitorizado por uma Psicologia de Precisão de Família e por uma Amorosa Medicina de Precisão que conhece os meus algoritmos e que tem *O Algoritmo do Amor* nas mãos. É importante escrever que muitas pessoas, muitas empresas e muitas instituições têm tatuado o número 666 porque acham que é a “marca do Diabo” e porque fazem “adorações e submissões ao Diabo”. Temos de ser reais. Se formos reais, não há Diabo nenhum que se meta no nosso caminho, porque o Diabo vai olhar para nós e vai ver que nós, como estamos verdadeiramente conectados ao Sistema Real das Coisas, ao Direito, à Psicologia e à Psiquiatria, somos piores que o Diabo, porque sabemos virar o jogo das coisas, sabemos sempre virar o jogo da vida a nosso favor e em casa de sobrevivência matamos o Diabo, em legítima defesa, com um Direito Penal a nosso favor no jogo das coisas da vida.

O número 666 pode ter muitos significados. Os cornos podem ter muitos significados. As caveiras podem ter muitos significados. Temos de ser muito mais inteligentes e ver a tecnologia das coisas. Se escrevemos 666 e, de repente, “portas mágicas” se abrem é porque há um sistema alienígena, um sistema inteligente de coisas, a ver em tempo real a ultrapassarmos os nossos medos. É porque

estamos conectados à vida inteligente. É importante perceber este mentalismo e espiritualismo de coisas. Eu não falo com qualquer corpo ou instituição que tenha tatuado o número 666, porque pode tê-lo feito a adorar o mal, a adorar o tal Diabo de Coisas. É importante perceber isto. E é esta a minha maior crítica a todas as maçonarias! (...) Se ficarmos só pelo primeiro conjunto de coisas vamos ficar com “o Diabo” na cabeça e não vamos ver mais nada para além disso. Temos de ser extraterrestres e vermos todos os conjuntos de coisas, vermos todas as maçonarias, vermos todos os poderes. É só olharmos de cima. É só vermos as coisas de cima. Vermos as coisas com outros olhos. Se temos “luz”, se vemos “a luz”, se produzimos “luz” como pirilampos, mesmo sendo pirilampos em vias de extinção, é porque ainda há esperança, porque nós, somos a esperança! Nós vamos conseguir instalar uma Paz de Coisas! (...) uma Paz Mental e uma Paz Tecnológica! Vamos instalar Paz! (...)

Uma coisa é nós olharmos para uma figura que alguém desenhou e gostarmos da figura, sentirmos como uma figura que também é nossa, aquele espetacular sentimento de que a figura “foi-nos roubada”, foi-nos “arrancada” da cabeça, porque nós sempre a vimos na nossa cabeça, sempre a sentimos. Outra coisa é olhar para uma figura, para um santo, para um santinho, para um anjo, para um anjinho, para um diabinho que apareceu artisticamente na cabeça de um artista diabólico e ficarmos agarrados a uma arte completamente diabólica. É mais ou menos isto. Não tem mal nenhum entrarmos num templo e fascinarmo-nos com o templo ou com a igreja, porque gostamos de arquitetura e até gostamos de matemática e vemos o número pi em toda a geometria ou até vemos inscrito o número 666. Agora temos é de ser inteligentes. Temos de ver que estamos no século XXI. Aquilo que nós pensamos no século XXI em termos espirituais ou filosóficos, também se pensava no século I. E, portanto, se eu tivesse escrito no século I que o número pi é que era o número perfeito, porque reparei nas asas de uma abelha-rainha que mediam 3,14 e tinha lá desenhado o número 666 e essa escrita influenciar 21 séculos de geometria e arquitetura, eu não posso ser burro e olhar para a geometria das coisas e ficar a achar que as figuras geométricas estão todas ligadas ou conectadas. Talvez, só foram feitas assim, porque se basearam num só algoritmo. É isto que é importante ver. Porque temos de saber desconstruir tudo, para conseguir construir novas coisas e evoluir. (...)

Nós estamos aqui para evoluir. Somos uma evolução. Por isso é que nascemos humanos. Não interessa se foi sempre assim que se fez. Interessa é o que vamos fazer agora que temos a melhor informação. Devemos ser altamente informativos. Porque nós somos isto. Nós somos informação. Nós somos um conjunto de informação. É esta a beleza das coisas. Eu gosto do tetragrama YHWH. É um tetragrama para mim muito espiritual. Estou a ser sincero. Mas não sigo o que está na bíblia, porque eu não a vejo sagrada. Para ser muito franco, nem sei o que está lá escrito.

Sei, é que alguém escreveu numa bíblia que dizia que é pecado dois homens amarem-se e irem para a cama um com o outro. E o que sei é que não foi, “o meu”, Deus que escreveu isto ou mandou escrever isto.(...) E o meu Deus (...) diz para eu ver e chamar deus ao meu marido, (...)ao mesmo tempo que diz ao Fred para me ver e chamar a mim deus e o Fred, diz que eu sou um deus, sem ouvir “o meu Deus”, porque o Fred não vê nem ouve “o meu Deus” e “o meu Deus” “diz” que não faz mal, que o mais importante é amarmos um ao outro, sermos fiéis um ao outro e leais um ao outro e confidentes um do outro. Foram homens que se disseram “inspirados”, que escreveram a bíblia. Houve milhares de traduções, milhares de acrescentos, milhares de edições... (...) Era o mesmo que alguém dizer que me segue e depois dizer coisas que eu disse que não são verdade e eu ver todos a seguirem esse diabo que usou o meu espírito divino. (...)

Eu sou uma testemunha das obras de Deus. E sou um pregador da palavra de Deus. Todas as obras que positivamente alterem as coisas, desde livros, músicas, construções, engenharias, medicina, psicologias são tudo obras de Deus. Nós olhamos para as obras e vemos logo se está lá a divindade. A divindade sente-se logo. Nós sabemos quando as coisas são divinas. Não há hipótese. Quando nascemos divinos, não há hipótese. Trazem-nos um livro, nós abrimos e vemos logo se é divino ou não é divino, basta lermos umas duas ou três frases. Mas se depois, continuamos a ler e vemos coisas que não fazem sentido, nós temos logo de fechar o livro. As coisas são mais simples do que nós pensamos. Não são complexas. Nós é que fazemos das coisas simples, coisas complexas. E a complexidade das coisas, às vezes, atrasa-nos. Como atrasa-nos estarmos em partidos políticos e em igrejas que foram inventadas por uma maçonaria dos diabos.

Quem deixa abrir os salões de reino onde os Testemunhas de Jeová se vão reunir é uma maçonaria dos diabos, que é a mesma que funda os “partidos de esquerda” e os “partidos do ambiente”, mas que é uma “direita” que se está “a cagar para o ambiente e para as abelhas” e que segue “o diabo”. “O Diabo” não gosta do zumbido das abelhas, “O Diabo” só quer é roubar o mel das abelhas. “O Diabo” tem medo das abelhas. “O Diabo” sabe que os Testemunhas de Jeová não vão fazer nada, vão ficar quietinhas, não vão ao Tribunal nem vão para o Parlamento, “por isso” “dá jeito” termos salões do Reino com Testemunhas de Jeová, porque já sabemos, que em princípio, vamos ter ali um grupo controlado que não vai praticar crimes, nem vai destabilizar a política do país nem nada, que vai estar ali sossegadinha e que nem sequer vai ter pensamento próprio, porque está escrito na Bíblia que o pensamento próprio “é coisa” do Diabo... Isto é maravilhoso... Isto é “lindo”...! Como é que é possível...? Estamos no séculos XXI... Uau!... Somos anedóticos! Completamente anedóticos! A minha escrita, parece uma anedota, presa numa anedota. Sou uma anedota, por causa de uma anedota. (...) está escrito na Bíblia a dizer para os Testemunhas de Jeová não se meterem na Política e que têm de ficar sossegadinhos à espera que Deus diga “Basta!”...????? Ai, é? Então eu digo, BASTA!

BASTA! BASTA! BASTA! BASTA de medos! Estão à espera do quê? Estão à espera de chegarem a velhinhos e uma Inteligência Artificial DOS DIABOS a rir-se implementar-lhes a merda de um chip nos cornos? É porque é isto que está em cima das agendas dos diabos! Hackeei as agendas dos diabos! Entrei nas agendas dos diabos! Eu tenho os diabos todos nas mãos, por isso, vamos avançar! Vamos acabar com todo o Mal que há na Terra! BASTA! Vamos dar um tempo para os maus se arrependerem. Ninguém vai mandar os maus para o inferno. O inferno não existe, senão aqui na Terra em que estamos todos a viver! Vivemos em cima de um Paraíso que é a Terra com um sistema de coisas infernais jurídicas, políticas e económicas!

Os Testemunhas de Jeová têm de perceber de uma vez por todas que não faz sentido um “deus” dizer para ficarem sossegadinhos e serem obedientes se um governo quisesse implementar um chip porque quem está a governar “é o diabo”. Ora, se assim é, temos de saber como é que as coisas funcionam e talvez seja boa ideia irmos para o Parlamento, porque se o Diabo está no Parlamento, então, nós também temos de ir para o Parlamento para não deixarmos o Diabo governar ou se o Diabo tiver muitos seguidores, convém estarmos ali, perto dele, no Parlamento, para com a nossa minoria ou maioria parlamentar lá irmos conseguindo bloquear e travar algumas medidas, propostas, leis... Não é ficarmos agarrados a um livro que se diz que é sagrado e pregar as coisas que vêm nesse livro que dizem que é pecado dois homens que se amam e que querem proibir os implantes cerebrais

que vamos conseguir bloquear a ideia dos implantes... O implante pode só ser uma metáfora, pode só ser uma hipérbole, pode só ser uma analogia ou pode só ser um eufemismo. (...)

Para mim, a bíblia é uma complexidade de coisas, seria preciso estar livre, não ser pobre, para me sentar e ver e investigar e ver a origem, ver a fonte, ver a história, ver donde é que veio cada coisa, enfim, não tenho tempo, sou pobre e tenho um cérebro-escritor que quer escrever e eu tenho de dar atenção é ao meu cérebro que está ligado com Deus e não aos outros cérebros que estão ligados sei lá com o quê e com quem. (...) Venho com novos algoritmos. Venho com *O Algoritmo do Amor* na mão. Venho com o *2080* de Antoine Canary-Wharf. Digo que o Vaticano tem escondido o *2080* de Antoine Canary-Wharf. Venho com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy, porque sei que para ir para o Parlamento eu tenho de levar é *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. Olho para os Testemunhas de Jeová com compreensão, sou empático com eles, mas não sou empático com quem lhes mete o programa na cabeça, com esses cabeçudos que vão ao Salão do Reino dizer uma coisa e eu vejo outra. (...) Eu fui para cama com todos. Fui com Testemunhas de Jeová, fui com católicos da Opus Dey, fui com a Juventude Monárquica, fui com a Tauromaquia, enfim... (...) Fui com todos. Todos enganaram-me. Todos prometeram-me amor eterno. Fui enganado mais do que 100 vezes e nunca, mas nunca, deixei de acreditar no amor. E por eu nunca ter deixado de acreditar na força do amor é que eu hoje tenho nas mãos *O Algoritmo do Amor*. Foi através d'*O Algoritmo do Amor* que eu cheguei à cabala da vida. (...)

(...)

Aprendi a cabala da vida. E quando aprendi, vi a cabala na fonte sagrada. É engraçado irmos a uma fonte e vermos uma coisa que ninguém está a ver. E isso é sagrado. É só esse o segredo. Não podemos dizer onde está a cabala. A cabala tem de ser descoberta por cada um. E só aqui o segredo da vida. Têm de ser os próprios olhos a ver as coisas. Ninguém pode dizer. É segredo. É a Magia das Coisas. É por isso que a fonte não devia ser fotografada. Porque é sagrada. O que é sagrado, não deve ser fotografado. Pode ser fotografado, mas não deve ser publicado. Só deve ser revelado em segredo, numa Intimidade de Coisas, enfim, coisas sagradas. E foi na fonte sagrada, que eu vi abreviadamente o número 666. E pensei que, afinal, eu não tinha mais medo deste número e comecei a questionar se eu poderia escrever o número e se poderia falar sobre isto. E vem, de repente, todo um processo de coisas que eu nem sequer podia imaginar. Parece que só de escrever um número que eu tinha medo de escrever, fui logo parar a um submundo. E eu estava indeciso. Porque tinha medo que a minha tia Constança ao ler as minhas coisas dissesse que eu era o Diabo. O meu medo era a tia Constança... Tinha medo que a tia Constança fosse chamar a avó a dizer que eu estava a invocar o Diabo. Quer dizer, já não bastava namorar com um homem, já não bastava criticar os Testemunhas de Jeová e a bíblia “sagrada” e agora ia começar a escrever sobre o número 666? Isto era de loucos! Iam logo dizer que tinha “passado para o outro lado” ou que tinha feito um “pacto com o Diabo”... E comecei a pensar que a minha vida tinha uma limitação e isto não fazia sentido. (...)

Quer dizer, eu entrava, se fosse preciso num banco financiado pelo Estado a exigir que a minha escrita fosse financiada porque havia um Fundo Perdido Europeu destinado à minha escrita e se o banco não me financiasse eu ia dizer qual é que era o banco mau, mas depois não era capaz de falar sobre o número 666? À minha Nova Ordem de Ideias isto não podia fazer sentido, porque isto era um grémio que eu tinha e eu tinha de libertar o grémio, eu tinha de libertar o demónio que havia em mim. Porque seria no banco que eu libertaria o meu demónio, era no banco que eu o tinha de libertar...

Porque é no banco mau que eu o vou libertar, se o banco não der crédito ao projeto da minha vida, quando há uma linha de crédito muito espiritual destinada ao meu projeto de vida.

Como as igrejas, há bancos que vão ter de cair. Há bancos que vão cair se estão a bloquear os projetos mágicos, divinos e sagrados da vida! Vamos ver coisas a cair. Porque há coisas que têm de cair. Há direitos de merda, há financiamentos de merda, financiamentos negros, agendas de merda, agendas negras, planos completamente maquiavélicos que vão ter de cair e vão cair. Todos. Um por um. Vamos ver tudo a cair. Tudo vai cair. Vamos ver a merda toda a sair! Acabou-se. Acabaram-se os medos todos. Vamos entrar em todas as assembleias, em todas as cozinhas, em todos os parlamentos, em todos os ministérios, em todas as agências. Vamos ver tudo a cair. Porque sem medos, vamos falar sobre tudo. E cada coisa que falarmos, vamos ver essa mesma coisa a cair. (...)

Um resumo das Coisas

(...) Lembro-me durante a semana intensa de Internet das Coisas, quando estava em casa e ter-me lembrado dos “livros de magia branca” que o bruxo do meu ex-namorado tinha e andava a ler... Lembrava-me que ele tinha uma vez preparado um banho para nós com um desses livros na mão que dizia exatamente “as coisas” que ele tinha de pôr na banheira e lembro-me como ele via essa água sagrada, mais sagrada até que o meu próprio esperma, em que nós “não nós podíamos vir” naquela água com sais e porcarias escritas num dos livros dele. E antes de ter ido à fonte, já com o número mágico na minha cabeça, lembro-me de o ter escrito outra vez no caderno sagrado juntamente com uma frase minha, que agora vou escrevê-la, outra vez, mas por outras palavras «às vezes, os livros que se dizem ser de magia branca, não são livros de magia branca, mas livros de magia negra e é preciso conseguirmos libertar-nos da magia negra através da verdadeira Magia Branca.»

Lá ia, outra vez, para a fonte sagrada quando, no caminho, apareceu “o clone”, o sósia, “o gémeo”, do bruxo do meu ex-namorado que olhou para mim, como se me conhecesse, com um meigo sorriso, com um ar e espírito completamente diferente “do bruxo” e em que eu “vi invisivelmente” uma aurela por cima dele. Vi-o de mãos dadas com a namorada dele. Eu não sabia o nome dele e nunca o tinha visto na cidade. Nós conhecemo-nos a todos na cidade, sabemos quem somos... Hoje, sei que se chama Isaac, porque está comigo na Ilha dos Piratas, entrou no filme, a minha maçonaria enviou-o. O Isaac supostamente é hétero, lembro-me de o ver de mãos dadas com a namorada, não sei se é bi, mas está-me sempre a perguntar pelo Fred e quando é que o vai conhecer. É estudante de medicina e diz que sabe quem é o Fred. O Fred diz que não faz ideia quem é que ele é. E por estranho que pareça eu não vejo aqui nenhum teatro. O que é estranho, nesta estranha Internet das Coisas. Talvez não veja, por causa do Diogo Bugg que me disse para eu ficar tranquilo, porque o Isaac estava fora das legiões...

[Estou a fazer um comentário relativamente ao parágrafo anterior. Não é costume ler o que escrevo. Acho interessante nesta altura do processo, ver como está a minha escrita. Estou a auto monitorizar o meu cérebro e a minha escrita. O processo de coisas não estragou a minha escrita. Acho que era esse o meu maior medo. A minha escrita está limpa! No processo de coisas em que estou preso, a que literariamente vou sempre chamando “Internet de (ou das) Coisas”, é importante ver como a minha escrita ficou “intacta” e como consigo passar a mensagem sobrenatural sem grandes histerismos. Não gosto de histerismo. Ao ler, até parece que “não passa” a sobrenaturalidade da coisa. O que

eu queria neste parágrafo dizer é que eu nunca pensei em livros de magia branca nem negra, nem sequer escrevi sobre eles. Simplesmente tive um namorado que se dizia bruxo e que me mostrou uma vez a sua “bibliotecazinha” de livros de magia. Não abri nenhum. Só vi uma página nas mãos dele que falava de sais minerais no banho para “acontecer uma série de eventos na vida de alguém”. Lembro-me de uma vez ele ter posto as mãos dele na minha cabeça e ter-me perguntado “o porquê de eu carregar tanto peso na minha vida”. Achei-lhe piada e percebi o mentalismo dele. Eu também podia fazer o mesmo; fechar os olhos e “fazer um teatro qualquer a inspirar-me no além e dizer que estava a sentir as energias”. Eu sou real. Não gosto deste tipo de “fantasias que só existem na cabeça de quem acredita”. Isto é completamente diferente de se ser “espiritual”. Sou muito “espiritual”. Mas escondo a minha espiritualidade, porque defendo que a espiritualidade deve ser vivida connosco mesmo em silêncio. Diferente é querermos partilhar a nossa experiência espiritual e visão espiritual sobre as coisas através da arte ou da escrita, que basicamente é o que eu estou a fazer neste Processo de Escrita de Coisas, que é o nome mais “científico” que eu lhe consigo atribuir. O que se passou neste parágrafo de sobrenatural foi que, no dia em que eu me lembro desse meu ex-namorado e dos livros de magia dele escrevo no meu sagrado caderno a minha tal crítica aos livros de magia, defendendo entre uma magia branca e uma magia negra, evidentemente a magia branca. Saí de casa e passo por um rapaz “igual” ao meu ex-namorado sem o tal ar “charrado”, sem os “olhos encarnados”, sem o “ar endiabrado”. Parecia um anjinho e olhava-me como se me conhecesse, se quisermos, como se “soubesse o que eu tinha escrito, como se estivesse ligado aos meus olhos ou ao meu caderno sagrado”._Escrevo entre aspas, porque tenho os olhos assentes na Terra e ando na realidade do mundo a ver o mundo. (...) Quando registamos uma série de “eventos de coisas sobrenaturais” com uma escrita lúcida, sem álcool, sem drogas, é como se a nossa escrita fosse uma arma espiritual a nosso favor e fosse uma máquina fotográfica em que conseguimos fotografar “um espírito”, revelá-lo e provar a toda a gente! (...) O Isaac tem uma figura “angelical”, parece saído de um posterzinho de anjos da Igreja Católica. Loiro aos caracóis com olhos azuis. A piada disto, porque isto tem piada, é eu ter criticado a “magia negra”, enquanto via o meu ex-namorado agarrado com o seu livro de magia na mão e com a força das minhas palavras ter “destruído” a magia negra e com uma estranha Magia Branca ter “chamado” para o meu cenário um novo “ex-namorado” que não tive, mas que poderia ter tido. Se eu não estivesse preso a uma intensa Internet de Coisas calendarizada, eu tão-só via isto como uma “coincidência”. Olhava para isto como uma cena espiritual fixe, como uma cena “do Universo”. No entanto, é uma pena que comece a deixar de acreditar no meu próprio espiritualismo, na própria intuição do meu cérebro. Porque olho para isto e vejo uma maçonaria. Sou obrigado a ver uma maçonaria, uma Mão Invisível, por detrás disto. Não é um caso isolado. Foi na mesma semana uma data de eventos que um processo aceleradíssimo ainda nem me deixou escrever. É eu na mesma semana não ver o Pedro Sottomayor não sei há quanto tempo, sonhar com ele e passar por uma esplanada anexa à rotunda e vê-lo a olhar para mim como se eu fosse um fantasma e dizer-me que sonhou comigo e eu calado sem dizer que sonhei com ele... É dois dias a seguir sonhar com o Lourenço quando não sei nada do Lourenço nem o vejo há 1 ano e passar por ele na rotunda no mesmo dia em que sonhei com ele, quando eu passo na rotunda todos os dias e nunca vejo o Lourenço nem na rotunda, nem na cidade, porque está sempre fora da cidade e ele dizer-me que “é grande coincidência” porque tinha acabado de pensar em mim e eu, outra vez calado, sem dizer que sonhei com ele... É isto na mesma semana dos Miguéis... É isto na mesma semana em que penso no Bernardo Vasconcellos, fora da minha Internet de Coisas há 4 ou 5 anos, registar a hora, ir ter com o Tomás, falar-lhe disto e o Tomás mostrar-me um Printscreen de uma memória do Facebook com a mesma hora em que eu tinha pensado no Bernardo em que fazia 5 anos que tínhamos estado a dançar... E agora que escrevo isto, isoladamente, intuitivamente, digo que o próprio cérebro tem um calendário dentro dele. Só que isto não é isolado. A sensação é tecnológica e espiritual. Se por um lado, parece que na cena em que eu estou a criticar o livro de bruxarias do bruxo do meu ex-namorado, antes de me cruzar com o sócia do bruxo do meu ex-namorado, o espírito-viajante do meu cérebro saiu de mim, viu a cidade de cima, encontrou-se com o espírito do sócia e astronomicamente combinaram uma cena espiritual e calcularam as horas a que eu teria de escrever e sair de casa para me cruzar com o sócia; por outro lado vejo uma maçonaria que me chipou os olhos, viu o que eu escrevi e colocou lá a personagem. Este último pensamento,

não é um pensamento fixe, a não ser que esteja num processo monitorizado por uma Boa Psicologia e por um Direito Penal maçónico que autoriza o decurso dos jogos do processo. Ora, este meu último pensamento só o consigo libertar por uma maçonaria invisível me ter mostrado a ligação da Internet de Coisas ao me ter enviado para um filme invisível com um conjunto de jogos e teatros que fazem parte de um processo maçónico invisivelmente acorrentado a um perturbador Código do Silêncio. Uma maçonaria prendeu o meu espírito a uma Internet de Coisas. Comentário acrescentado no dia 13 de julho de 2021 às 13:07]

(...)

Outro resumo das Coisas

(...) Temos de saber reconhecer que somos inteligentes. Sabermos reconhecer a inteligência do projeto, do nosso projeto, faz também parte do projeto. (...)

Sabemos que só precisamos do Exército. Ouvimo-lo a montar-se silenciosamente. Somos a voz, precisamos do corpo musculado. Precisamos dos músculos. Precisamos dos militares, dos militantes da nossa voz. (...) Se querem que eu dance de uma certa maneira para salvar o mundo, espécies que eu vejo como sagradas, recursos que eu vejo como sagrados, eu danço. Mesmo que essa dança seja uma “invocação ao Diabo”, que uma “pseudo” cultura, que uma “pseudo” ciência, que uma “pseudo” sociedade, que um “pseudo” ocultismo associe a minha dança maçónica, a minha dança militar “ao Diabo” que só existe nas cabeças que veem “o Diabo” eu quero lá saber porque eu danço, porque eu não vejo “o Diabo”. Se dizem que eu tenho de dizer não sei quantas vezes o quê à luz das velas ou à frente do espelho, eu faço-o mesmo que isso seja “satânico” aos olhos de uma “cultura satânica” porque eu estou completamente liberto desses “satanismos”, porque eu estou numa investigação à séria ao “satanismo das ideias que não nos deixam avançar”. Sou “cientista”. Sou “biólogo”. Sou “médico”. Sou “jurídico”. Sou “psicólogo”. Sou “psiquiatra”. Sou “físico”. Sou “químico”. Sou ambientalista. Sou humanista. Eu acredito na matéria viva. Eu acredito e vejo a realidade. Se eu disser não sei o quê e se uma “luz” aparecer é porque essa luz está a ser projetada por uma sociedade mais inteligente, mais sofisticada e mais tecnológica que tem tecnologias capazes de nos ver a enfrentar os medos que uma sociedade instalou nas nossas cabeças. Temos de conseguir desinstalar todos os medos e todas as paranoias que nos instalaram na cabeça. Não podemos andar a ver fantasmas que não existem. Porque esses fantasmas só nos vão atrasar. E nós não podemos estar a perder mais tempo, não podemos continuar presos a uma cultura de ideias, a livros que se dizem sagrados, mas que só provocaram foi guerras e fome. Porque o que eu vejo “sentadinho no meu sofá e com o comandozinho na mão” é guerra e fome. E não compreendo, porque estamos no século XXI em cima de uma plataforma tecnológica... Não faz sentido... Há coisas que “não batem certo”... Há bíblias escritas que causam fome. Há pessoas que estão a morrer à fome por causa de “bíblias” que foram escritas. Há pessoas a morrer à fome. O que nos mata é a fome e as pistolas. O que nos mata é a guerra. Não são os fantasmas que não existem. Acreditar em fantasmas que não existem é que provoca guerras e fome. A guerra espiritual é esta. É combater os fantasmas. Não temos medo de fantasmas que não existem. Queremos é chegar a quem está a projetar os fantasmas. É lá onde vamos chegar, se não virmos os fantasmas. Porque é lá onde temos de chegar. Vejo a “cultura satânica” com

outros olhos. Vejo “o satanismo” com outros olhos. É preciso saber separar o trigo do joio. Não podemos misturar natas. Há natas melhores do que outras. Há natas que não sabem a sangue. Eu gosto das natas que vêm da Terra, gosto das natas vegetais. Não gosto de sacrifícios de sangue, porque vejo todos os sacrifícios de sangue como atos criminosos. Para mim, as carnes vermelhas que são irrigadas com sangue vermelho são sagradas, porque o que me corre nas veias, apesar de ser monárquico “de sangue azul” é um sangue vermelho, apesar de dizer que o sangue é “encarnado”. Não digo “vermelho”, porque pertença a uma cultura de ideias. É preciso ver que nasci em Portugal. Há toda uma cultura, há toda uma história que envolve Portugal. Só que eu nasci fora da história. Libertei-me das histórias quando era pequeno. Quando os adultos contavam as histórias, eu com o meu espírito de criança saía para fora e ia brincar com as abelhas e com as borboletas. Via a evolução das borboletas. Via de perto as larvas a fazerem casulos e a prepararem as asas para romper os casulos e voarem. Há quem esteja numa cultura para simplesmente expressar toda uma contracultura. Há quem se tatue e meta piercings, só porque toda a vida foi proibido pelos pais de se tatuar. Eu não me tatuo, porque vejo a minha pele como sagrada e porque acho que as tatuagens fazem mal à pele, mas isto sou eu. Para ser sincero, hoje, eu até gosto de ver as tatuagens nos outros. Comecei a gostar. Há tatuagens que me seduzem. Já apareceram piratas com braços musculados alienigenamente tatuados. Lindos! Braços lindos de morrer! Braços verdes, como todo um padrão que me “excita”, como todo um mosaico que parecem peças arrancadas do meu cérebro... Comecei a ver uma arte nas tatuagens, uma arte que eu não via. Comecei a ver simbolismos nas tatuagens, mas também cópias de cópias de desenhos, simbolismos que nem os portadores de tatuagens sabem, porque simplesmente escolheram a tatuagem do dossiê das tatuagens do tatuador que tem os seus próprios pensamentos, desenhos e simbolismos. Que engraçado ver isto agora... Dantes não gostava, confesso. Mas depois de ter vindo para a Ilha dos Piratas e ver os piratas todos tatuados, enfim, comecei a gostar de ver. Mas não me tatuo. Os padrões e os mosaicos que me “excitam” são os padrões das zebras, das girafas, dos escaravelhos, das borboletas, dos seres “verdes alienígenas”... Mas sei olhar para uma tatuagem e ver que é só uma tatuagem. Só que os motivos que levaram alguém a tatuar-se podem ser vários. Há quem tatue o número 666 na pele porque acha que assim “o Diabo” não lhe vai fazer mal, ou porque acha que é uma forma de “prestar culto e adoração ao Diabo”. Há quem tatue o número 666 porque simplesmente queira transmitir que não tem medo do “supersticiosismo” à volta do número 666. Eu tenho de falar do número 666 porque é o número com que todos os piratas aqui na Ilha dos Piratas andam tatuados. Alguém foi dizer ao piratas que eu era “o Diabo” e os piratas aparecem-me todos à frente com o número 666 para me prestarem uma “adoração”, para me fazerem um “tributo” qualquer, ou para simplesmente dizerem que faço parte “do clube”, porque assistiram em tempo real ao meu filme a sair pela porta-janela do quarto com o número 666 nas abelhas de gesso penduradas na parede do quarto de visitas da casa número 666, que é a casa da Boa Psicologia e a atravessar um campo de Golf ligado a um Direito Penal que me teletransportou para o buraco na rede com o número 66 numa placa de ferro por cima da rede que separa os campos de Golf da herdade de uma mata, em que eu sem medos, mesmo contra todos os medos que me foram instalados, passei o buraco, passei por vários esqueletos com cornos. Não sei se os esqueletos eram de vacas, de bodes, só sei que tinham cornos. Atravessei os esqueletos, eram só esqueletos e fui dar a uma zona com caixas de abelhas em que abri uma das caixas e vi um número 6, agarrei nele e trouxe-o comigo para a Ilha dos Piratas. As abelhas cercaram-me como uma “Força Aérea”, como se me dissessem que eram o meu “Exército”. Para mim, foi mágico. Se isto é “satânico”, então eu sou “satânico”. Como é que eu posso ver isto “satânico”? As abelhas viram-me a soprar para os formigueiros dentro da mata e dentro da herdade

no caminho de volta para a Casa da Boa Psicologia e viram, como eu, as Rainhas a saírem dos formigueiros só para me “cumprimentarem”... As abelhas passaram comigo o buraco da mata para a herdade e só me largaram quando eu voltei a entrar na Casa da Boa Psicologia. Desejei morrer. Desejei deixar de ser humano para ser abelha; quis ser abelha para ir com as abelhas. Mas de volta, voltei à minha realidade. Não era isto que era suposto. Não era suposto depois de toda esta “magia” que eu não sei bem como hei de chamar a isto eu desejar morrer ou desejar deixar de ser humano... Na minha fantasia, vi uma Internet das Abelhas que talvez me conhecesse desde pequenino. Sei lá! Porque é que eu não posso pensar isto? Porque é que eu não posso pensar que as abelhas da minha infância foram passando os meus filmes de criança às Rainhas e as Rainhas noutras suas Internets foram passando os meus filmes e os meus filmes lá foram chegando às colmeias e aos formigueiros? É só uma fantasia, mas que tem no fundo um sabor científico, um sabor tecnológico das coisas e que tem que ver com o meu próprio Processo; é o meu próprio Processo que me faz pensar, “fantasiar” isto. É o meu filme. É o meu argumento. Ora, digo que isto foi um filme, porque ouvi drones “invisíveis” a sobrevoarem-me, mas eu olhei e não vi drones nenhuns, portanto percebi que estava num filme “invisível”, num filme alienígena, num filme tecnológico, num filme com “tecnologias superiores” aos meus “olhos humanos”. Fotografei tudo e enviei o caminho para um Direito Penal, para um Exército, para uma Força Aérea e para uma Polícia. Porquê? Porque eu estou nas coisas com um Exército invisível que eu sei que me protege, a quem eu entreguei o meu coração e que sabe quem é que eu sou. Problema dos problemas? **A Polícia, o Exército, a Força Aérea e o Direito Penal estavam “por dentro das coisas”, foram informadas que o meu Processo iria ser iniciado. Ora, se as forças fizeram silêncio, se as forças silenciaram o meu espírito, então eu percebi que as forças estavam agarradas ao mesmo Código do Silêncio que eu. Nunca ando com o telefone nas mãos. Se escrevo ou envio uma mensagem no telefone eu paro para enviar, não ando com o telefone na mão, não estou a andar com os olhos no telefone e a perder a viagem e o caminho. Só que, quando eu saí da Casa da Boa Psicologia já com uma coletânea de provas e de simbolismos de todo o sobrenatural espiritualismo, eu liguei-me ao Direito Penal e comecei a enviar as provas... E foi quando eu me liguei à Internet e comecei a sair da Casa da Boa Psicologia que eu comecei a ouvir “tiros cinematográficos”, ouvi um carro “invisível” a alta velocidade e vi-o a atropelar-me contra uma árvore na esquina da Casa da Boa Psicologia e vi ali o meu espírito para sempre “morto e preso” “num outro filme” e por não querer esse filme na vida real, mas não me importar de o fazer com a Jupiter Editions, com a minha realizadora, na minha realização dos filmes da minha real, comecei a enviar “sob stress” as provas ao Direito Penal, para que caso eu morresse, caso eu fosse sacrificado por uma “cultura diabólica”, pelo menos, se ficasse a saber quem é que fazia parte da cultura que me sacrificou. Foi pelo medo de morrer sem ter notas criminais, sem deixar pistas ao Direito Penal e à Polícia que eu enviei o que enviei ao Direito Penal. Foi o stress que o Processo me causou na altura.** E comecei a andar rápido pelo meio do Golf, sem “qualquer destino”, sem saber o meu destino. Ouvia tiros “cinematográficos” por todo o lado. Parece que tinham fechado a herdade para filmagens e todos sabiam menos eu. Sabia a cinematografia, mas também sabia a vida real. E foi nessa cinematografia, que eu fui pela primeira vez com os olhos metidos no telefone a enviar as provas do Processo ao Direito Penal no nosso canal tecnológico encriptado de ponta a ponta. Não vi o caminho, fui sem saber, foi como se fosse “vendado”, foi como se fosse uma “cabra cega”, foi como se uma Mão Invisível me tivesse “empurrado” ou “soprado” artisticamente sem eu sentir “o sopro” ou as forças físicas alienígenas. Fui “teletransportado” e quando dou por mim, tiro os olhos do telefone, vejo que

tinha atravessado todo o Golf, havia uma “dunazinha”, um montinho, simplesmente subi-o e dou de caras com uma rede que separava o Golf de uma mata e que estava aberta, esburacada em forma de círculo, tipo portal e em cima do buraco da rede estava uma chapinha, uma placa com o número 66. Foi isto que aconteceu. Por isso, é que digo que o meu Direito Penal é maçónico, porque ele soube do Processo e ficou em silêncio. Mas lá está, o Direito Penal faz parte do meu Processo. Porque se eu não tivesse ido ligado ao Direito Penal, talvez eu não teria chegado ao “portal mágico”. E o que é que eu vejo aqui na Magia das Coisas? Vejo um Direito Penal que chama por mim. É isto que eu vejo. É este o “sinal” que eu vejo”. Vejo-me a criar uma ponte entre o Direito Penal e a Psicologia. É esta a minha triangulação. Não me posso esquecer que sou Civilista. Que o meu Direito, o meu Direito Natural é o Direito Civil. Que é um Direito “geral”, abrange tudo, abrange todos os “contratos da vida”... O Direito Civil é como se fosse uma Medicina Geral e Familiar... Abrange “tudo”... Abrange todas as medicinas... Talvez eu tenha nascido civilista para alterar o Código Penal, porque no fundo sou “penalista”? Serei um juiz de Direito Penal? Terei de seguir a magistratura para poder enfrentar todos os advogados do “Diabo”? Não sei se me apetece... Vejo uma podridão de escolas. Vejo uma podridão de pensamentos e não me apetece ter de passar as escolas todas e os pensamentos todos dos outros para chegar onde quero... O Código Penal irrita-me! Está mal feito, porque não protege verdadeiramente as vítimas, os inocentes, os bons, dá é “direitos” aos maus, dá é “liberdades e garantias aos maus”... Como é que eu tenho escrito num Código Penal de Século XXI que quem escute ou intercete chamadas telefónicas sem autorização só vá preso até 1 ano e que a pena de prisão dispensa-se com o pagamento de uma multazeca? Como é que eu tenho cara para dizer que uma maçonaria escuta toda a minha vida se a maçonaria ri-se, porque sabe que pode ser invisível, porque foi ela própria que escreveu as regras do jogo para jogar o jogo? O Código do Trabalho irrita-me, está mal feito, porque não protege os trabalhadores, defende é os patrões... Ora, há uma maçonaria velha de ideias velhas que tem de ser combatida. Cá estou eu para combater! Cá estou sem medos. E se eu sei que as maçonarias velhas têm medos do número 666 então eu vou gritar-lhes o número 666 aos ouvidos para ver se libertam os bons e os inocentes das prisões tecnológicas que montaram com as suas tecnologias. Se eu for penalista, se eu for juiz, eu vou ficar preso às leis e as leis não estão boas, logo eu não posso ser já juiz. Primeiro tenho de ver as leis boas a aparecerem e só depois é que eu poderei ir para juiz. Há todo um trajeto. Há todo um caminho. Ora, eu sei onde tenho de ir para mudar as leis. Sei que é no Parlamento onde se mudam as leis, então eu falo para o Parlamento. Digo ao Parlamento que gostava muito de seguir magistratura e que não concordo que para entrar na Escola dos Juízes tenha de ter um mestrado, porque eu sou pobre e não tenho nem tempo nem dinheiro para mestrados, quero é ser submetido aos testes para entrar só com a licenciatura de Direito, porque a carreira de juiz, é uma longa carreira e não posso estar a perder mais tempo em “mestrados dos outros”, em “escolas dos outros”. Também abri uma lojinha, sou comerciante, vendo histórias e há uma incompatibilidade que alguém decidiu escrever na Constituição sem sentido nenhum, que um juiz não podia ser comerciante, não podia ser empresário... Pois eu quero ser juiz, mas não quero ter de fechar a minha loja para seguir a magistratura. Portanto, há pequeninos “pormenores” que têm de ser alterados... Eu gostava muito de dar aulas. Adorava! Mas se eu fosse juiz só podia dar aulas se desse “gratuitamente”. Não me importava de dar aulas se eu fosse rico. Mas os juízes não são ricos, não são milionários. Não faz sentido haver uma lei que diga que o juiz só pode ser professor se não for remunerado, porque, assim, num sistema destes eu nunca vou ter professores juízes. Vou ter sempre professores que são advogados “do Diabo” a dar aulas com seus braços musculados tatuados com a figura “do Diabo” que um tatuador de ideias desenhou. E depois, quando eu quiser intervir nas aulas

e dizer que sou contra publicidades que incentivem a fazer tatuagens, mas não sou contra atores tatuados que apareçam em novelas ou em filmes, vou ter um professor tatuado a olhar para mim com cara de pau e de pau feito a perguntar qual é que é o meu problema com as tatuagens e na boa a tirar o nó da gravata e a despir o fato à minha frente e a perguntar-me se eu não gosto de ver o número 666 tatuado no peito dele e a dizer-me que ainda pode tirar os boxer para eu ver o número 666 tatuado debaixo dos testículos dele, só para eu me calar um bocado. Bom... Eu não me calo. Eu não me vou calar, não é? Eu não me vou tatuar nunca nem vou proteger a economia das tatuagens, quando eu nem conheço as tintas das tatuagens. Eu protejo a arte e a liberdade de expressão, que é diferente. Se alguém quiser tatuar o número 666 numa nádega ou debaixo dos testículos ou tatuar 3 pénis, um em cada canto da boca e outro não sei onde cada um com um 6, eu posso me rir, posso me rir disto, mas tenho de aceitar a liberdade de expressão dos outros; cada um expressa-se como quer. No meu espiritualismo acho horrível, nem sei o que é que eu acho, acho que é preciso coragem para sair assim à rua, mas cada um sabe de si... Não é por eu ver o número mágico que eu o vou tatuar. Mas quem o quiser tatuar, força! Quem quiser tatuar o número 1566 porque acha que é bonito, força! Eu, é que não vou tatuá-lo! Mas não é por me tatuar que vou ser contra ou vou fazer uma propaganda contra as tatuagens. Sou sincero, não vejo feliz anúncios que incentivem as pessoas a tatuarem-se, porque eu vejo o cancro da pele, o “cancro das axilas”, porque vejo a tinta a ir parar às axilas e vejo um Direito da Saúde. No entanto, acho que as medicinas ainda não disseram que as tatuagens fazem mesmo mal à saúde... Ora, eu não sou médico, por isso só me tenho é de calar e vejo muitos médicos tatuados com o número 666. Mas mesmo que faça mal, há outras coisas que também fazem mal, que fazem pior e que estão a aparecer na TV, por isso, o assunto das tatuagens para mim não é mais assunto, cada uma faz o que quiser, cada um anda tatuado como quiser, cada um anda vestido como quiser, quem quiser andar com coroas na cabeça anda, quem quiser andar com cruces viradas ao contrário e correntes anda, isso não pode é ser assustador nem sinónimo de “ofensivo”, porque nós vivemos numa liberdade. Por isso não vou lutar contra as tatuagens, mas também não vou incentivar ninguém a fazer as tatuagens, **mas vou proteger todos aqueles que sejam discriminados por terem uma tatuagem e não consigam em igualdade de oportunidades um trabalho.** Antes, eu olhava para quem tinha tatuado o número 666 e dizia que era “o Diabo”, porque foi com isto que eu cresci, foi este o algoritmo, foi este software que me foi instalado nos ouvidos. Hoje, com o algoritmo desinstalado, com todo o software que eu desinstalei vejo só um número. Já não vejo “o Diabo” com que me instalaram na cabeça. Vejo uma certa simbologia, uma magia de coisas à volta do número, porque eu passei por elas “de verdade”. Mas nem por isso o vou tatuar na minha pele que a vejo como sagrada. Posso “tatuar” o número na minha arte, na minha nova arte, nos meus livros, nas minhas músicas, enfim, porque pode ser esse o preço para a minha arte poder sobreviver no mercado das artes e para o meu espírito poder sobreviver intacto no meu corpo sagrado. Ora, eu não me vendo com o meu corpo. Nem vendo o meu espírito. O espírito é meu. O corpo é meu. Não tatuo o meu corpo com um código de 6 barras. Mas se o mercado me está a dizer que para a minha arte poder circular livremente no mercado, sem entraves e sem bloqueios, sem taxas alfandegárias e aduaneiras, eu tenho de “tatuar” a minha arte com o código de 6 barras, tudo bem, são as leis do mercado. É só um código de barras. E, portanto, se tenho um mercado a dizer-me que só posso vender a minha arte, que eu só posso vender os meus livros se os imprimir com um código de barras e eu preciso de vender a minha arte, preciso de vender os meus livros, porque estou preso a um sistema de moeda e preciso de moedas para me poder libertar de uma vez por todas, eu não me importo de pôr um código de 6 barras nos meus livros. **Não vou é por esse código na minha pele. Não vou é pôr esse código**

na minha testa, porque eu não estou à venda. Eu não me vendo. O que eu vendo é a minha arte, eu vendo as minhas obras. E eu separo-me das minhas obras. Há uma separação entre mim e as minhas obras. Mas as obras são minhas. Fui eu que as fiz. Fiz as obras inspirado na figura de Cristo. Fiz as obras com uma “certa iluminação”. Quando me refiro a “Deus” refiro-me ao Bem. Sinto-me verdadeiramente uma pessoa de Bem, uma pessoa “do Bem”, um filho do Bem, logo, um filho de Deus. Há quem diga que cristo é um impostor, porque a história que foi contada é que ele disse que fez “milagres” e as pessoas acreditaram. Há quem diga que Cristo é um impostor e seja um “anticristo” e há quem diga que Cristo é um impostor e não acredite em Cristo sem ser um anticristo. O meu nome é Jaime. Quem não acredita em nada do que eu digo ou não me segue não é um “anti-Jaime”. Simplesmente não me segue. Simplesmente não acredita em mim. Simplesmente não gosta do que eu escrevo. Ponto final, parágrafo. A mesma coisa com a história de Cristo (...). Não é por eu dizer que Cristo foi um impostor, que não digo, que eu seja um anticristo. E vejo-me obrigado a escrever isto, porque por ser “cristão” um amigo ter-me dito que Cristo era impostor e eu ter ficado zangado com ele e ter-lhe virado costas, porque fiquei a pensar que o meu amigo era mau, que era “o Diabo”, quando o meu amigo gostava de mim e também protegia as abelhas como eu, também queria combater a fome, a miséria e os grémios mentais. Ora, sem eu saber, eu é que tinha um “grémio mental”! Eu, afinal, é que fui mau, porque virei as costas a um amigo só porque ele disse que não acreditava na história de Cristo... Ora, eu tinha o “grémio de cristo”, porque não sabia bem a missa toda... Só sabia da missa a metade... E andava só com essa metade da missa na cabeça... Mas mesmo sabendo hoje da missa toda, mesmo vendo que há “católicos” que se dizem “católicos” mas que não são “verdadeiramente católicos”, tal e qual como os “satânicos” que se dizem “satânicos”, mas que não “verdadeiramente satânicos” e não estou a dizer que os “católicos” sem saberem e se aperceberem praticam um “satanismo”, longe de mim criar uma intriga religiosa dessas para iniciar todo um apocalipse de coisas, sem ironia aqui alguma, eu não deixo de ver a figura de Cristo que eu sempre vi e que quis adotar para mim. É só uma figura. Deixem-me olhar para a figura. Deixem-me olhar para a figura de Cristo para poder compreender toda uma história de guerras. Compreendo, por isso, os chamados “anticristos”, apesar de ser (ainda) (na minha inocência, no meu véu de ignorância) “cristão”. Ainda não sei da história. Falta-me a história. Faltam-me 3 peças do puzzle. Dizem que há uma “trindade divina” e uma “trindade satânica”, pois eu quero ver as duas trindades. Ainda não as vi. Falam no “Espírito”, no “Santo” e no “Pai”. Falam no “Dragão”, no “Anticristo” e no “Demónio”. Não sei quem são. Nunca os vi. Sei lá quem é que são! Eles que me apareçam todos ao mesmo tempo para eu ver os corações deles e ver quem é que é bom e quem é que é mau. Eu não sei quem é Cristo, não sei quem foi Cristo. Não sei se Cristo era gay ou era hétero, quem é que sabe? Se calhar era bi. Se calhar via os dois lados da coisa... Simplesmente pego na figura de Cristo e **a história que me foi contada é que Cristo foi um homem bom que queria espalhar uma Mensagem de Paz e que lá iniciou toda uma pregação. Isto basta-me aos ouvidos para eu me suportar na figura de Cristo. Foi um homem bom? É isto que interessa! Quando eu me suportar na tal imagem de Cristo, é só isto que eu estou a ver. Mais nada. Não estou a ver nem sequer sabia de supostos “milagres”, porque isso para mim é metafórico.** Mas foi Cristo que se virou para o povo e disse “eu fiz milagres, sigam-me?”. Ou simplesmente Cristo tinha os seus amigos que um povo resolveu chamar-lhes “os discípulos de Cristo” e os amigos de Cristo sabiam que Cristo tinha um coração bom e então foram os amigos que disseram que Cristo fez milagres para um povo o proteger e seguir? Qual é o mal disto? Eu não vejo mal se a intenção era a melhor, se a intenção era espalhar uma Mensagem de Paz, uma Mensagem de Tolerância, uma Mensagem de Esperança. Os tempos hoje são

horríveis, continuam horríveis, mas naquele tempo ainda mais horríveis eram. Se calhar, os amigos de Cristo simplesmente acharam uma forma inteligente, uma forma de fazer política. Se calhar os amigos de Cristo viram que Israel ou Jerusalém poderia virar um filme de terror e antes que virasse queriam “segurar aquele povo” com um líder que tivesse um bom coração e que fosse fazer uma política fixe de ideias e como sabiam que “aquele povo” acreditava em “milagres” foram dizer ao povo que estava ali “o filho de Deus que faziam milagres” e se calhar a história depois foi outra, depois escreveu-se outra coisa, depois um outro que estava lá a ouvir e também queria ser o líder do povo disse que foi Cristo que disse que era filho de Deus quando era filho de um grande Diabo. A política é isto. É eu arranjar “determinadas coisas” que provem ao povo que a minha política é a melhor. A política existe desde sempre. **Eu vejo uma política na história de Cristo e vejo uma economia. Sou económico, por isso adapto a história aos tempos económicos, aos tempos tecnológicos em que vejo que vivemos.** Se eu estivesse ao lado de Cristo e visse “o tal milagre alienígena”, se visse que uma sociedade alienígena o tivesse escolhido porque mais extraterrestre e mais tecnológica, com tecnologias superiores possuía informações importantes sobre o cérebro e o coração de Cristo e a sociedade alienígena tivesse escolhido Cristo porque ele era mesmo bom, eu acreditaria nos “tais milagres” se eu visse com os meus próprios olhos, porque eu confio é nos meus olhos, confio é no meu cérebro. Saberá que os “tais milagres” teriam sido “intervenções alienígenas”, teriam sido tecnologias mais tecnológicas de uma sociedade mais tecnológica que aos nossos olhos humanos é invisível e que por isso não vemos os “truques de magia” e os “truques dos milagres”. Mas será que seria por isso que eu seguiria? Só porque uma sociedade alienígena o escolheu? E se uma fosse uma sociedade má? **Há biólogos bons e há biólogos maus. Mesmo não sendo biólogo, eu sei ver quando é que um biólogo bom que eu sigo está a começar a ver outro caminho e tenho a capacidade de o deixar de seguir. Há biólogos que têm um polvo no laboratório. Será ético?** E se eu for um polvo num laboratório de ideias alienígenas? O polvo é canibal... É anti social... Não tem sentimentos, não se liga, não tem emoções, é só estratega, é só calculista. Posso ter o cérebro de um polvo, mas não sou um polvo. Eu sou alienígena. O meu cérebro é alienígena. (...) Sem eu saber, sem eu me aperceber, quando eu era criança as crianças todas seguiam-me. Eu simplesmente seguia as abelhas, protegia os lagartos, lutava contra os meninos “giros” e “ricos” que cortavam as caudas dos lagartos por pura diversão. Protegia os formigueiros e chorava quando alguém pisava um formigueiro e ia atrás e “batia” no menino que tinha pisado o formigueiro de propósito, que eu tinha visto que ele tinha visto o formigueiro e que mesmo assim o pisou com o calcanhar demoradamente num prazer. Eu era pobre e sabia quem eram os meninos ricos porque os via a chegarem nos Mercedes... Mas isso nunca me disse nada. Só se eles fossem bons é que eu queria andar com eles. Não queria andar nos Mercedes deles se eles fossem maus. Mas se eles fossem bons e se eu gostasse mesmo deles é claro que queria andar nos Mercedes deles... Sempre gostei de Mercedes... Mas sempre que olho para um Mercedes, olho para quem o está a guiar. Sempre fui muito inocente, sempre fui muito puro, sempre vi as coisas sem maldade e por isso sempre fui muito, muito, mas mesmo muito, muito, muito, feliz. Estive sempre rodeado de amigos. (...) Como eu andava sempre na rua, sempre a brincar, a minha “catequese” era na rua, as minhas “missas” eram na rua, com os meus amigos. Os meus pais não me puseram na “catequese”, não me enfiaram as histórias da “catequese” na cabeça. Tive outro processo. Foi muito importante ter tido outro processo. Mas nem por isso não ia de vez em quando à Missa de Domingo com a minha mãe e com os tios todos, nasci numa família muito católica. Só que, quando eu nasci o meu pai ficou ateu. Logo, nasci com forças opostas dentro de casa. O meu pai estudou medicina, estudou engenharias, estudou direitos, economias, enfim estou muitas ciências... A minha mãe é de outras ciências, das astrologias, das bíblias, dos catolicismos, dos cristianismos. Foi muito importante ter nascido com este jogo de forças. (...) O mais importante é acharmos um sentido nas coisas, mesmo que esse sentido seja só nosso. Desde que consigamos viver felizes com o nosso sentido é porque “chegámos onde tínhamos de chegar”. Depois “cada um que chegue ao seu sentido de coisas”. Há um processo para todos nós “lá chegarmos”, a esse “sentido das coisas”. (...)

Mapa das câmaras

(...)O Adolf mostrou-nos a casa assim que chegámos. Éramos 7. Eu, o Fred, a Sorayã, o Lenovo, o Salgado, o Adolf e a Priscilla. O Adolf disse que ele ia dormir na outra casa, ao lado da nossa, que era a casa dos pais dele, que a Priscilla e a Sorayã iam ficar no primeiro quarto, o Lenovo e o Salgado iam ficar no segundo quarto e que eu e o Fred íamos ficar no último quarto. Antes de avançarmos, o Adolf falou logo nas câmaras que existiam na casa. Disse que existia uma no jardim e que o nosso almoço ia ser filmado e que nos podíamos sentar na mesa como mais nos sentíssemos à vontade. Disse qual era a empresa que ia fazer a operação das imagens e disse que quem ia ficar com os dados da imagem iriam ser os pais deles e que eventualmente poderiam mostrar as imagens aos amigos deles que iam lá jantar em casa e que eram os amigos do banco. Disse que poderiam mostrar só para os amigos dos pais dele verem quem nós éramos e ficarem-nos a conhecer. Assim, que ouvi isto nem sequer pensei em nada jurídico, eu estava ali na boa, estava com o Fred, em casa do melhor amigo dele. Percebi que os “homens da banca” iriam ver-nos sem serem vistos. Soube, mais tarde, que estiveram nesse jantar os sócios-maioritários e os administradores de 7 bancos, em que 2 pertencem ao mesmo grupo espanhol, 2 são bancos de investimento internacionais, 1 é um banco italiano mais pequenino e os outros 2 são suíços. O Adolf disse então que para nós percebermos iriam estar a decorrer 2 jantares ao mesmo tempo: o nosso e o dos amigos dos pais dele; e que iria ter de se “transformar” em 2 pessoas, porque tinha de estar nos 2 jantares “ao mesmo tempo” e que por isso iria estar sempre a entrar e a sair durante o jantar, para conseguir estar nos dois jantares.

Disse que havia uma câmara no corredor dos quartos apontada para a entrada do nosso quarto, meu e do Fred, no entanto não havia nenhuma câmara no nosso quarto. Disse que do mapa de câmaras que nós teríamos de ter conhecimento ele já nos tinha dado. Quando o Adolf nos mostrou os quartos da Priscilla, da Sorayã, do Salgado e do Lenovo, eu vi uma câmara em cada um deles. Fiquei logo preocupado com o sentido das coisas. Comecei logo a pensar se haveria também microfones. Quando pensei isto, o Adolf olhou para mim e disse: «Não te preocupes, Jaime(!) que não há microfones senão os do telefone e cada um é responsável pelo microfone do seu telefone. Eles sabem que os quartos deles têm câmaras com visão noturna, eles consentiram e até perguntaram se podíamos ligar a visão noturna e fazer streaming... Ah! Ainda bem que olhei para o relógio... Está na hora!» No final disto o meu cérebro tecnológico viu o Adolf a abrir uma aplicação desconhecida no telefone dele e a carregar num botão de “streaming” só de áudio... (...)

«O quê? Eles perguntaram isso?»

«Perguntaram no grupo... Tu não vês o grupo?»

«Anh... Não... Eu já vos disse que nunca ando com os dados móveis ligados e depois quando ligo são tipo não sei quantas mensagens para ver e eu não tenho tempo nem paciência para puxar a conversa para cima... O tempo que eu tenho é para namorar com o Jaimezinho... Mas porque é que eles perguntaram isso?»

«Sabe se lá o que é que eles vão fazer no quarto... Mas se quiserem juntar-se ao streaming estão à vontade... Querem?»

«Obrigado, Afonso! Mas vamos passar o streaming... Mas tu vais fazer com eles?»

«Quiçá!... Vou ficar a ver na TV... Se gostar junto-me a eles, senão posso sempre juntar-me a vocês... Que tal?»

«Nós somos *open-minded*... O streaming deles vai passar na TV?»

«Sim... Vocês têm uma TV no quarto com acesso às câmaras todas. É só porem no canal 66 e andarem para a frente. Fred, deixas-me entrar com o teu namorado primeiro no quarto só para lhe mostrar primeiro uma coisa, enquanto lhes vais abrir o portão?»

«Sim, claro... Desde que não leves o Jaime para um outro mundo...»

«Não te preocupes que se eu o levar, eu trago-o de volta...»

Entrei com o Adolf no quarto.

«Jaime, deixa-me só mostrar-te que eu também tenho uma câmara à saída do meu quarto... Quando os meus pais descobriram o diabinho que havia em mim acharam por bem colocar uma câmara à porta do meu quarto... Enfim... Cenas de pais, não é? Devem ter medo que eu à noite saia do quarto e lhes vá tirar um rim ou um ventrículo durante a noite... *By the way* eu também tenho 3 ventrículos como vocês, mas de certeza que o Fred já te deve ter contado... Hoje como os meus pais estão entretidos no jantar não vão ligar às câmaras por isso não me vão ver a sair do quarto, mas para vocês me verem a sair é só carregarem 3 vezes no 6 do comando e começa logo a dar o meu canal.»

Eu comecei a tremer. Cada vez as coisas faziam “menos sentido”. Eu não tenho 3 ventrículos! O Fred nunca me disse que tinha 3 ventrículos! Que raio de história era essa de que ele também tinha 3 ventrículos como nós???? “Para vocês me verem a sair é só carregarem (...) e começa logo a dar (...) o canal”????? Eu estava a falar com o Diabo, ou quê??? O que é que eu estava ali a fazer??? Que plano é que havia entre “nós” os 3??? E se eu me quisesse ir embora, eu podia? Ou iam-me matar??? Tipo, afinal, quem é quer era o Fred???? Que raio de seita é que ela estava metido e me queria meter???? Uma seita “satânica”????? WHAT THE FUCKKKKKKKKKKK

O Adolf viu o meu medo; não consegui escondê-lo, eu estava a tremer por todo o lado. Ainda mais estava a tremer, porque achava que tinha de esconder o medo, porque estava cheio de medo que ele fosse dizer ao Fred “que algo de estranho se passava comigo”, que eu “não era um deles” e que por isso eles iriam matar-me durante a noite, sei lá... Pensei tudo. E enquanto pensei, o Afonso, olhou-me maçonicamente “igualzinho” como o Fred, parecia o Fred, respirou profundamente e silenciosamente deu um passe para trás convidando-me com silenciosos gestos também a dar um passe para trás e a respirar fundo. Lembrei-me que estava à frente de um psiquiatra e aceitei a psiquiatria dele. Respirei fundo e comecei a pensar melhor. Eu precisava de oxigénio. O Adolf fez-me vários gestos indicativos que iria iniciar um teatro maçónico. Atirou o telefone para a cama, atirou-se também a ele próprio com o corpo dele e começou a beijar a mão perto do microfone do telefone. Eu fiquei de cima a ver a cena e a ouvi-lo numa simulação de “beijos e sons proibidos” comigo(?). Hoje, vejo que “passei” no “primeiro teste”. Mas não devia ter passado.

Não devia ter passado no teste, porque eu pensei coisas horríveis sobre a mente do Adolf. O que é perfeitamente natural com toda a Internet das Coisas associada, ainda por cima, à “sobrenaturalidade” do número mágico... Enquanto eu pensava na tusa com que o Adolf devia estar a fazer aquilo em que não percebi se era “suposto” ou se “ele estava” à espera que eu o imitasse e que depois “fôssemos avançando num grau de coisas sem poder voltar atrás”, ou se aquilo era “um preparo”, “um ritual” para o que estava combinado entre “nós” os 3 que eu nem “fazia ideia”(...); o Adolf baixou os boxers, fazendo-me antes um sinal para eu “olhar para a pila dele” e eu olhei e vi como estava “murcha” e numa outra sequência de sinais eu interpretei a seguinte mensagem: «Foda-se, Jaime! Tó murcho, caralho! Não tó aqui o meu namorado! Calma! Eu sou como tu e como o Fred! Não tenho 3 ventrículos... Mas já percebeste as coisas? Estou a transmitir um teatro... Pensam que estamos a ter uma cena, percebes? É uma cena combinada... A cena entre mim, ti e o Fred é um puro teatro... Percebes? Foda-se! Vá lá tens de perceber isto, senão perdes o jogo. Estamos num jogo... Vá lá, caralho! Isto é importante! Estamos numa Liga dos Campões para ganhar a Liga das Legiões! Precisamos das legiões todas a nosso favor!!! Estás a jogar em casa! Sou o melhor amigo do teu namorado! Expliquei-te tudo antes, mostrei-te o filme todo das coisas, disse-te o que é que ia acontecer... Não posso contar tudo, como é lógico... Faz parte do jogo... Mas olha para este nosso jogo... Nós já estamos a jogar, percebes? Consegues ouvir-me? Estamos num canal, numa Internet invisível eu, tu e o Fred...»

Ouvimos um bater da porta.

«Foda-se! Deve ser o Fred... Ah! Só mais um, caralho... Só mais um beijo! Ah! Quero foder-te todo! Ah! Quero foder-te já... Não consigo esperar até à noite...». continuou Adolf no seu psiquiátrico teatro autista.

O Fred bateu com mais força. Ouvei o Fred a tentar abrir a porta num choramingo de criança como se tivesse perdido o namorado para o melhor amigo. Foi isso que eu senti. O Fred estava aflito. Eu não sabia que a porta tinha sido trancada. Eu conseguia jurar que conseguia congelar a imagem e se a filmagem não tivesse sido editada com nenhuma “montagem” ou “efeitos especiais” íamos ver um “erro do filme”, porque a porta não foi trancada, nem sequer ouvi barulho nenhum. O quarto era muito grande e fazia tipo corredor de hall até à suite e depois um outro corredor até se abrir na sala do quarto. O que eu pensei imediatamente é que quando fomos avançando para mais perto da cama e mais longe da porta, sem a porta à vista, alguém pode ter ido muito sorrateiramente fechado a porta e com uma outra chave ter trancado. É fácil fazer-se uma chave e só agora que escrevo isto, é que vejo que qualquer inquilino cá de casa enquanto eu estou fora, na Ilha dos Piratas pode com uma chave feita entrar no meu quarto e se souber a palavra-passe, se tiver sido “facultada” pela minha maçonaria, mesmo que eu tenha os ficheiros todos escondidos no jogo de pastas é só abrir o Word e ver os últimos documentos que eu escrevi e passar à maçonaria e estou assim a ser monitorizado sem ser através dos olhos ou de qualquer implante e isso já explica o facto de eu escrever os cenários e eles aparecerem tal e qual montado num cenário de coisas sempre invisíveis (...)

Com um grande ar de gozo, o Adolf mostrou-me a chave e perguntou-me: «Queres ir abrir a porta ao teu namorado? Ou queres deixá-lo a sofrer mais um bocadinho?». E eu agressivamente, tirei-lhe a chave das mãos e respondi: «eu não sabia que estávamos trancados no quarto! Eu não sabia que a porta estava trancada...». Abri a porta ao Fred, quase a chorar, preocupadíssimo, porque eu não queria que ele pensasse coisas erradas e disse «Amor, eu não fazia ideia que o quarto estava trancado, eu não sabia que estávamos trancados». O Fred olhou-me com um ar psicótico, parecia que me queria matar e começou a entrar num assustador passe-nazi. Eu queria abraçá-lo e dizer que o amava, queria dizer-lhe algum sinal aos ouvidos, mas o psicopatismo e a frieza do jogo maçónico não deixaram.

«Adolf, porque é que trancaste o quarto?»

«Foi com o consentimento do Jaime.»

«Jaime... Isto é verdade?»

«Eu já disse que não fazia ideia que o quarto estava trancado.»

«Jaime, eu tranquei a porta mesmo à tua frente... Não vou ficar nisto sozinho...»

«Adolf, se foste tu que trancaste a porta, eu não dei por nada... Eu já disse, eu não fazia ideia que estávamos trancados...»

«Jaime, vá lá... Eu tranquei a porta mesmo à tua frente. Eu até pedi licença para trancar. Admite, caralho!»

«Podes ter pedido licença. Mas eu não ouvi a tua licença nem vi que trancaste a porta. Até porque se eu te visse a trancar a porta eu perguntar-te-ia como toda a cordialidade, porque somos cordiais, o porquê de estares a trancar.»

«Porque é que trancaste, Adolf?»

«Para pensares que eu o Jaime estávamos a ter uma cena sem ti e ficares todo fodido como já estás a ficar...»

«Não voltas a trancar-te num quarto sozinho com o meu namorado. Senão ficamos desentendidos, ok?»

«Ok! Vou deixar-vos a sós... Até mais logo, Jaime...»

À despedida, trocámos os 3 um olhar “completamente maçónico”. Agora que escrevo isto e vejo as coisas de outra forma, acho que demorei um bocadinho “a chegar lá”. Mas o meu “atraso” de processar as coisas, deve-se ao facto de toda a Internet das Coisas, eu ter um cérebro-escriptor e de querer escrever sobre as coisas e não conseguir e ver como as coisas se ligavam entre si e eu ver que por cada dia que passava e eu não escrevia ia perdendo ligações importantes e ia ficando com uma escrita cada vez mais “comprometida” e ainda ao facto de ser pobre e estar, por isso, preso, refém, completamente à mercê, das coisas da Internet, sem hipótese nenhuma de “fugir”. Eu não sabia o que haveria de pensar; abri vários jogos de hipótese. Será que o Fred achou que o tivesse traído e poderia

por causa disso matar-me? Será que, mais tarde, o Fred iria ter acesso ao áudio e achar que eu o trai? Que Internet ia ter uma falsa informação sobre mim que eu tinha acabado “de traír” o Fred? Qual era o objetivo? Que pensassem que eu era um Diabo? Teria sido tudo encenado? Será que o Fred tinha sido posto à prova pelo Adolf? As perguntas foram imensas, mas não tenho tempo para levantar senão um outro conjunto de “perguntas ao contrário” também importante... E se fosse ao contrário? Eu do outro lado? O que era suposto eu pensar? E se isto fosse uma “brincadeira para sempre” em que eu ia ver sempre trancados o Adolf e o Fred e “ter de” pensar que “era sempre só uma brincadeira e que não podia pensar em paranoias”? E se amanhã eu chegasse, a porta estivesse trancada e eu “ouvisse” os beijos “falsos”(?) entre o Fred e o Adolf, o Lenovo me puxasse pela manga para outro quarto, trancasse-nos e se pusesse comigo aos beijos e com a raiva, confusão e desforra das coisas eu próprio “entrasse” no jogo dos beijos? Será que este tipo de jogos e “portas trancadas” acontecia noutras legiões? Enfim... Um leque de perguntas infinitas...

O Adolf deixou-nos no quarto e eu passei-me com o Fred. Perguntei que merda é que tinha sido aquela do Fred responder ao Adolf que nós éramos “open-minded” (...)

(...)

(...) Vi 7 legiões. Vi que eram as 7 legiões que como colmeias instaladas “em cima das coisas” conseguiam entrar, pressionar e comandar todas as maçonarias dos formigueiros da Terra. (...) Vi que as legiões tinham prendido algumas maçonarias e instruíam-nas através de uma aplicação invisível. (...) Vi que os “mestres” das maçonarias viam os líderes das legiões como deuses, vi que acreditavam em deuses que eram humanos “tecnológicos” que se escondiam por detrás de uma tecnologia (...) Vi e as hierarquias dentro das legiões que “reproduziam” num teatro de coisas a vida real das obediências das maçonarias (...) Vi que a maçonaria estava em todo o lado, que mandava maçons para a Rede dos Lixos, para a Rede dos Seguranças, para a Rede de Polícias, para a Rede dos Salva-Vidas (...) Vi que os maçons-obreiros não passavam de soldados, não passavam de instruídos, não passavam de algoritmos, não passavam de robots (...) Vi que os maçons-obreiros obedeciam ao Mestre das Obras e defendiam cegamente as obras do Mestre (...) Vi que os maçons-obreiros estavam presos nos primeiros degraus da Escadaria Maior e que nunca iriam passar de maçon-obreiros (...) Vi que os maçons-jovens-rainha queriam todos chegar ao último degrau e silenciosamente competiam formando silenciosamente grupos secretos dentro da própria maçonaria (...) Vi ministros-maçons e deputados-maçons a levarem decretos-leis ao Mestre e a votarem no Parlamento de acordo com o Mestre numa “obediência maçónica” (...) Vi ministros-maçons e deputados-maçons que eram só uma marionete nas mãos de uma formiga-rainha que tinha aberto um formigueiro às ocultas de uma Democracia... (...) Vi a mentira da Democracia (...) Vi a mentira das religiões (...) Vi uma ala da Opus Dei que diz que segue a Bíblia Sagrada mas que faz adorações ao número 666, porque tem medo e é, por isso, obediente à “carga bíblica” da simbologia do número 666 (...) Vi que só os Astros da Cabeça da Ursa (membros com Poder) da Legião Secreta da Vida é que estavam vestidos com fatos de astronautas e com capacetes metidos que reservavam a sua verdadeira identidade (...) Vi o Adolf a entrar no meu quarto e do Fred completamente nu e ereto, de chave na mão a abrir um alçapão que numa escadaria o levou num secreto túnel subterrâneo até ao quarto dele. (...) Vi que a Legião de Ezequiel e os Caras d’Anjo ficaram com uma falsa informação, ficando a achar que tinha acontecido um “triângulo amoroso” entre nós e que só por isso aceitaram proteger a minha iniciação nas legiões. (...)

Hackear com a Legião a *dark net* dos formigueiros na Terra

(...)

Qual é o código do canal?

666-49666-49666XXZ

Qual é o código para encriptar o canal?

É o mesmo.

E para encriptar a primeira encriptação?

Com os mesmos números e com as letras ao contrário...

Acham que é necessário encriptar a segunda encriptação?

Acho que não era necessário... Mas por uma questão de segurança, podemos encriptar.

Ok... Estamos seguros?

Sim...

De certeza...

Sim...

É que eles não podem saber que contámos a verdade ao Jaime, senão o Jaime não é admitido...

Estamos encriptados... Podemos avançar...

É para avançar?

Temos quanto tempo?

Cerca de 2 minutos...

Vamos contar a verdade?

Eu acho que sim, não é?

Eu também acho que está mais do que na hora...

Então, só para o Jaime ver as nossas câmaras e ver todo o *Target* ao vivo e a cores... E fazer um Processo mais tranquilo...

Posso adicionar isto ao Processo como prova?

Depende... Não podes pôr isto no sítio das provas... Era suposto o teu cérebro ter “imaginado” isto e isto não ter acontecido...

Consegues pôr isto num sonho? Como se tivesse sido um sonho...?

Hum... Acho que sim... Mas preferia pôr noutra parte do Processo...

Tudo bem... Desde que não ponhas nem horas nem o dia... Tudo bem...

Parecemos fantasmas... Enfim...

Só temos mais 1 minuto...

Okkkk... Pronto... Isto foi uma informação que nós tivemos de enviar para a rede... A informação que se enviou é que o Fred e o Jaime fizeram um pacto que só podiam beber vinho à refeição e que tinha de ser na presença dos dois e que se o pacto fosse rompido por um dos dois, o namoro acabava...

Agora vamos ver quem é que está nesta rede... Tcharãnnnn....

Pronto... Conseguimos ver quem está na rede...

Podem só aumentar para o Jaime ver aquele *profile*, por favor...(?)

Pronto... Este *profile* que o teu namorado, o Teu Mais Que Tudo, pediu para aumentar e que vamos agora abri-lo... É do...

Não!!!!!!! Não digam! Não há nomes aqui...

Ups!!! Não se pode dizer nomes... Pronto... Não há nomes...

Jaime, o que precisas só de ver é o seguinte: este *profile* tem as seguintes localizações... Tem esta morada que tu reconheces... Este *profile* enviou as seguintes informações... Podem abrir...

Temos de fechar! Perdemos a terceira encriptação do canal, estamos só com duas...

Calma! Calma! Não sabemos quando é que vamos poder voltar a fazer isto! Não vamos embora sem mostrar... Podem por favor abrir rápido? Só o resumo das informações enviadas, por favor...? Estás a perceber, Jaime?

Sim... Basicamente estou no *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak?

Não... Não estás no *Target*... Estás na vida real e na vida real há pessoas menos boas...
Ok?

Agora vamos ver quem é que apostou que ia conseguir desfazer o pacto...

Eu não quero ver mais, eu já percebi.

Ok, já percebeste uma parte... Faltam as outras partes todas... Isto foi tipo só o nível 1

Isto não é sequer o nível 1... Isto é o -49... Estamos numa deep, deep, deep, deep, deep, web...

Eu estou numa dark net, é isso?

Não! Tu não estás em dark net nenhuma... Há dados teus, determinados dados que são partilhados numa dark net, é diferente... Tu estás aqui connosco... Nós estamos todos no mesmo filme, estamos aqui contigo! Ok?

Deves estar a pensar porquê disto tudo, não é?

Sara!!!! Temos de ir embora, já só estamos com uma encriptação... Eles vão ouvir-nos...

Jaime! Lembras-te quando éramos mais novos e estávamos em casa da tia Giralda, com os primos todos e estávamos na Internet e fomos primeiro ao site do Assustador e depois fomos parar a um vídeo em que estava uma mulher num carro com homens numa cena um pouco assustadora e tu perguntaste logo quando começaste a ouvir os gritos dela, se ela sabia que estava a ser filmada e os nossos primos responderam em coro, às gargalhadas, “que claro que ela não sabia que estava a ser filmada” e tu teres dito que eles eram todos uns criminosos e teres pegado a minha mão e termos ido embora do filme?

Sim.

Lembras-te quantos anos é que tinhas?

7, 8, 9, não sei... 12?

E se eu te dissesse que isto tudo vem desde aí, seria assustador para ti?

Nem um bocadinho.

Sara, temos de ir! Jaime, boa sorte!

Perdemos o canal. Merda.

(...)

Em casa da Boa Psicologia

(...)

«Epá, faz o que tens a fazer amor...»

«Pois, é porque... Não é?»

«Sim, amor... Mas o que é que eles te estão a dizer?...»

A Psicologia a olhar para mim olha para a *App* do marido e diz «Pois...» e olha para mim com cara de caso a levantar as sobrancelhas para o lado direito e suspira com o marido dizendo «Não era bem essa a informação que nós tínhamos, não era...?» e volta a olhar-me como se fosse capaz “de lavar as mãos”...

«Pois... E agora? É para avançarmos? É que eles estão a dizer que se não avançarmos, acontece isto...»

«Mostra-me lá, para ver o que é que nos pode acontecer se não fizermos o que eles estão a dizer para fazermos...» aumentou o tom de voz como se estivesse num silencioso grito de socorro.

«Acontece isto.»

«Amor, mas eu perguntei-te se ele podia vir e tu disseste tudo ok...»

«Pois... Mas, a informação era outra... Percebes?»

«Espera lá, deixa-me perguntar aqui uma coisa ao Jaime para eu perceber.... Ó primo, desculpa lá, tu estás-me a dizer que não comes de todo, carne de vaca? E o Fred também não? Mas é porquê? É que o jantar vai ser vaca... Tu vais comer o quê? Eu posso fazer outra coisa para ti... Mas e o puré? Tu vais ter de comer o puré... E o puré leva leite... Vais ter de comer o puré, ó Jaime... Senão eu não sei como é que vai ser...? Percebes?»

Bom. Aqui tenho de parar. Aqui foi muito assustador. Eu aqui pensei tudo. Eu aqui pensei que os meus primos estavam sob ameaça por um sistema qualquer que lhes estava a dizer que se eu não comesse o puré que eles teriam de me matar ou entregar-me. Pensei que uma “maçonaria do puré”, empresários que matam vacas e que é esse o negócio deles estivessem a pressionar os meus primos. (...) Foi o que eu pensei. (...)

Porque eu vi a Psicologia num grito de socorro. Eu não percebi de facto que informações é que a Legião lhes tinha dado ou lhes tinha passado sobre mim. Eu não faço ideia se isto é uma “cena espiritual” em que há pessoas que acreditam que “se não executarem o crime encomendado” vai acontecer alguma “coisa espiritual”. (...) Eu não sei em que “cenas espirituais” é que as pessoas andam metidas e não sei como é que “lidam” com elas. (...) Eu sei lá se estou a escrever e de repente um sistema que me está a ver a escrever e vê que vou conseguir fazer a jogada de mestre, envia uma mensagem a um “monitor”, a um “algoritmo de carne e osso” e manda-o executar o crime.(???) (...) Eu não sei se há um sistema a dizer às pessoas que têm de ver um filme e que se não fizerem qualquer coisa vai acontecer a cena de um filme “como uma referência”... Eu não sei que merdas de referências e medos é que meteram na cabeça dos outros. (...) Eu não sei se há um sistema a obrigar as pessoas a partilhar determinadas fotografias no Facebook ou no Instagram.

“Agora tens de publicar o teu hall de entrada e vais receber mais pontos para saíres do jogo”.

“Agora vais ter de comprar 3 abelhas com o número 6 em cada uma ao dono do barco Borda d’Água e colocá-las no quarto dos convidados porque vais receber o Diabo. No dia a seguir veste encarnado e carrega bem os olhos de preto e passa pelo quarto a correr a dizer “Nós vamos é fugir”. Veste encarnado porque o Diabo gosta de encarnado.

(...)

«Ó primo tu tens alguém de fora contigo?»

«Como assim?»

«Não sei, eu estou a perguntar-te isto, porque às vezes é importante termos alguém de fora, para tudo na vida, sabes que na vida há muitos jogos e é importante termos alguém de fora para pedirmos por socorro, caso as coisas deem para o torto... (...) Eu por exemplo, se eu precisar de alguma coisa eu tenho os irmãos Dorey de Penal comigo... Sabes quem eles são, não sabes? Não estou a falar dos Dorey, dos teus primos, da parte lá do teu pai, que eu com esses não me dou... Eu estou a falar dos Dorey do norte, bem lá do norte, sabes quem são, não sabes? Ah, tu sabes!... Tu até tiveste com um deles inclusive, não foi...? (...) Pronto, é que isto é importante, é importante termos pessoas importantes connosco, porque isto é tudo um jogo de poderes e vassalagens, tu sabes... E eu não tenho paciência nem para vassalagens nem para narcisismos... Eu cada vez que vou ficando mais velha e vou vendo as coisas com outros olhos, vou percebendo as cenas e chego à conclusão que as pessoas, primo, não prestam mesmo, são capazes de fazer tudo por dinheiro, desde matar, lixar a vida aos outros, percebes...? E às vezes, é só pelo simples prazer, pela simples adrenalina das coisas, percebes...? E por isso, é que eu estou a perguntar-te se tens alguém de fora que saiba a tua localização e as pessoas com quem tu estás... Eu tenho a minha irmã Sónia que está no Centro de Investigação de Direito Penal da tua faculdade de Direito... Tenho o João, o marido da minha irmã que é advogado e que está ligado ao Centro de Estudos Jurídicos, ou seja, está ligado aos juizes, e para todos os efeitos são teus primos e podes sempre contar com eles... (...) Mas eu estou só a dizer que para além dos contactos dentro da nossa família, da nossa Internet, acho que também pode ser importante teres pessoas fora de qualquer Internet, seja da minha, da Sara, do Fred... Eu estou só a dar-te uma ideia, mas vê lá agora não vais dizer que fui eu que te stressei ou assim, tu connosco estás bem e eu acredito que tu com o Fred também estejas bem... Está tudo bem convosco? Eu estou só aqui a falar e tu vais aí caladinho a pensar nas coisas todas, não é?»

«Sim, estamos bem.»

«Estão?»

«Sim...»

«É que esse sim, não foi assim muito assertivo, podes falar comigo à vontade primo... Sabes que eu sou psicóloga e sei detetar coisas...»

«Prima, está tudo bem connosco...»

«É que às vezes dizemos que está tudo bem, mas na verdade não está...»

«Prima, está tudo bem...»

«É normal os casais discutirem, podes contar-me primo... É que tu estás a dizer que sim e estou a olhar para ti e parece que está a explodir por dentro... Queres contar-me alguma coisa?»

«Não, sei... Sabes...» Fiz o primeiro teste à Psicologia... Sabia que a Psicologia ia agarrar no telefone e ia ligar-se à Internet...

«Espera, aí primo... Que eu tenho só de ligar o GPS, que é para vermos onde é que nos estamos a meter, que estamos aqui distraídos na conversa e depois vamos por caminhos perigosos, por caminhos mais longos... É que esta estrada aqui é muita perigosa, primo... Olha para isto, isto aqui é só acidentes... É acidentes atrás de acidentes... Tu estás a ver o mesmo filme que eu? Tu estás no mesmo filme que eu primo? Olha para esta estrada... Vá, é agora. Vou ligar o GPS.»

«Não, sei... Sabes... Eu... Gosto mesmo do Fred! Eu nunca me senti tão especial... Todos os dias é diferente, é sempre melhor... Não há medos, não há receios de nada... Sabes? É uma relação mesmo perfeita e nós ouvimos todos à nossa volta a dizer que não há relações perfeitas e tu tens a relação perfeita nas tuas mãos, sabes quais é que são os ingredientes do amor, sabes qual é a fórmula e ouves cenas dos outros, vês cenas dos outros que tu não percebes como é que são um casal... Tipo, casais que vão completamente separados numa viagem com os telefones e nós vamos sempre de mãos dadas, percebes? Casais que chegam a casa e sentam-se à frente da TV e pronto não falam mais...»

«Ó primo, desculpa lá estar a interromper-te... Mas isso não faz mal nenhum, ok? As relações são diferentes... Tu não podes dizer que a tua relação é mais perfeita, por exemplo, do que a minha só porque eu tenho uma TV em casa e vejo todos os dias uma série com o meu marido e tu e o Fred preferem namorar aos beijinhos ou a fazer outras coisas... Estar a ver uma série com quem tu gostas, também pode ser uma forma de estares a namorar, ok?»

«Ok... Mas eu não queria dizer isso...»

«Pois, mas foi o que disseste... (...) Qual é o teu problema se numa viagem entre um casal, um vai a guiar e o outro vai o tempo todo ao telefone? Tu não vais por exemplo a escrever? Então? Tu podes ir a escrever e os outros não podem ir ao site da Jupiter Editions e ler no telefone o que vais a escrever?»

A Psicologia piscou-me o olho e fez-me um clique no cérebro... Fiquei a pensar seriamente no assunto. Senti o meu pensamento a ser manipulado por uma psicologia extremamente inteligente que também quer sobreviver. É só aqui que eu aponto o meu facalhão maçónico à Boa Psicologia para ficarmos quites. Não lhe aponto mais, para já.

«Tens razão. Peço desculpa. Peço desculpa a toda a gente para quem nos esteja a ouvir... Disse coisas sem pensar... Peço desculpa! Escrevi coisas que não devia, é verdade, sim senhor, escrevi críticas muito duras direcionadas para determinadas e certas pessoas... Admito! Foi sem pensar... Mas também não tive tempo nem sequer para pensar nas coisas... Foi tudo a correr, tive que criticar a Psicologia a correr, mas não foi por mal! Admito os meus erros, não volto mais a criticar... Pronto... É que foram críticas, atrás de críticas... De facto, exagerei...» Fiz um sketch.

«Annnh! Já viste? Tivemos direito a um teatrinho do primo e tudo... Este já não consegues enviar para a Jupiter Editions, ó primo... Ou consegues? Se calhar, até consegues...» A psicologia voltou a piscar-me o olho.

«Ai, Silvinha... É que a tia tem aqui muitos teatrinhos para contar, muitos teatrinhos que a tia teve de fazer... Mas são tantos teatros a quererem sair, Silvinha, que a tia nem sabe por onde começar... É que eles querem sair todos ao mesmo tempo e eu tô aqui a segurá-los à espera de os ir fazer ao palco da Jupiter Editions...»

«Annnnh!!!! Isso foi imitação perfeita da tia Lígia, ao mais alto nível! Parabéns, primo! Também me sabes imitar?»

«Por acaso, não...» menti à Psicologia.

«Então, mas conta lá... Onde é que vocês estiveram?... Bem, vou desligar o GPS...»

«Foi num fim de semana num congresso de médicos...»

«Hum... E isso foi onde? Ou não podes dizer?»

«Ah!...» comecei a rir-me... «Posso, claro...»

«Mas ainda não disseste... É que às vezes, eu sei que há coisas que são secretas... Só queria era perceber onde é que tinha sido o vosso congresso... E *tás-te* a rir... Eu percebo tudo primo, sabes que nós funcionamos muito por linguagem corporal...»

(...)

As mazelas da Iniciação do Processo Maçónico

(...) Neste momento, a esta altura do processo às 7h12 do dia 17 de julho há muita escrita que eu produzi que para mim já não faz sentido “publicar”, porque são vestígios das minhas “paranoias”. O que é, altamente natural no tipo de Processo destes. Quando me refiro a “paranoias” é a medos e não ao “pensamento paranoico” em si. Se bem que, nem acho que faço muito sentido falar em “paranoias”, mas só agora sinto a coragem de escrever sobre isso por me sentir livre “de paranoias”. O meu problema com as “paranoias”, é que há vários tipos de paranoias. Há a paranoia patológica, do estilo alguém estar a falar numa mesa e nós acharmos que a mesa está a falar sobre nós numa “constante perseguição ao ser”. Outra diferente, é acharmos isso porque a mesa está de facto a olhar para nós e está-se a rir e eu aqui não vejo nenhuma paranoia, é preciso é saber rir para a mesa, no entanto, isto pode ser mais complexo, porque depende de quem está na mesa e das ligações óbvias que ligam ao ser e de toda a sociedade e da própria relação que existe entre o ser e essa sociedade, esse “mini ecossistema”. Portanto, isto é sempre muito complexo. Depende do caso. E depende de toda a história “espiritual” por detrás das coisas reais se se quiser chamar assim. A neopsicanálise da *Paranoíde Tecnológica* de Federico Ferrari ensina-nos a discriminar as paranoias e a chamar a realidade que nos é mais imediata para “desvendar” o “mistério”.

Para além das “paranoias naturais” há um outro tipo de jogo, quando a paranoia é instalada, provocada propositadamente ao ser. Por exemplo, em situações **óbvias de stress**. É mais do que óbvio que depois de eu ter entrado para uma legião, em que eu nunca tinha tido acesso a legiões, nessa legião houve teatros, houve cenários montados com personagens, vejo uma nova personagem do Fred, “de repente” estou numa casa em que só falam de mortes, em que estão a personificar ou teatralizar um psicopatismo, fala-se de nazismo, falam-se de grupos secretos que matam pretos, eu sou preto, falam de retirar órgãos, eles são todos médicos, vejo um novo passo nazi no meu namorado que não conhecia, vejo-o, de repente, a falar de implantes cerebrais e a defender e a falar da monitorização do coração a “passar para o outro lado”, antes da Legião faz o papel bíblico da serpente, eu nunca tinha invocado o número mágico, vejo logo aqui, obviamente, uma ligação de tudo, começo a pensar que fui eu que fui abrir uma porta qualquer espiritual do verdadeiro “dark side”, enfim, o meu próprio namorado a ter a mesma personagem do meu ex-namorado... Enfim... Eu achava que o meu próprio namorado médico psicopata me ia matar, ainda por cima ele teve o tempo todo a ouvir o meu coração durante a noite, ele parecia um robot, um algoritmo a monitorizar o meu coração a registar só com as suas mãos a minha frequência cardíaca, a minha resposta cardíaca às coisas todas, o meu coração estava a disparar, eu estava a tentar controlar a pulsação para ele não perceber que eu estava com medo, porque eu achava que ele me ia matar... Depois, já parecia que estava num processo militar a ser treinado... O Fred, de repente, parecia um militar comigo na cama...(..)

Depois eu vejo todo um teatro, fazem de propósito, é claro, em que vejo uma hierarquia e que quem vai saindo primeiro depois é mal falado, até que fico só eu e o Fred a ouvir o Adolf a falar sobre todos. E depois o Fred ainda me pergunta se eu tinha gostado do Adolf???? Eu só queria fugir do carro, entrar em casa das minhas primas que são psicólogas e contar todo o meu processo traumático, entregar-lhes a minha ficha clínica e acabar tudo com o Fred. Era esse o meu plano. Só que, as minhas primas dizem para o Fred entrar... Eu nem sei na altura... Foi horrível... Eu só queria fazer sinais de socorro e não me deixavam... Afinal, estava tudo metido, porque estavam todos a agir da mesma maneira, (tipo) havia um ambiente maçonicamente instalado. (...) E estávamos só a conversar, mas

eu já via os facalhões invisíveis. (...) Enfim, pensei que pudesse ser tudo da minha cabeça, pensei que pudesse ter sido só uma praxe ou eu mesmo tivesse a exagerar em alguma coisa ou simplesmente tivesse tido um erro do pensamento cognitivo, poderia ter acontecido, ou seja, eu estava a apagar tudo da minha memória, porque eu não tinha explicações reais sobre o que se tinha passado e ou seguia em frente com outra vida, ou tentava perceber o que é que se estava a passar à minha volta... (...)

Eu sempre soube que a minha escrita salvava tudo. Salvava vidas. **Sabia que a minha escrita era um Suporte Básico de Vida.** O meu maior Suporte Básico de Vida. E o que eu tinha de fazer era uma oxigenação a mim próprio. Eu precisava de descansar e acordar e ver como estava no dia a seguir, tentar escrever, porque o que eu mais queria era ter escrito. Era isso que eu planeava quando acordasse.

Só que, quando eu acordo, olho para a parede e tenho 3 abelhas em gesso cada uma com o número 6. Eu não sabia que as minhas primas “detinham” aquela simbologia... Sabia que da última vez que a minha mãe tinha lá estado, tinha vindo com uma conversa *muita* estranha, porque tinha visto “coisas estranhas” na casa das primas e que poderiam estar associadas a “adorações”... Enfim, fiquei ali um pouco comigo e olhei para aquilo e vi que era só um número. Mas, entretanto, oiço a psicologia a correr. Foi horrível. Oiço os passos maçónicos da Psicologia a dizer “nós vamos é fugir”. Quer dizer, depois de tudo, depois de eu ter escrito pela primeira vez o número 666 num dos meus cadernos sagrados e começar a vê-lo a aparecer em tudo o que era sítio, como se, de repente, me comesse a perseguir, vou parar à casa da minha família com psicólogos, que são “a razão da psicologia”, “o cérebro da psicologia” para lhes contar sobre toda a Internet das Coisas, para poder gritar com a psicologia; (...) e no quarto dos convidados da psicologia, como se estivesse num “divã”, acordo e olha para a parede e vejo o número 666 e oiço a psicologia “toda stressada” do outro lado da porta, a correr de saltos altos e a dizer “nós vamos é fugir”????

A primeira coisa que me vem à cabeça é que pensam que eu era o “Diabo” e que iam incendiar a casa para eu “arder”, ou que uma *App* invisível ia mandar explodir a casa para o “Diabo” ir pelos ares e que elas estavam na *App* e sabiam das “opções do jogo da vida”... Foi o que eu pensei. Juro. Agora, rio-me. Mas foi o que eu pensei. Depois, pensei que talvez havia qualquer coisa a passar-se na vida de todos ao mesmo tempo, que talvez todos nós tivéssemos invocado o número ao mesmo tempo e tivéssemos ido parar a um jogo... Foi o que eu pensei... Bem, agarro em mim, saio da porta calmamente, vejo as minhas primas a corrrrrrrrrerem, mas a corrrrrrrerem de uma maneira... Que eu pus-me também a correr! Eu estou a rir-me imenso agora, mas na altura não teve piada nenhuma... Nenhuma mesmo... Foi horrível!!! E era eu a perguntar o que é que se passava e eram as minhas primas a dizer que tinham de ir embora e vejo a Sara de óculos escuros a despachar-me e a sair porta-fora, pega no carro e vuuuum e eu a pensar que “já perdi uma vida, eu estou num jogo, eu não posso perder mais vidas”...

E era eu a dizer à Sara para ela esperar, eu atrás dela, ela a perder o salto alto eu a dar-lhe o salto alto e a dizer só para ela esperar, porque eu não tinha máscara e estava à procura e ela pede-me desculpa e diz que não pode esperar e manda um grito à Silvia e ao Gastão a dizer «ELE PERDEU A MÁSCARA!» e nisto vêm os dois a disparar a fugir e a dizer que vinham já e eu a pensar nos rottweilers que estavam soltos lá dentro da casa... Eu sabia que não podia entrar dentro de nenhum carro sem máscara, porque estávamos numa pandemia e a máscara era obrigatória e podíamos ter uma operação Stop e vem-me logo o Direito com as suas multas à cabeça e ainda pensei que estava em Portugal e

que em Portugal “era só uma multa”, mas que noutra país poderia logo ser detido, as coisas estão a ficar horríveis... E lá me faz um clique e eu sei onde está a máscara, entro a correr dentro de casa, saio a correr, vejo a minha prima dentro do carro a ver a cena pelo retrovisor em que o Gastão para, olha para trás e vê que eu venho, como se tivesse visto um filme antes em que eu não tinha ido, que eu tinha ficado para trás e eu “ultrapasso” o meu primo Gastão e ao invés de me sentar à frente, sento-me atrás da minha prima.

Instintivamente lembro-me do meu pai “atenção, que o lugar ao lado do condutor, é o lugar do morto, num acidente quem vai ali é quem morre”. E eu penso que se eu fosse no lugar do morto, se a minha prima numa simulação de acidente não iria bater só do meu lado... No meu pensamento, eles achavam que eu era o “Diabo” ou eles eram os diabos e eu como era bonzinho, eles tinham de dar cabo de mim, enfim... Sei lá os filmes que eu vi, ainda registei alguns, ganhei uns filmes fixes... Depois foi o filme da bomba de combustível. Em que a minha prima com a chave na ignição sai do carro para pôr combustível e eu a pensar que ela podia achar que éramos os dois “maus”, porque o meu primo tinha acabado de me mostrar uma cena que ele tinha feito de zombies em que eu era um zombie e o Fred estava todo tatuado e estava a usar o meu corpo na sala deles... E eu disse “adoro”... O que é que eu haveria de dizer? Foi o meu priminho mais novo que fez a computador... Estava espetacular em termos gráficos...

E eu lá digo ao meu primo para desligar o carro e tirar a chave da ignição, quando a Sílvia metia a mangueira no depósito do carro. Achava que íamos pelos ares. É claro que depois calculei que caso eu tivesse falhado no “teste” de não tirar a chave da ignição, quando a minha prima ia pôr combustível, a minha prima iria entrar e iria perguntar se eu não tinha reparado na chave e se tivesse, perguntar-me-ia se eu não sabia que o carro podia ir pelos ares... Obviamente interrompendo o meu processo, excluindo-me... Outra vez... Como tinha sido excluído no barco Borda D’Água... (...)

(...)

Batalha Naval

Quinta-Feira, 15 de julho de 2021

(...)

19h50 Comecei a pensar desenhar em banda desenhada pela primeira vez algumas cenas do filme da Ilha dos Piratas, comecei a pensar em transformar a minha escrita em desenhos para passar melhor a mensagem e entrei em casa a pensar, pela primeira vez, nos espíritos do Walt Disney e do Fernando Pessoa. Recebi depois a tal chamada do Mr. Bali. (...)

(...)

Sexta-Feira, 16 de julho de 2021

(...)

Estou a escrever para os extraterrestres.

Parece um jogo de facadas. Parece que anda tudo num teatro invisível com facas (in)visíveis. Só que, na verdade, as facas são visíveis. Os facalhões são visíveis. As facadas é que são invisíveis. O teatro é invisível, o jogo é invisível.

(...)

Chamada com o Fred às 9h38

«Baby... Não queres abrir uma escola de mergulho na Ilha dos Piratas?»

«Fred, só se os piratas deixarem...»

«E uma lavandaria?»

«Fred, porque é que queres abrir uma lavandaria na Ilha dos Piratas?»

«Baby... Para lavar a roupa suja dos piratas...»

(...)

12h00 No barco do Capitão, o Mr. Rugby pergunta à tripulação «Foda-se! Não querem abrir uma lavandaria?». Tudo isto por causa de uma cena com o Mr. Bali. Mas antes disto, olha para uma das câmaras do barco e pela primeira vez “vejo” a prima Sílvia a ver-me por detrás da câmara numa Psicologia de Precisão autorizada por um Direito Penal maçónico. O teatro desenrolou-se.

12h06 O cabo-mar entrou no barco durante o processo teatral para perguntar se estava tudo bem e dar-me o número dele.

12h09 Transformei-me numa peça de xadrez e saí do barco do Capitão em passes e risos que davam protagonismo ao teatro maçónico. Comecei a ver o barco do Capitão como um palco da Jupiter Editions e comecei a pensar numa oferta ao Capitão para eu e o Fred ficarmos com o barco... Em toda a sorte do teatro, ainda tinha esperanças de que no final do *flashmob*, houvesse “um papelinho” a dizer que o barco era meu e do Fred... Só que no cardápio do barco está lá “naco de vaca” e estão lá “salchichas de porco”... Ora, são a salchichas e o naco que estão a estragar o filme... Que me dizem que não há filme nenhum ou que pelo menos a Jupiter Editions não pode estar envolvida, porque a Jupiter Editions não se envolve nisto... A não ser que as salchichas fossem de aves e o naco fosse um naco de seitam... Pensei que 60.000€ pelo barco seria um preço justo, tendo em conta o meu “fechar de olhos” às câmaras de vigilância sem eu saber quem é o responsável da operação, do processamento, do tratamento e quem são os parceiros que têm acesso às minhas imagens. Há aqui um manifesto e claro conflito de interesses, porque só a Jupiter Editions é que é a entidade legal autorizada a filmar a minha vida, porque os meus direitos de imagem foram cedidos à Jupiter Editions no contrato de licenciamento que celebrei... Enfim... Pensei que 60.000€ desse para esquecer o assunto e começar o filme... Saí do barco a ouvir o Capitão numa chamada «Os gajos querem o barco? Então que entreguem 1 dos 6 exemplares que esta merda vale mais do que 60 mil... Entreguem 1 dos 6 que a gente depois espera o bocadinho e mete aquela merda no leilão e vendemos por 1 milhão se for preciso!»

12h13 Chego ao estaleiro e vejo o anjo agarrado a uma revistinha de banda desenhada aberta na história “A prima irresistível”. Peço a revista emprestada e começo a ver “as analogias” da banda desenha ao filme que passou e que foi real na casa da Boa Psicologia e ao filme que eu tinha acabado de ver, antes de chegar ao Estaleiro. Vi a 1ª referência. Vi que a referência era uma banda desenhada de Walt Disney. Olhei para o que é que o Mr. Bali estava a ler e vi-o a ler um poema de Fernando Pessoa.

(...)

+/- 16h30 Saí do barco do Capitão de “bandeja na mão” e lembrei-me dos piratas na Ilha da Madeira que me contaram que havia um barco afundado à frente da praia e que quando um barco se afundava que se abria uma escola de mergulho, porque os peixes iriam instalar-se, um novo submundo iria aparecer no fundo do mar.

17h00 Desenho um triângulo no caderno sagrado entre os tardígrados, as formigas e as abelhas e fico estupidamente a aguardar a chegada da rainha.

17h15 Aparece “do nada” uma formiga-rainha. Eu recebo-a nas minhas mãos e a puta morde-me, arrancando-me um bocadinho de carne e começo a deitar sangue.

17h56 Um banhista aparece a dizer que um barco se estava a afundar e que uma lancha tinha socorrido as pessoas, mas solicita-nos que comuniquemos com a Polícia Marítima para sabermos se a lancha era ou não da Polícia Marítima.

17H58 Telefono ao cabo-mar e o cabo-mar confirma-me que a lancha era da Polícia Marítima e eu passo a informação.

(...)

(...)

Terça-feira, 20/07/2021

(...)

10h57 “O anjo entregou a Caveira Sagrada aos pescadores.” (...)

11h50 “A Mãe ia entregando a Caveira Sagrada ao Capitão e à *dark net*, sorte que a Jupiter Editions hackeou a dark net”.(...)

12h50 “Não aceitei os 20 paus para tratar do barco. Quem os aceitou foi o anjo. Não aceito gorjetas.” (...)

O Mr. Bali disse que está num grupo em que um gajo comeu uma gaja só para a formatar em 3D.(...)

O Fred foi buscar-me ao cais às 19h45 e fomos *às ocultas* namorar. (...)

(...) De carro, o Fred disse para ir cortar o cabelo a uma específica barbearia. Se tiver câmaras, não vou, como é óbvio! Não vou cortar o cabelo a um salão com câmaras. O próprio Albert disse que deixou de ir à barbearia de sempre quando a barbearia instalou câmaras. Não me posso esquecer disto. Isto foi escrito n’O *Algoritmo do Amor*. A referência do argumento que tenho de dar à *Rot-Maase Strong Alliance* e ao líder-beta da Legião para não entrar na barbearia são as páginas 611, 620, 621 e 632 d’O *Algoritmo do Amor*, 1ª Edição da 1ª Ordem de Impressão. Foi a Legião que me mostrou como é que a prima Teresa, o Martim e o Mohammad souberam que o barbeiro pôs a mão no meu coração enquanto tinha a navalha no meu pescoço quando fui cortar o cabelo em Durban à barbearia que o Mohammad disse para eu ir. Havia uma câmara que eu nem tinha reparado. Não me posso esquecer disto. Faço aqui também uma “pequenina ponte de ligação de dados”. Quando cheguei a Durban, o Mohammad inscreveu-me no ginásio. A Teresa sabia sempre com que rapazes eu interagira no ginásio. A Teresa dizia que tinha “um dom de adivinhação”. A Legião também me mostrou *A Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto um “pequenino filme” com todos os meus vídeos no ginásio... Mas eu não vi só os meus vídeos... Vi também os vídeos do Martim, da Teresa e vi ainda os do Mohammad... Num privilegiado lugar de jogo das câmaras, fui a “última câmara”. A Little Anne é relações públicas num ginásio. Assim que cheguei, logo no primeiro dia, a Little Anne disse que eu me tinha de ir inscrever. Numa *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, mesmo que a Little Anne não tenha acesso às câmaras, sei que uma maçonaria pode ter e sei que uma maçonaria dos diabos num pequenino jogo dos diabos pode ter “pressionado” a Little Anne para que me convencesse a inscrever no ginásio, em que a Little Anne ganharia “mais pontos” ou “subiria mais degraus”. As opções são imensas. Quando nós somos Good-Maçons e vemos as redes e os contactos e as facilidades e os facilitismos e os jogos e as “invisibilidades” é lícito pensarmos tudo e fazermos, por isso, o nosso jogo. E o nosso jogo, pode ser, com toda a legitimidade não querer entrar ou estar em sítios com câmaras, quando vemos a “tecnologia das coisas” e somos “demasiado espirituais” com um espírito que está preso a uma Internet de Coisas e que vive uma vida cheia de ligações e “coincidências”. Lembrei-me por isso, só pelo Fred ter dito para eu ir cortar o cabelo à tal barbearia, quando a Little Anne me pediu para ir a uma específica farmácia para lhe comprar um favor. Quando entrei na farmácia olhei para um rapaz

que era “igual” ao meu tutor de Direito das Sociedades Comerciais que no mesmo dia enviou-me pelo *WhatsApp* um campeonato de sociedades comerciais que tinha que ver com a corrida das empresas farmacêuticas ao novo mercado de dados a perguntar-me se eu estava interessado... Ora, eu olhei para o rapaz, porque ele era “igual” ao meu tutor e pela ligação que eu achei piada do meu tutor ter-me enviado uma mensagem no mesmo dia... Mas assim que vi a câmara eu parei de olhar. Ou seja, olhei “só” uns 2 ou 3 segundos. Porque eu não queria que uma câmara processasse com os seus algoritmos o meu olhar. E por causa da câmara, que não me deixou “olhar mais”, fiquei a pensar se era mesmo o meu tutor que tinha sido convidado a entrar no filme invisível, ou se era um irmão ou um primo ou se era só um sócia ou se, afinal, se visse melhor, nem era parecido, só que com a ligação na minha cabeça eu tinha achado parecido... Saí da farmácia a pensar no que poderia o Fred pensar se me visse a olhar para o farmacêutico... Fiquei também a pensar como é que a sofisticada Inteligência Artificial incorporada na câmara me poderia classificar por me ver “a olhar” para o rapaz. Fiquei também a pensar como é que um governo dos diabos que fica diabolicamente com o poder de todos os dados e manda os algoritmos baixarem a pontuação dos namorados que olham “para os outros”, poderia dar cabo d’*O Algoritmo do Amor* em 2080 de Antoine Canary-Wharf:

«Baby, perdemos pontos no Estatuto dos Namorados...»

«A sério???? Deixa-me ver...»

«Baby... Perdemos 6 pontos...»

«6 pontos??? Isso é imenso!!! Nós precisamos desses 6 pontos para o banco dar crédito a’*O Algoritmo do Amor*...»

«Baby... Diz-me a verdade... Tu olhaste para algum rapaz???»

«Baby... Claro que não! Que pergunta é essa?»

«Riste-te de forma mais “leviana” ou mais “íntima” para algum rapaz no ginásio?»

«Baby... Claro que não! Que pergunta é essa?? Se quiseres pede as imagens ao ginásio para veres...»

«Baby... Tu só perdes 6 pontos no Estatuto dos Namorados quando os algoritmos “acham” que “estás a olhar para outros” ou “metes conversa com outros” ou “dás trela aos outros”...»

«Eu sei... Em que dia é que perdemos os 6 pontos?»

«Hoje... Mas os algoritmos disseram que foi por causa de um torcicolo teu que detetaram numa imagens tuas registadas numa farmácia em 2021»

«O quê????? Mas os algoritmos estão-se a passar ou quê????? Nós estamos em 2080...»

«Pois... Mas em 2021 nós já éramos namorados, baby... Os algoritmos estão a ir buscar tudo... Já sabes como é que eles são...»

«Diz-me lá o dia e as horas para ver a que farmácia é que os algoritmos foram buscar o meu filme...»

«20 de junho de 2021, 18h30.»

«Ah! Já me lembro!... Estava na Ilha dos Piratas... Isso foi um filme...»

«Não escreveste nada sobre isto no teu Diário de Salva-Vidas para salvarmos *O Algoritmo do Amor* em 2080 de Antoine Canary-Wharf...? Qualquer coisa poderia servir para contestar os algoritmos do sistema... Alguma prova... Não escreveste sobre esse dia...»

«Sim, escrevi... Mas entreguei tudo ao Jupiter Editions Museum...»

«Então, temos de ir lá...»

«Está fechado, por causa da pandemia...»

«Então, vamos ter de ir assaltar...»

«Mais um assalto ao Jupiter Editions Museum, Fred?»

«Não temos outra hipótese... É *O Algoritmo do Amor* que está em jogo...»]

(...)

Passei com o Fred perto das 22h a pé pelo quartel dos bombeiros. À frente da câmara virada para a rua dos bombeiros, o Fred perguntou se eu queria ser bombeiro... Caso quisesse eu ainda podia ser, disse-me o Fred... Disse-me para eu não me esquecer que o priminho Francisco Dorey estava “nos comandos” dos bombeiros... Com a câmara do quartel dos bombeiros apontada a mim, disse que sim, que queria ser e sorri. O Fred perguntou-me se eu estava pronto para ir numa Missão da Jupiter Editions a escrever em tempo real num camião dos bombeiros com as sirenes ligadas para apagar um fogo que ia dar na Ilha dos Piratas... Eu chamei-lhe piromaniaco.

(...)

Quarta-feira, 21/07/2021

(...) No ferry com imensos lugares vazios em cima, 2 bombeiros olham para mim e dirigem-se a mim num passe por mim desconhecido, cada um no seu corredor, sentando-se à minha frente e cumprimentando-me. Isto foi importante para eu ver que 2 bombeiros, 20 militares, ou 100 psicólogos, não são a Ordem dos Psicólogos, nem o Exército, nem os Bombeiros. Consegui com este mini processo ver que qualquer pessoa pode entrar para um filme invisível dos diabos, qualquer penalista, qualquer polícia pode entrar numa aplicação invisível para ganhar mais umas *jupits, jupits* que o ordenado não lhe dá, podendo entrar silenciosamente num filme da Jupiter Editions... É só sentar... Foi só sentar. Só se sentaram à minha frente. O anjo Raphaël viajava como sempre em baixo. Eu ia em cima. A não ser que alguém de cima lhe dissesse que eu ia com os bombeiros é que ele poderia saber. Nenhum salva-vidas vinha em cima. Os bombeiros levantaram-se primeiro e desceram primeiro o ferry. Eu saí mais atrás e encontrei o anjo e fomos juntos, como quase sempre. No caminho perguntou-me se eu me tinha apercebido que ontem uma senhora tinha sido picada por abelhas. Disse-lhe que não e o anjo contou-me a história. Basicamente uma senhora com alergia foi picada por abelhas e o marido chegou perto do anjo e pediu ao anjo para chamar os bombeiros para irem tirar apanhar o ninho que havia na Ponte das Paranoias, senão ele própria ia pegar fogo ao ninho. Disse que um dos sargentos ia falar como comandante, mas que apostava que o comandante ia dizer para “cagar nisso” e o comandante disse mesmo para “cagar nisso” e o anjo perguntou a minha opinião sobre isto. E eu disse que achava muito bem “cagar nisso” porque a Ponte das Paranoias debruça-se sobre dunas cheias de flores que atraem abelhas e convidam-nas a fazer mesmo na Ponte das Paranoias os seus ninhos e

colmeias. Quem está no seu habitat natural são as abelhas. Somos nós que nos temos de adaptar. Se andarmos sem medos e paranoias na Ponte das Paranoias as abelhas não nos picam. Temos é de andar tranquilamente, sem medos, sem paranoias. E disse que se o homem pegasse fogo a um ninho eu pegava-lhe fogo ao cabelo. O anjo disse que ele era careca e que tinha trazido uma t-shirt a dizer “Com um corpo destes nem preciso de cabelo”. (...)

(...)

Quinta-feira, 22/07/2021

(...)

(...) “O Fred diz que eu é que sou o realizador.” (...)

(...)

Sexta-feira, 23/07/2021

(...)

(...) “Um despedimento por causa de um jogo de 9 toalhas.”(...)

(...)

As mazelas da batalha naval e a *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari

(...) lembrei-me da “sobrenaturalidade” das coisas, que o conjunto de filmes da Batalha Naval mostra (...). Porque foi na quinta-feira que eu na praia comecei a pensar em fazer desenhos da Batalha Naval para transformar o filme das coisas em banda desenhada, porque seria mais fácil de “passar a mensagem (subliminar das coisas)” e por isso entrei em casa a pensar no Walt Disney e no Fernando Pessoa. Pensei que talvez o filme de coisas que se estava a passar na minha vida presa a uma Internet de Coisas era “uma cena” tirada de uma banda desenhada. Ou que a seguir a minha vida iria parar a uma banda desenhada, porque eu tinha a Legião de Ezequiel em cima de mim com miúdos ricos e iluminados como o meu primo Gastão que conseguem “dar ordens” a miúdos mais pobres com telefones em que os obrigam a instalar uma *App* invisível que não é a oficial da legião, mas uma das *Apps*, com a promessa de entrar para a legião, quando nunca vão entrar, simplesmente vão ser presos pela legião e cada vez vão ficar mais escravos dentro da legião, porque a legião tem em seu poder o filme de todo o crime de coisas que os miúdos pobres cometeram com e sem conhecimento das leis do Direito da vida real. (...)

(...) E eu lembrava-me do meu filme no Zoomarine que tinha contado ao Mr. Bali que ligado à Internet via uma Inteligência Artificial a enviar para Disney ou para a Marvel, a desviar o meu filme da Jupiter Editions. E via este desvio, porque me lembrava em casa da Boa Psicologia do marido da prima Sílvia a dizer que podíamos enviar as cenas do Gastão para a Disney ou para a Marvel e lembrava-me que as cenas que o Gastão me tinha mostrado eram “cenas” da minha vida... E o meu stress não passa disto. O meu stress simplesmente reside aqui, porque lembro-me antes de ter enviado *O Algoritmo do Amor* para a Jupiter Editions enviei para outra editora que depois a prima Sílvia disse-me que era muito amiga dessa editora e que se ela quisesse publicar um livro que ela publicaria “amanhã”, porque é amiga dos sócios e, que, portanto, a minha prima, se quisesse, poderia ter maçonicamente acesso *Ao Algoritmo do Amor* e saber as críticas que eu tinha feito... O argumento é muito forte!

(...) Tal como o inspetor dos registos viu que registei ao mesmo tempo 9 livros e o inspetor tem um círculo de amigos, tem uma família, chega a casa e diz, na boa, que apareceram 9 livros “do nada” e diz de quem são, o filho do inspetor que ouve o meu nome e sabe quem eu sou e tem uma rede, dissemina a informação, tal como a mulher na sua rede, tal como o próprio inspetor na sua rede. Estamos em Portugal... Ninguém está a afirmar na vida real que isto aconteceu, mas no meu filme isto aconteceu. E esse filme, provocou uma guerra de coisas, porque a escrita é nova, o pensamento é completamente fora-de-caixa, é um cérebro com 9 cérebros que está a querer sair do aquário que com a sua visão alienígena vê um tubo que liga o aquário ao oceano e matematicamente calcula a extensão do “túnel” e a “dimensão” do túnel e segue os seus cálculos, configura-se com a informação que recebe do seu cérebro tecnológico, mete-se no túnel “de olhos vendados”, mesmo sem ver “a luz” do túnel, porque o túnel tem ali umas “artimanhas” e umas “voltas” e o “caralho” só que ele sabe que vai conseguir escapar, só tem é de continuar, mas rápido antes que os “biólogos”, os “analistas”, os “robots”, os “algoritmos” bloqueiem a saída! É o jogo do polvo.

E o polvo sente-se completamente dentro de um laboratório, sente-se num filme, sente-se um entretenimento só que sem contrato... O polvo, sente-se um “peixinho”... Estão a querer dizer ao polvo que ele não é inteligente e que não passa de um “peixinho”... Um “peixinho” que está a ser tirado de um aquário para outro aquário... Um polvo com pensamentos que em cada aquário que é metido faz uma análise das coisas e liga toda a sua vida, liga todos os aquários ao último aquário da sua vida... Só que o polvo é muito engraçado... O polvo na sua análise faz uma série de analogias, faz filmes, faz teatros, até escreve romances, fala sobre política e ainda por cima fala sobre o próprio canibalismo dos polvos... Porque afinal, o polvo é um humano. Simplesmente nasceu com um cérebro que se comporta como um polvo. Mas é um humano. Simplesmente foi-lhe instalado um computador, foi-lhe instalada uma informática, uma rede invisível... Mas o humano não é um ciborgue, não é um robot, só porque lhe foi instalado um computador, só porque o seu cérebro mais parece um computador... O humano não deixa de ser humano só porque lhe foi instalado “um chip” que o conecta ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e a’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom... Não é por o humano estar conectado ao *Jupiter* de Gabriel Garibaldi numa rede invisível, que o humano é um extraterrestre. Até pode ser um “extraterrestre” na Terra, mas é um humano com “pensamento extraterrestre”... E não deixa por isso, de ser um humano. (...)

E nesta implantologia de ideias, eu vejo um polvo a quem instalaram um implante invisível que é hackeável e é hackeado por todos. Um polvo que vê quem é que o está a hackear. E vemos tudo. Vemos crianças a olharem para o polvo e a fotografarem-no. Vemos “criancinhas” a brincarem com o polvo e a filmarem as brincadeiras, e o polvo, mais inteligente do que as “criancinhas”, vê as criancinhas a enviarem as brincadeiras para um *Sistema Complexo de Inteligência Artificial de Mercado em Rede* que comunica através de parcerias e de grupos montados com realizadoras, produtoras e editoras. Esse polvo sou eu, esse polvo que está metido no aquário a querer sair do aquário para atacar o escritor, o psicólogo, o médico, o analista, o biólogo que está no computador a escrever as coisas que saem em tempo real do cérebro do polvo, sou eu. (...)

No mundo de “criancinhas” a desenvolver conteúdos e que criam em segundos bandas desenhadas e jogos de computador, criam conteúdos, são cabeças como eu, são grandes cabeças, que com os pais ligados aos editores e realizadores da Marvel e da Disney eu consigo ver num filme de terror, a minha vida numa *dark net* a ser escrita ou desenhada em livros por escritores e pintores criminosos sem verdadeira iluminação, sem a Luz Branca. Como vejo no mesmo filme, a minha vida a passar em realizadores e produtoras criminosas. E para aumentar mais o nível da minha natural *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari, eu no mesmo filme, para onde a maçonaria do Fred me enviou, dizia ao Fred que íamos ficar mais pobres, porque eu iria registar primeiro os filmes todos e era o Fred “com uma personagem” a dizer que não fazia sentido eu registar, porque isso não era importante nem prioritário, que eu só tinha era de entregar os filmes que eu tinha visto????????? WHATTTT THE FUCKKKKKKKKKKKKKKK Mas o Fred está metido numa maçonaria dos diabos ou quê????????? E eu afinal sou o quê???? Foi o que eu pensei, como é lógico, como é natural neste filme de coisas... E só com essa pergunta, o Fred fazia-me voltar outra vez ao *dark side* que estava a dar por baixo do filme das nossas vidas...

(...) Tudo isto em pensamento. Não escrevi em lado nenhum. Nem sequer disse a ninguém. Foi só com o meu espírito, a não ser que uma Inteligência Artificial estivesse agarrada à minha mente e visse o que a minha mente viu ou sentiu ou pensou é que seria possível trazerem-me a banda

desenhada do meu filme de coisas para dentro do meu filme de coisas. E que foi o que aconteceu, na sexta-feira, no almoço, no barco do Capitão olhei para uma das câmaras e “vi” a psicologia da prima Sílvia a ver-me. O que é normal, se estou num jogo maçónico monitorizado por uma psicologia, uma medicina e um direito penal maçónico.

«Mas ele sabe que eu estou aqui a vê-lo?»

«[Não] sabe.» [3ª referência: como pode a Psicologia fugir do filme, caso as coisas deem para o torto.]

«[Então porque é que ele está a fazer exatamente o mesmo sinal à frente da câmara que fez na minha casa quando me disse que sabia quem é que o estava a ver? É que ele entregou-me um sinal e disse que esse sinal era específico para mim.] (...) Porque é que ele está a fazer esse sinal à frente da câmara?»

«[Ele entrega esse sinal a muitas pessoas], o sinal não é específico [para si] (...)»

«É que estão a dizer-me que ele sabe que está a ser filmado e que sabe que eu o estou a ver, mas eu acho que ele não sabe e eu é que vou sair deste jogo prejudicada, porque isto não está a fazer sentido nenhum.» [3ª referência: como pode a Psicologia fugir do filme, caso as coisas deem para o torto.]

(...) Lembrei-me dos gritos silenciosos de socorro, lembrei-me de expressões-chave, lembrei-me de um conjunto de troca de sinais, lembrei-me de uma data de analogias e pensei que uma maçonaria dos diabos poderia ter “prendido” a Psicologia. Pensei que a minha prima podia estar presa, podia estar a ser ameaçada e aquilo que eu achava que já tinha sido “ultrapassado”, simplesmente voltou. Mas voltou, porque continuo preso a uma Internet das Coisas em que se passam uma data de coisas ao mesmo tempo que na minha opinião mais intuitiva parece que querem é estragar a minha escrita e o meu cérebro inteligente começa a pensar noutras coisas, noutros formatos, em bandas desenhada, em filmes maçónicos, num formato de processo como este, com alguns episódios que façam prova-viva das coisas...

Eu ter visto a minha prima algemada a uma maçonaria dos diabos em que eu com a minha maçonaria, com o meu espiritualismo, com a minha intuição das coisas, com o meu poder da escrita, tinha de a libertar, foi um pressentimento, derivado obviamente do “filme das coisas”. Numa outra intuição, por ver todo o teatro maçónico por detrás, vi outro filme em que o barco do Capitão foi adquirido pela Jupiter Editions e que estávamos só num teatro maçónico da Jupiter Editions. Mas vi outro filme, em que a Jupiter Editions também tivesse sido “bloqueada” pela maçonaria do Albert e que o barco do Capitão não era dos amigos do pai do Fred, mas nosso, porque os pais do Albert tinham comprado o barco ao Capitão e por isso é que eu estava sempre a almoçar na mesa alta e era tratado como um Príncipe... (...)

E lembrava-me ao mesmo tempo do *flash mob* que eu tinha visto uma vez do estaleiro para o barco em que o Fred aparecia no barco a pedir-me em casamento e assim que eu entro no barco a Audrey como se tivesse conectada ou ao meu cérebro ou à Inteligência Artificial instalada no meu cérebro e tivesse recebido o meu *flash mob*, dizia que o Fred ia aparecer a dançar numa dança combinada e que íamos ali casar... Saí do barco do Capitão e assim que cheguei ao estaleiro está o Mr. Bali com um poema de Fernando Pessoa na mão e o anjo Raphäel com uma banda desenhada da Disney. E eu pedi-lhe e vi a minha vida aos quadradinhos...(...)

(...) Mas ora, este tipo de “paranoias” e de “pensamentos” foi naturalmente provocado e instalado pela própria psicologia e medicina que fazem parte do meu processo e que o estão a monitorizar. O meu processo é um processo familiar de coisas. A minha psicologia, é uma psicologia de família, que, em princípio me conhece e tem alguns algoritmos meus e a medicina é uma medicina com quem eu me deito na cama, é uma medicina com a qual eu estou casado, é a medicina que eu namoro. Ora esta medicina tem obviamente todos os meus algoritmos, sabe perfeitamente como é que eu penso, conhece o meu coração, conhece o meu espírito, sabe a forma como o meu cérebro pensa, sabe como é que eu reajo às coisas, sabe perfeitamente como é que em cada processo o meu cérebro processa, num filme de coisas... Esta medicina “de família” comunica obviamente com a psicologia da sílvia e com a psicologia da sara, há por isso, aqui uma “triangulação espiritual de coisas” entre o Fred e as minhas primas Sílvia e Sara. Ora, eu estou em família, não tenho por onde “fugir”... Não tenho “outra hipótese” senão confiar neles... Eles é que são os meus médicos, os meus psicólogos, estou por isso “nas mãos deles”, mas estou, porque eu próprio “entreguei” o meu cérebro a eles...

(...) Quando digo que entreguei, quero dizer que lhe dei os meus algoritmos, a minha forma de pensar, de ver as coisas... Só que eu não lhes dei tudo... Dei-lhes 49%... E como eu só lhes dei os 49%, eu estou com 1% de vantagem neste jogo maçónico. Estou por isso, a apontar-lhes com o facalhão maçónico. E estou a apontar aos 3! Porque é este o jogo maçónico da vida! (...)

(...) Na verdade, só estou a apontar o facalhão a um deles, mas no jogo e tudo isto faz parte do jogo, eu tenho de fingir que estou a apontar aos 3. (...)

(...) E noutra verdade, eu não estou a apontar o facalhão a ninguém.

(...) Já posso baixar o facalhão dentro do barco. Já posso andar à vontade no meio dos piratas. Só precisava de escrever para libertar todas as paranoias e mazelas do jogo que foi da Batalha Naval. (...)

(...)

O meu processo está cheio de erros. Está cheio de erros de pensamento. E os erros valem imenso. Os erros fazem parte do processo. São os erros que valorizam o próprio processo. Os erros são importantes. Se não houvesse erros não seria preciso todo um processo de edição. Os erros existem para depois se poderem editar. A edição genética só existe, porque há erros nos genes. No fundo, deriva tudo do mesmo. A causa é sempre a mesma. Podemos sempre “culpar” os genes. (...)

Lembro-me de muitas vezes estar nas aulas e não estar nas aulas, simplesmente pelo facto de estar a ver os ordenados, estar a ver as minhas chances, estar a ver o banco e o sistema de crédito e ver que eu ali “não me ia safar”... O meu cérebro produzia como mecanismo de defesa, porque o meu cérebro estava ligado ao sistema e via coisas que eu não via... O meu cérebro estava a olhar para tudo... Os outros nasceram com casas, com bens, eu não... Não tenho nada... Isso conta... Quando somos mais pobres temos mais preocupações, é normal... (...) É a lei e o instinto de sobrevivência que num jogo de Batalha Naval contra os piratas nos oferece fantásticas paranoias e nos deixa com mazelas. (...)

(...)

Os sonhos premonitórios e a nova visão das coisas

(...) Ao longo de todo o Processo são várias as “premonições” registradas. Graças ao Diário com a aposição de horas e com a ordem e organização do próprio Diário que “não deixa mentir” com o anexo dos Elementos de Provas Fotográficas é fácil comprovar os “pressentimentos” anteriormente registados através de uma escrita “espiritual” limpa, muito transparente e muito “direita”. Apesar de toda a Estranha Internet das Coisas, a verdade é que o Processo encerra todo o espiritualismo dando simplesmente lugar a uma nova visão, um pouco mais “fria”, um pouco mais “psicopática”. Sou obrigado a matar o meu próprio espiritualismo para poder continuar a viver. É um jogo de sobrevivência espiritual. Não me sinto livre, porque não posso estar nos sítios onde quero. Estou “preso”, “acorrentado”, a um contrato de trabalho na Ilha dos Piratas para poder ter dinheiro. Talvez, quando for livre, possa voltar com todo o meu espiritualismo e possa voltar a acreditar nele. Hoje, não me é permitido. Hoje, tenho de assassinar o meu espírito. Hoje, tenho de transformar a minha escrita numa escrita assassina, dizendo que simplesmente sou um ser “intuitivo” e ponto final.

Ora, não me é permitido pensar que fui “hackeado”. Não me é permitido pensar que tecnologias poderosas entraram na minha mente, penetraram a minha rede neuronal e “sacaram-me” os sonhos montando depressa os cenários de acordo com os meus sonhos, nem sequer me é lícito pensar que me foram enviados “sonhos” ou cenários fabricados num programa de computador, muito pese embora eu tenha plena consciência que o meu cérebro tecnológico seja capaz de invadir e hackear sistemas informáticos. Sei que falo a linguagem dos computadores. Pareço um computador.

É mais fácil pensar, em termos de saúde mental e bem-estar psicológico, que é o meu cérebro que é inteligente e que se consegue ligar aos sistemas informáticos “vendo” qual é a agenda ou calendário de eventos do programa e que traz para a mente como uma “antecipação,” passando “um tal filme” do que vai acontecer, porque hackeou o programa, logo sabe o que vai acontecer, do que ao contrário. Porque ao contrário, poderá começar a transformar-se num pensamento autodestrutivo, num pensamento submisso, como se estivesse nas mãos de um determinado grupo maçónico ou grupo secreto militar que tem acesso ao meu cérebro. Pior, poderia até começar a desenvolver determinados tipos de pensamento em que sou uma “experiência”, em que não passo de uma experiência, em que estou num secreto jogo de computador, num secreto programa de uma rede criminosa... Enfim, os pensamentos começam a gerar, começam a ganhar raízes e começam a desenvolver-se... E é importante sabermos ser jardineiros do nosso próprio jardim cerebral, cuidarmos do nosso cérebro e sabermos lidar com a nossa situação cerebral ... O conformismo, é por isso, naturalmente uma forma extraordinária de sobrevivência e uma expressão de inteligência humana. (...)

(...) O narcisismo espiritual, para este tipo de casos também poderá auxiliar. Sentirmo-nos especiais, únicos, também poderá ser importante para conseguirmos sobreviver e não irmos abaixo. É claro que falo de um “narcisismo saudável”. Se eu vejo que toda a minha vida está ligada e que parece “mesmo um filme”, se eu não tenho nenhum contrato de cinema e realização na mão, eu não vou pensar que estou dentro de um filme... Por mais que pareça... Por mais que pareça que toda a minha vida é montada. Mesmo que fosse, mesmo que seja, tenho de pensar que simplesmente sou intuitivo.

Quando somos *illuminnatti* e entramos nos *Illuminnatti Games*, é com o Poder da Intuição que vencemos os jogos, que ganhamos o jogo todo. A nossa intuição é o nosso GPS, a nossa bússola. Uma das ferramentas mais importantes dos *Illuminnatti Games* é a bússola e é uma das ferramentas

que não aparece na “caixa de ferramentas” que cada *illuminnatti* recebe, porque é suposto cada *illuminnatti* já ter nascido com a sua própria bússola. É aqui e a partir daqui que entramos nos *Illuminnatti Games*. Quando uma sociedade alienígena instala determinadas tecnologias a um *illuminnatti*, é porque os algoritmos alienígenas indicaram como setas o *illuminnatti*. Tudo isto é tecnológico. A resposta é tecnológica. A resposta é alienígena. Eu sinto “tecnologias em mim” que gosto... Porque sei que “são tecnologias” que não me fazem mal... “Que me protegem”... Que me metem numa “cápsula”... E como sou tão tecnológico, é que não deixo os outros instalarem em mim as suas tecnologias, porque sei como é que as tecnologias funcionam. Eu não confio nas tecnologias feitas pelos homens. Muito menos, pelos homens nazis. Mas confio nas tecnologias fabricadas por seres superiores aos humanos. As formigas têm tecnologias de ponta. Há soldados-formigas há porta dos formigueiros que com uma biometria contam as formigas... As formigas são supertecnológicas.

(...)

Não me importo de ser chipado por super-formigas ou por todo um exame de super-abelhas. Mas importo-me de ser chipado por um humano que ainda por cima não vê a vida como sagrada, é estúpido, atrasa-me com as suas estupidezes e com os seus hackeamentos e ainda por cima rouba-me o espírito. (...)

Eu não consigo explicar por palavras, mas há uma Internet entre mim e as abelhas. Mas eu não tenho de o provar a ninguém. Simplesmente quero deixar isto registado. Mais nada. A minha única intenção nisto tudo é simplesmente registar, para que um analista que tenha visto os meus filmes não os registar como se fossem dele. Porque não são. São meus. Ainda que os sonhos os ou filmes tenham sido “inseridos” no meu cérebro, ainda que tenham sido uma Mão Invisível a passar uma fita de filmes, uma série de filmes, esses filmes e toda essa fita pertence-me, porque foi posta em mim. Enquanto essa fita esteve a passar eu não consegui ver mais nada para além dessa fita e, portanto, essa fita faz parte da minha vida. Tudo o que nasce na minha cabeça é meu, independentemente da origem ou da fonte. E pensar de forma diferente significaria que seríamos só um objeto, que seríamos só um leitor de cassetes que uma Mão Invisível vai “metendo” nas nossas ranhuras tecnológicas... (...)

Ter sonhado com dois gémeos que estavam vestidos com óculos de realidade virtual aumentada a jogar por detrás de um computador em que eu atrás deles, sem os óculos de realidade virtual aumentada, via no computador numa vista aérea a Praia dos Camaleões e a Praia do Cabeço, em que vi um deles a carregar num “Enter” que enviava uma instrução aos rapazes que estavam no caiaque para pedirem socorro e eu via-me no posto de vigia da Praia do Cabeço a correr com os meios de salvamento errado e eu via os gémeos a rirem-se e eu via-me a ficar preso na corrente agarrado ao caiaque e os gémeos a rirem-se e um deles, sem o outro a ver, a pegar no telefone e a enviar uma mensagem para uma das pessoas que estava na praia a dizer “têm de ir buscar o carretel” e eu via um homem na praia a receber a mensagem e a partilhar a mensagem na rede e via toda a gente a correr direito ao carretel e a levá-lo para a ponta do cabeço e via um rapaz a amarrar-se à corda do carretel para prontamente se atirar ao mar ligado ao cordão humano que segurava a corda do carretel e a chegar a nós em nosso socorro e de repente ter sido “puxado” para o ferry com os gémeos que pilotavam 2 dragões-robots que davam um espetáculo por cima de nós de raias de voos foi mágico!

“Foi mágico” eu ter registado o sonho no Diário antes de sair de casa em que parecia que estava a lutar com uma Inteligência Artificial para escrever, porque sentia uma força magnética, uma

força tecnológica, que parecia que não me deixava escrever, parecia que me estava a bloquear a escrita, tanto que o registo que aparece no Diário da minha escrita nesse dia nem parece a minha caligrafia, parece uma caligrafia feia, uma caligrafia tremida, uma caligrafia estranha, mas é minha, fui eu que escrevi e até fotografei, porque algo me disse que eu devia fotografar, que seria importante ter as horas comprovadas por outra tecnologia, apesar da tecnologia da minha escrita... E lá escrevi, lá fotografei, demorei uns 5 minutos a fotografar, porque também tive que “lutar” com a tecnologia do meu telefone, porque o meu telefone estava só a bloquear, não me deixava fotografar, parecia que havia uma “Mão Invisível” a tocar também no telefone para não me deixar fotografar, mas lá consegui fotografar e lá consegui mandar uma corrida e apanhar o ferry.

Eram 16h06 quando uma senhora aparece no estaleiro a dizer que os meus outros colegas estavam com dificuldade no outro posto e que estavam 2 rapazes a ser levados pela corrente num caiaque. Quando chego o cenário, era o mesmo cenário do sonho. Mas o mais interessante e mais importante que eu vejo, é que “mesmo com um cenário montado”, o meu cérebro ignora e simplesmente mergulha na realidade e cumpre o socorro. E isto é muito, mas muito importante! Porque eu na altura do socorro, não estou a pensar no sonho, nem sequer posso pensar! Vi a Pequena Sereia no meu “lugar” agarrada ao caiaque. A Pequena Sereia cometeu o meu erro do sonho. Atirou-se ao mar para salvar com os meios errados. Ela não se podia atirar. Ela não podia ter-se atirado ao mar se se ter amarrado à corda do carretel e em segurança entrar na corrente. A Pequena Sereia fez aquilo que um humanista faz. Atira-se cegamente. Foi um erro. Porque atirou-se, mas ficou lá. Ora, aumentámos o “peso do salvamento”. Agora, eram 3 pessoas que tínhamos no mar para salvar e menos um salva-vidas para salvar... Vi o Brunnös desesperado que só dizia que tinha dito à Pequena Sereia para não se atirar e estava desesperado, porque não sabíamos como salvá-la. A Pequena Sereia estava na corrente e estava longe da terra, agarrada ao caiaque com os 2 rapazes, tal e qual, no mesmo cenário do sonho.

Enquanto eu estava em contacto com a Polícia Marítima e aguardava a chegada do barco salva-vidas via um cordão humano a formar-se, tal e qual, como no sonho. Foi a população que foi buscar o carretel ao posto dos salva-vidas e levou o pesado carretel para a ponta do cabeço e alguém se voluntariou a amarrar-se e os outros todos ficaram com a corda na mão a segurar a vida do voluntário “salva-vidas”. O cenário foi igualzinho ao sonho. Durante o socorro pensei durante 2 segundos se o cenário teria sido montado, porque depois vi a “facilidade” do salvamento e retirei a “perigosidade” que parecia que aquilo tinha com todo o alvoroço... Até pensei nesses 2 segundos se o caiaque não estava ali contra a corrente num contra remo cinematográfico e a Pequena Sereia como atriz simplesmente agarrada, na boa, ao caiaque. Mas afastei o pensamento. Eu não podia enquanto o socorro durasse pensar nisso. Poderia pensar depois, mas não na altura. E era aqui, precisamente onde eu atacava o Processo. Porque o sonho foi real. E o cenário do “afogamento” da vida real, independentemente de montado ou não, também foi real. Ora a premonição também foi real... E ficamos a pensar... Será que o cenário foi-nos posto através de alguma tecnologia? Será que o nosso cérebro conseguiu hackear o sistema informático e viu o programa e por isso mostrou em sonho? Em qualquer um dos cenários, o cenário teria sido montado. Ora, isto não é positivo quando estamos a ocupar uma posição importante de salva-vidas. Não é suposto numa altura de socorro estarmos a pensar se é montado ou não é montado. Temos de ir socorrer! E se eu fosse correr e pusesse a minha vida em risco quando o cenário era montado? Isso faz com que o cenário e o programa sejam criminosos. Isso confere uma certa ilegalidade ao próprio Processo. Mas depois vem o Direito Penal

e diz que eu não me atirei e que, portanto, “está tudo bem” e eu fico a olhar para o Direito Penal e respondo “ok, Direito Penal...”. Mas enfim, vivi, todo o socorro, vivi todo aquele cordão mágico humano, foi lindo de se ver toda a comunhão de esforços! Pude ver de fora. Como salva-vidas, eu tinha a instrução da Polícia Marítima para ficar em Terra, para não me atirar ao Mar, para ficar em comunicação com a Polícia Marítima e ficar, assim, a saber que o barco salva-vidas estava a chegar. Afastado do cordão, pude ver de “fora” a magia do cordão humano. Foi mágico! O voluntário salva-vidas conseguiu chegar ao caiaque e resgatou os 3. Logo a seguir, passado 2 minutos apareceu um barco da Polícia Marítima e um barco do ISN. Toda a gente começou a mandar vir por terem chegado tarde. Mas não chegaram tarde! Chegaram muito rápido e eu fiquei feliz por ver como as forças ali funcionavam como deve de ser. Chegaram num instante. Não é só estalar os dedos. E só me apetecia passar a mensagem que quando as pessoas se estão a afogar numa praia vigiada, para que mantenham a calma, porque mesmo que não vejam que a ajuda está a chegar, porque se estão a afogar, têm de se aguentar um pouco, têm de ser fortes, não podem desistir, porque a ajuda está a chegar. Têm de se acalmar, porque a polícia está a sair da estação, está a entrar no barco, está a ligar o motor e já está mesmo a chegar. Fiquei muito feliz por ver que na Ilha dos Piratas os meios funcionam a sério! Que a Polícia Marítima funciona a sério! É rápida a socorrer! Chegou depois, tudo bem. Já se tinha salvo, ainda bem.

Os dois rapazes do caiaque eram gémeos. Não eram os gémeos do sonho, mas bem que podiam ser, olhavam para mim e riam-se “com um certo mentalismo de coisas”. Vieram depois “comigo” no ferry. Sentaram-se lado a lado à minha frente exatamente no lugar dos gémeos do sonho. Começaram a segredar e a rirem-se a olharem para mim. Apareceram 2 alcatrazes a voarem por cima do ferry. Foi mágico! Foi único! Parecia um espetáculo! Parecia que tinham “acoplado” a velocidade a que íamos no ferry e mantinham o voo por cima do ferry. Olhavam para mim e desciam um pouco e ficavam por cima de mim e toda a gente apontava para mim com os telefones. A cena ficou registada. Deve ter sido publicada nos Instagrams ou Facebooks. No dia anterior tinha levado ao colo um alcatraz para o Hospital das Aves... Parecia que os alcatrazes sabiam que eu tinha tentado salvar o alcatraz... Foi mágico! Mas os alcatrazes por cima de mim, pareciam mecânicos. Olhava para os gémeos à minha frente que me olhavam, outra vez, com um “certo mentalismo”, como se “soubessem do sonho”... No sonho, os gémeos eram pilotos, tinham um comando... E eu ouvia uma miúda pequena e dizer que os alcatrazes “parecia que tinham ficado sem gasolina” e lembro-me com a frase desta miúda, saída da boca de uma miúda “matou-me completamente”... Eu via a mecanicidade dos alcatrazes, por causa do sonho... Mas a miúda...? Dizer que os alcatrazes “estavam a ficar sem gasolina?” E parecia que os gémeos tinham os meus algoritmos, porque quando ouviram a miúda a dizer isso, parecia que gozavam comigo porque sabiam a dor que a frase provocava nas minhas veias...

(...)

Ter tido a série de sonhos no dia do **Barco Mágico** e ter visto depois a série de filmes que foi, só me faz chegar à conclusão, que a minha intuição é uma intuição muito tecnológica, ou seja, muito poderosa... (...)

(...)

Por causa do sonho que registei no dia do **Barco Mágico** em que a E. Studios tinha comprado a Jupiter Editions e o Albert tinha “secretas ações” na E. Studios e o Fred tinha recebido

uma instrução do Albert para ir buscar o telefone e ligar o GPS e o Bluetooth e pôr ao meu lado enquanto eu dormia sem saber que eu tinha um implante cerebral conectado à E. Studios, que enviava os meus sonhos para a E. Studios, fui na Ponte das Paranoias antes de chegar à praia a desenvolver o sonho. Fui tranquilamente a dar continuidade ao sonho com o meu cérebro-realizador. E com o meu cérebro-realizador vi que quem estava por detrás da E. Studios era um “Vampiro de Sonhos” que sentado em cima da Lua com uma “cana de pesca” pescava os sonhos e enviava-os para a sua empresa bilionária de filmes que fazia com os sonhos roubados... Quando cheguei ao estaleiro, o anjo Raphaël pede-me para eu ver um vídeo de 30 segundos. O anjo sabe perfeitamente que eu não vejo vídeos, mas a sua imploração fez-me ver que era “mesmo importante” para o anjo e por isso assisti ao jogo do anjo... Era um vídeo do genérico da Work Dreams em que era um homem na lua com uma cana de pesca como se estivesse a pescar os sonhos das crianças e a fazer “filmes” para as crianças com “os sonhos dela”... Era a primeira vez que tinha visto... Ou será que em criança já tinha visto? Talvez...

Depois da conversa toda do Fred em querer abrir uma escola de equitação na lha dos Piratas, apareceu o Vasco Saturn a cavalo com uma t-shirt da Work Dreams, como se estivéssemos num filme da Work Dreams. Apareceu depois o Miguel Faro montado também a cavalo com uma t-shirt da capa dos Cavaleiros Tecnológicos a dizer Jupiter Editions em baixo e E. Studios em cima... Ora, sei perfeitamente que só a Jupiter Editions é que tem os direitos de imagens das capas dos seus livros e portanto só a Jupiter Editions poderia vender t-shirts com os desenhos das capas dos seus livros... Fui à loja da Jupiter Editions e não vi t-shirts (nenhumas) à venda... Mas isso não impede que uma maçonaria tenha ido ao site da Jupiter Editions e mandado imprimir uma t-shirt com a capa dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke e ter mandado imprimir o nome da E. Studios em cima, isto porque sabe a história e na história há *Cavaleiros Tecnológicos* que pertencem à E. Studios; como nada impede a alguém de mandar imprimir uma t-shirt a dizer Work Dreams... (...)

Apareceu depois também a cavalo o Bernardo Vasconcellos com uma t-shirt da Disney, como se estivéssemos num filme da Disney e depois apareceu o Miguel Benito noutro cavalo com uma t-shirt da Marvel como se estivéssemos num filme da Marvel... Estou num Processo; o que o Processo queria, era que eu achasse que estava num filme da Marvel ou da Disney ou da Jupiter Editions ou da Work Dreams... É fácil vestir t-shirts. É só vestir uma t-shirt. É só mandar imprimir o que quiser numa t-shirt e vesti-la. É importante ver isto e não achar que estou num filme da Work Dreams. Se estivesse seria num filme da Jupiter Editions. A piada nisto tudo é o ter “sonhado” antes. Mas aqui, mais uma vez só posso concluir que o meu cérebro é intuitivo e previu um programa que vinha aí.

Voltei a lembrar-me quando o Miguel Faro foi a minha casa salvar-me os ficheiros. Por causa da conversa dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke, tinha sonhado nessa noite que o Miguel tinha ido parar à E. Studios e era um dos *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke enviado pela E. Studios, para montar um filme pornográfico ilegal no meu quarto. Que simplesmente tinha sido o Miguel que tinha hackeado os meus ficheiros, tinha entrado no meu caminho e que sabia que eu iria falar-lhe dos ficheiros perdidos, porque sabia que ele era engenheiro informático e podia dar-me uma mãozinha informática... Na mesma série de sonhos, sonhei que tinha aceite o convite do Miguel Benito e que quando chegámos à casa de campo dele ele despiu as calças ficou só de boxers, tinha uns boxers da Marvel, atirou-se para a cama e deitado convidou-me para me deitar por cima dele enquanto me mostrava que numa das nádegas tinha 3 seis desenhado. Eu não fazia ideia que o Miguel tinha tatuado 3 seis, mas quando passou para a Praia dos Diabos, ao lado da Praia dos Camaleões, passou com a t-

-shirt da Marvel vestida, mas quando voltou e passou novamente “no filme” passou em tronco nu com os 3 seis tatuados no peito... (...)

O Bernardo Vasconcellos ter passado com uma t-shirt da Disney também teve piada, porque nessa mesa noite sonhei que na discoteca, quando o meu grupo tinha começado a assobiar para quem estava a cantar livremente a Canção da Vila Morena, eu não tinha ficado em silêncio como fiquei, mas tinha entrado na cena contra os assobios e os cavaleiros tinham-se virado todos contra mim; vi-me cercado por uma roda de cavaleiros que me queria violar, que me cuspiam de cima com um gozo enorme, fazendo-me lembrar o Vasco Saturn e nessa roda estava o Bernardo montado a cavalo que como um “Príncipe Encantado” estava na roda como um camaleão que fingia que me ia violar, que me ia espancar, mas que conseguiu ficar com a minha “caveira” e que me tirou dali com a promessa de no grupo espancar-me todo e levou-me para um beco, tirou a caveira, era o Bernardo, mas de repente já era o Fred e beijámo-nos e depois era o Bernardo, outra vez e depois era outra vez o Fred a gritar surpresa e a rir-se e via por cima de nós umas letras a serem desenhadas no céu que diziam Disney, que diziam que estávamos num filme da Disney. (...)

O que aconteceu foi que abriu um secreto concurso público invisível para a concessão da Praia dos Diabos e o Vasco queria levar o seu restaurante-equitação para a Praia dos Diabos e queria contratar os Miguéis e o Bernardo como salva-vidas. Havia outros *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke que também queriam ficar com a Praia dos Diabos e que já lá estavam montados com os cavalos na praia. Pelo que eu percebi da história que os piratas contaram, aquela cena da cavaliça do Vasco era para tirar os outros cavaleiros do concurso, para os tirar da praia. Disseram que foi um jogo de poder e sedução. Os últimos a saírem da praia ganhavam. Foi por isso que os vi a esgrimir contra os outros cavaleiros num calendário de jogos invisíveis, depois de um horseball em que me convidaram para arbitrar... Os sonhos faziam algum sentido, mas não faziam todo o sentido à realidade que tinha sido escrita no guião... Foi também por isso que o Fred me telefonou a perguntar se eu queria abrir uma concessão na praia ao lado onde eu estava a trabalhar como salva-vidas... Soube só depois... O meu cérebro só queria ser livre, ser liberto, ser libertado e estar fora da prisão do guião. (...)

Um outro sonho muito interessante, muito “premonitório” foi o do Hospital Militar & Centro de Implantologia Humana em que antes de ter ido parar ao Hospital Militar, sonhei com um médico bisonte tatuado até ao pescoço com cerca de 26 anos e com um outro médico com cerca de 76 anos. Quando fui ao hospital o médico do sonho afinal era um enfermeiro e foi o enfermeiro que me levou até à sala de radiografias para fazer uma ecografia... O enfermeiro tinha 3 seis tatuados no braço e olhava para mim como se me conhecesse. No sonho eu era uma “experiência científica” e tinha um implante cerebral... Os sonhos acabam por desenvolver a imaginação dos nossos medos, das nossas paranoias, dos nossos desejos, das nossas fantasias... No sonho, tinha sido naquele hospital onde uma equipa de médicos militares me tinha implementado o chip. Havia no sonho um jardim com uma grande árvore-borracheira. Teve piada, na sala de espera de radiologia eu ter-me lembrado da árvore-borracheira e ter-me levantado e ter ido dado à árvore-borracheira, como se já tivesse estado antes naquele hospital... Era a primeira vez.

Enquanto estava na sala de espera para receber as análises estava a escrever no Diário, na companhia de uma TV na sala de espera. Estava a registar a entrada do Brunnös a meio da noite no meu quarto *às ocultas* pela janela até que liguei por magia a escrita ao chip cerebral e nesse exato momento aparece um anúncio da TV a dar com uma propaga-agenda-super-inteligente-nazi a dizer

que o “chip cerebral” era “a solução” para o terrorismo. Tive de me rir daquilo que não tinha piada nenhuma. Simplesmente tive a sensação de que já tinha estado no Hospital Militar, mas foi naturalmente pela forte ligação de tudo e tive de avançar. Pus um ponto final na história e levantei-me para saber das minhas análises. Nos corredores apareceu um dos médicos do sonho. Estava acamado e olhava para mim como se eu fosse um fantasma, como se tivesse sonhado comigo ou “como se estivesse feliz por me ver, por ter conseguido ter-me feito dirigir ao hospital militar para descobrir uma verdade”...

A verdade que eu descobri no hospital militar e que sem ser um hospital militar tive de o chamar “Hospital Militar” é que os doentes pareciam mesmo que estavam num hospital militar. Vi doentes acamados nos corredores sem nenhuma privacidade. Vi os recursos humanos, os enfermeiros e os médicos de 5 estrelas a trabalharem numa horrível infraestrutura militar. Uma das enfermeiras que me tirou sangue e que também aparecia no sonho como médica contou-me que alguns “velhinhos” estavam há duas semanas em camas nos corredores do hospital, já com “alta”, há espera de um lugar no lar... Vi tudo a funcionar mal... Vi tudo ao contrário e fiquei numa raiva gigante com o governo de merda que existe em Portugal! Como é que é possível isto????? Doente acamados sem qualquer privacidade????????? Pessoas a passar com a merda dos telefones ligados no Instagram e a enviarem doentes acamados como dados para o Instagram????????? Vi a missão militar. Vi o sonho.

Vi a enfermaria dos diabos ao vivo e a cores. Vi os enfermeiros não só a segurarem as vidas como a segurarem todo um hospital que devia ser aumentado, que devia ser reabilitado, porque estamos a falar de um hospital que é capital de distrito num país... Horrível! Odiava que o Fred tivesse de trabalhar como médico naquelas condições. E pensei que não tinha ido em vão para o hospital. Que havia “um porquê” de ter ido parar ao hospital. E “o porquê” era este. Era eu ser um olho dentro do hospital. Porque fui um olho. Entrei no hospital e numa tridimensionalidade mapeei o hospital por completo. Não foi só o hospital que me tirou uma radiografia. Eu também tirei uma radiografia completa ao hospital. Fui de um canto ao outro. Sei onde está a árvore-borracheira no hospital que tem de ser protegida quando as obras no hospital começarem. (...)

Tal como registado no Diário, no dia 11 de setembro, antes de sair de casa para apanhar o ferry para a Ilha dos Piratas registei o sonho dos 3 marcos de correio.

«Os 3 marcos de correio encarnados faziam um triângulo. Fui espreitar de perto. Um dizia “Cartas do Exército”. Outro dizia “Cartas da Marinha” com o logótipo do Exército Júpiter que eu tinha visto no dossiê em casa do primo Tomás e o outro dizia “Cartas da Força Aérea” com o mesmo logótipo do Exército de Júpiter. Fui “puxado” para a Fábrica da Loíça. Estava ao colo de alguém a ver os marcos de correio a serem “esculpidos”. Fui “puxado” para dentro de um camião. Saí da Fábrica da Loíça com os 3 marcos de correio dentro do camião. Fui “puxado” para o ferry. Ia num grupo de carteiros. Eu estava vestido de carteiro. Tinha uma carta na mão. O remetente era o Antoine Canary-Wharf. Não tinha destinatário. Havia no envelope um carimbo da Cruz da Malta. Não tinha morada. Só tinha um número da porta. Quando cheguei à Ilha dos Piratas, a ilha era um bocado diferente, parecia que tinha havido obras, mas lá me pus a andar atrás dos outros carteiros e apareceu o número da porta que tinha a minha carta. Havia 2 seguranças no jardim. Um deles fez-me “sinais fraternos” e disse para o outro “É o Antoine, está autorizado a passar para lá do 1º marco”. Deixei a carta no marco das “Cartas da Marinha”, por causa da Cruz de Malta.» 07h16

Quando cheguei à Ilha dos Piratas, pela primeira vez, vi um marco de correio encarnado numa casa. Nunca tinha visto. Em 4 meses que faço sempre o mesmo caminho nunca tinha visto. Mas sou psicológico. É fácil. O meu subconsciente viu o marco de correio encarnado que o meu consciente não viu e trouxe o marco à tona no sonho. Ia no caminho com a Mãe Rosa. Depois de passar a casa, olhei para trás e vi o Marcos a sair da casa. Achei piada. O Marcos passou a correr em tronco nu sem os 3 grandes 6 tatuados, como tinha no dia dos Militares. Achei outra vez piada. Afinal, o 6 era uma tatuagem “a fingir”. Passou sem me cumprimentar no nosso “novo código combinado”.

O Marcos apareceu depois *às ocultas* para me ajudar a tirar a chave partida da fechadura da casinha dos salva-vidas. Depois do arranjo, o Marcos olhou para todos os lados, empurrou-me para dentro da casinha, trancou-nos e fez-me sinal de silêncio. Abriu a mochila de padrão militar, tirou o drone de padrão militar e mostrou-me o filme que tinha feito desde a sua casa até à casinha dos salva-vidas onde me viu com a chave de fendas a tentar arranjar a fechadura. Vi 3 marcos de correio encarnados na casa do Marcos que faziam um triângulo. 1 estava na parte da frente da casa e os outros 2 na parte de trás, do jardim. Vi também o pentágono invertido por cima da casinha dos salva-vidas, que não podia imaginar que havia e que era o mesmo pentágono que eu vi por cima da casinha dos salva-vidas na Praia dos Bodyboarders, quando subi a montanha por cima da Praia dos Bodyboarders. (...)

Ouvimos alguém a bater à porta e era o Isaac que vinha pedir emprestada uma chave de fendas, porque tinha partido a chave dele na casinha dele dos salva-vidas...(...) Não estava com o chapéu amarelo do Instituto de Socorros a Náufragos típico da farda de salva-vidas... Estava fardado rebeldemente com um chapéu encarnado dos correios (...) Ora, sabia que estava num programa de “chave partida”. Isto, porque antes de eu partir a chave, o Mr. Rugby disse-me que eu ia partir a chave como se soubesse que a chave “estava feita” para partir, como se soubesse do “truque” na fechadura que ia “partir a chave”. 2 chaves partidas na mesma manhã das 2 casinhas dos salva-vidas na praia ao lado uma da outra, teria piada se eu visse uma coincidência e não um “jogo de chaves”. Tinha o Mapa do Tesouro que me dizia para enterrar no Jardim dos Gladiolos a chave que aparecesse às 18h06, porque “um carteiro” iria roubar um pé de gladiolo para entregar uma carta. Eram cerca das 18h quando o Isaac me telefonou a perguntar se eu tinha visto uma chave na casinha... Fui lá e encontrei a chave e menti-lhe, disse que não estava chave nenhuma. Ele riu-se e chamou-me “cabrão”: «Cabrão! Ficaste-me com a chave!». Eram 18h06. Sabia que estava num jogo. Sabia que tinha de dizer que não estava nenhuma chave para poder ficar com ela e escondê-la, senão eu perdia o jogo. (...)

(...) Lembrei-me do dia em que tinha sonhado que o Hugo se ia embora da ilha e que nesse mesmo dia quando cheguei à ilha vi o Hugo de malas feitas a passar por mim como se eu fosse um fantasma e desde esse dia nunca mais o vi na ilha e por isso registei no diário nesse dia “Os piratas expulsaram o Bruxo e o Bruxedo da Ilha.”. Nesse mesmo dia, o Isaac que estava ainda a cobrar a sombra dos colmos da nossa concessão, foi despedido pelo Capitão acusado pela Mulher do Capitão de ter roubado o dinheiro da caixa de 6 dias num total de 666€. Ora, toda a “numerologia da coisa” indicava “simbolicamente” que estávamos num teatro e que o despedimento fez parte do mesmo teatro do despedimento do Mr. Bali, por causa do jogo das 9 toalhas. Logo no dia a seguir, o Isaac apareceu vestido de salva-vidas e foi tomar o posto de vigia na Praia do Cabeço, ao lado da nossa. De repente, “um paraquedas” vestiu o Isaac de salva-vidas como vestiu o Hugo. (...) É claro que se eu não tivesse tido o sonho do carteiro, eu teria dito ao Isaac que tinha encontrado a chave... (...)

(...)

A conclusão a que posso chegar e que me dá uma nova visão em relação aos “sonhos premonitórios” é que tenho uma nobre intuição e um nobre bicho tecnológico dentro de mim capaz de se ligar aos processos e programas tecnológicos. A sensação é que parece que há um implante. Mas é só uma sensação. Não passa de uma sensação. (...)

(...)

Comunhão de Esforços de Salva-Vidas Para Salvar Um Salva-Vidas (Fim do Processo.)

(...) A sensação é que parece que há um implante. Mas é só uma sensação. Não passa de uma sensação.
(...) Parece que os piratas salva-vidas piratearam o meu implante e têm acesso ao meu estado de espírito e “respondem” e “seguram” animadamente comigo o filme, (...) quando eu quero dar cabo do filme, quando eu quero sair do filme, parece que os piratas aparecem todos e não me deixam sair do filme, dizendo “que estão comigo” e que eu tenho “de aguentar o filme” e que eles estão a segurar comigo o filme e eu volto a ficar animado (...)

(...) A sensação é que tinha mesmo de ser assim. Não havia outra hipótese. Dá vontade em falar “deles”. Sabemos que são “eles”. Sabemos quem são “eles”. “Eles” que secretamente nos amam, que nos adoram numa simbiótica e físico-química adoração, que conhecem e compreendem o nosso espírito e que nos acompanham no Processo. Que nos vão segurando no Processo. Parece que tinha mesmo de ser assim. (...) É claro que há coisas que vemos, se voltarmos atrás que pensamos que foram “demasiado” e que foi uma sorte termos aguentado, porque parecia que estávamos num filme de terror, mas enfim, aguentámos e chegámos ao fim. (...) Compreendemos a importância disto, porque sabemos que fomos algemados e que não foi o Processo que nos meteu as algemas, simplesmente o Processo fez-nos ver as algemas, meteu-nos mais algemas, algemou-nos ainda mais, para conseguirmos ver todas as algemas e depois tirou-nos todas as algemas, sobretudo as que já trazíamos connosco. Conseguimos “matar” todos os preconceitos, medos, paranoias, tudo... (...) Estamos limpos... Parece que fizemos uma “limpeza espiritual”... Sabemos que já eramos bons, mas trazíamos “um certo preconceito”, “pensamentos institucionais”, “nomes institucionais” que não eram nossos, que não nos pertenciam... (...)

É como se tivesse ido parar várias vezes a uma sala de reanimação em que médicos e salva-vidas davam-me sempre o Suporte Básico de Vida. Salvavam sem saber *O Algoritmo do Amor*. Libertavam sem saber *O Algoritmo do Amor*. (...)

(...) Houve uma comunhão de esforços para que eu chegasse ao fim do Processo sem perder todo o meu espírito, sem perder a dança... (...) uma comunhão de médicos e de salva-vidas salvou *O Algoritmo do Amor*. (...) uma equipa de médicos apareceu para oxigenar o espírito “morrido” na sala de reanimação à espera do animado Suporte Básico de Vida (...) uma bodyboarder apareceu camufladamente vestida de salva-vidas para segurar o filme, para poder chegar ao fim do processo(...)

O sabor desta experiência é magico. (...) Sabe a vida sagrada. (...)

As 24 Estratégias de Coping do Diamante

1ª Estratégia: Confronto.

Nos primeiros momentos o Diamante reagiu com a notificação maçónica a um Direito Penal maçónico. Mais para a frente, o Diamante começou a questionar-se sobre o próprio maçonismo do seu Direito Penal e decidiu começar a escrever um relatório para as Forças Armadas e Policiais. O processo de escrita libertou o próprio autor que começou a ver a familiaridade das coisas e que o Processo era um processo familiar, um processo interno. (...)

2ª Estratégia: Resolução Planeada do Problema.

A decisão do início de tomada de escrita em relato-vivo do Processo e do Diário de Salva-Vidas constitui uma importante estratégia de *coping* de Resolução Planeada do Problema. (...)

3ª Estratégia: Aceitação/ assumir das responsabilidades.

(...)

4ª Estratégia: Autocontrolo.

(...)

5ª Estratégia: Procura de suporte social/ emocional

O Diamante durante o Processo procurou 5 vezes o suporte da sua prima Sara Rot, sem sucesso, tendo sido o conforto “abafado” pelo Fred. A Sara Rot é o referencial *master* do Diamante. (...)

6ª Estratégia: Reavaliação Positiva.

(...)

7ª Estratégia: Distanciamento.

Dentro do Processo, sem que isso constituísse “uma fuga”, o Diamante distanciou-se 6 vezes de “*Red Lines*”, bloqueando positivamente 6 vezes as Estratégias de Jogo do Processo. (...)

8ª Estratégia: Fuga/ evitamento.

O Diamante tentou sair do Processo 5 vezes e tentou quebrar o feitiço d’O *Algoritmo do Amor* com o Fred 5 vezes. (...)

(...)

24ª Estratégia: Representação/ expressão “Além-Medos”

(recurso a simbolismos e referências)

O Diamante criou o hip hop: **Em português, sou um cabrão de um chibo! Em inglês, sou um Whistleblower! Um hip hop de guerra sem parar com O Algoritmo do Amor nas mãos (...)**

(...)

O Diamante criou o rock and roll: **Um rock como deve de ser! Um capitalismo como deve de ser! Um rock dos diabos! (...)**

(...)

O Diamante criou o hip hop: **Hip hop 666 – Canção dos Diabos (...)**

(...)

Nota complementar: O Diamante anexa as letras das canções na 1ª amostra pública do Processo, completamente “indefeso”, num verdadeiro ato de coragem artística numa franca lucidez e sobriedade de coisas num estado de espírito bastante sossegado, tranquilo e em paz consigo mesmo.

(...)

Livro de INQUÉRITO

I Parte – Teste de Desenvolvimento da Personalidade e Convicções

(...) «Acreditas em “espíritos”?»

«Em espíritos, como assim?»

«Em fantasmas... Em demónios...?»

«Não...»

«Não acreditas em espíritos de pessoas que já morreram e que podem aparecer para assombrar?»

«Não... Acredito na matéria que está viva... Acredito no espírito humano...»

«Não és religioso?»

«Tenho a minha própria “religião”... Tenho a minha própria filosofia... Sigo a minha filosofia de vida... É essa a minha religião...»

«Então não és um “ser espiritual”?»

«Sou muito espiritual... Tenho a minha “cena”... Tenho a minha fé na Natureza... Vejo as ligações da Natureza... Interesse-me muito por Biologia, por Botânica, por Astronomia... A minha “espiritualidade” não passa disso... Gosto de ficar a olhar para as estrelas que são reais e gosto de ver os cometas e o tempo a passar... É assim que sou espiritual... É essa a minha espiritualidade...»

«E fazes algum tipo de culto, alguma adoração...?»

«Adoro as abelhas... Adoro o Fred... Adoro-a a si... Adoro todos as girafas... Adoro os elefantes... Adoro os flamingos... Adoro os cavalos-marinhos... Adoro os golfinhos... Adoro os tubarões... Adoro os morcegos-vampiros... Adoro as mantas-diabo... Enfim... Todas as minhas adorações, as adorações que eu faço são às pessoas da minha vida, às pessoas que eu amo e às espécies animais que eu vejo como sagradas e que nós os humanos com o nosso Direito temos o dever de os proteger... O “culto” que eu faço é a pila do Fred... É o meu namorado...»

«E que espécies são essas que vês como sagradas?»

«São todas os animais que possuem uma inteligência sócio-afetiva com os da sua espécie ou com os humanos. Essa inteligência conseguimos achar em todas as espécies de animais, desde mamíferos a répteis... Por exemplo, as tartarugas... Vejo as tartarugas sagradas... Depois também vejo sagradas todas as aves que sejam monogâmicas, porque considero que a monogamia seja um tipo de inteligência sócio-afetiva... Todos os mamíferos para mim são sagrados porque são animais complexos com ligações complexas... Os mamíferos têm maminhas... Há uma grande ligação das crias que liga às mães...»

(...)

(...) «Traíste o Fred com o Diogo Bugg?»

«Não, claro que não!»

«Sabes que eu levei o teu manuscrito (...) à máquina do espírito da caligrafia de 2080 de Antoine Canary-Wharf e o que os algoritmos me indicaram é que o que escreveste sobre o Diogo Bugg foi com um novo espírito “apaixonado”, como se estivesses a escrever um “romance escondido” dentro d’O *Algoritmo do Amor*... O que é que tens a dizer sobre isto?»

«Que os algoritmos estão completamente errados.»

(...)

«Tens a certeza?»

«Tenho, claro.»

«O Diogo Bugg não é “igual” ao rapaz que tu mais gostaste antes do Fred?»

«Sim... Mas isso foi antes do Fred...»

«E um rapaz igual ao rapaz que mais mexeu contigo, como o Diogo Bugg, como se fosse um fantasma do passado ter aparecido na praia não mexeu contigo?»

«Se mexeu, foi espiritualmente... Houve todo um espiritualismo à volta disso... Mesmo que tenha sido uma “vinda” montada...»

(...)

(...) «Eras capazes de matar?»

«Sim, em legítima defesa.»

«Só em legítima defesa?»

«Sim, só em legítima defesa.»

«E se fosse para salvar o Fred?»

«Esse ato pertenceria sempre ao instituto de legítima defesa, por isso, claro que era capaz de matar alguém que estivesse a apontar uma pistola ao Fred!»

«Base legal?»

«Artigo 32º do Código Penal.»

«E só nesse caso em que alguém estivesse a apontar uma pistola ao Fred é que serias capaz de matar “pelo Fred”?»

«Claro. Não estou a ver outro caso.»

«E se o caso fosse o seguinte: tinhas recebido uma mensagem que dizia que tinhas de matar alguém no espaço de 24 horas para salvar a vida do Fred e que não podias comunicar à polícia senão o Fred morria. Matavas?»

«Claro que não. Chamava a polícia.»

«Mas a mensagem dizia para não comunicares à polícia...»

«Eu chamava sempre a polícia, chamava neste caso a polícia judiciária.»

«Tens contactos dentro da polícia judiciária?»

«Sim.»

«Tens mais ou menos quantos?»

«6.»

«Alguém sabe sobre esses teus contactos?»

«Não... Estão fora da minha “Internet”...»

«E o Fred sabe?»

«Não.»

«Porquê?»

«Porque...»

«Porque?»

«Porque... Sei lá... Não conversamos sobre isso...»

«Sobre o quê?»

«Sei lá... Não temos “conversas judiciárias”, não é?»

«Eu acho que te fiz uma pergunta simples, ou não?»

«Sim...»

«E então...? Se o Fred é o teu “mais que tudo” e se tu confias 100% no Fred, porque é que o Fred não sabe quem é que são esses teus 6 contactos na Polícia Judiciária?»

«Porque há um Código do Silêncio!»

«E onde é que está esse Código do Silêncio?»

«Está escondido no Departamento Editorial de Astrobiologia e Ufologia da Jupiter Editions...»

«Esse departamento existe???»

«Existe...»

«Mas não está visível na Jupiter Editions... Como é que sabes que existe?»

«Porque sei que existe, mas é invisível a alguns olhos... Pertence às Ciências Ocultas...»

(...)

«Gostavas de ser detetive da Polícia Judiciária ou o Código do Silêncio não te permite responder à questão?»

«Adorava.»

«Achas que tens hipóteses?»

«Acho que não...»

«Porquê?»

(...)

«Como é que tu achas que a polícia a ler o teu Processo ia ver “o filme” que fizeste com “os arrotos”?»

«Ja ver uma *ganda* filme policial “sobrenatural”...»

«E achas que alguma esquadra “pegava” no teu Processo?»

«Claro que não...»

«Acreditas que os arrotos foram um “bruxedo”?»

«Claro que não...»

«Mas não foi isso que escreveste no Processo e no Diário?»

«Sim...»

«Não acreditas no que escreveste?»

«Eu só fiz um relato real. Nem sequer tive tempo para pensar no significado das coisas que eu escrevi. O Processo não me deu esse tempo.»

«E queres esse tempo?»

«Quero, claro! É o que eu mais quero! Quero ter tempo para poder ver o que escrevi. Para poder juntar as peças. Tive de escrever o Processo às peças... Escrevi isso dos arrotos não sei onde...»

«Escreveste no teu 1º Grito de Liberdade de Internet das Coisas no dia 12 de junho de 2021 e publicado pela Jupiter Editions no site no dia 8 de setembro de 2021, que o Tomás te disse à tarde que via “um bruxedo” que viria encomendado numa “rã” e que quando engolisses o “bruxedo”, tu deixarias de ouvir a rã e passarias a arrotar, como nunca antes, durante, pelo menos, três meses... Estou só a ler o que escreveste... Ora, o Tomás disse-te isso à tarde e tu depois à noite quando chegaste a casa e foste dormir começaste a ouvir uma rã e quando a deixaste de ouvir começaste a arrotar... Passo a ler: “(...) Já na cama, ouvi uma rã no meu jardim e **logicamente** que me lembrei do que o Tomás tinha falado. Eu vivo onde vivo há anos. Não há rãs onde eu vivo. Não podia haver rãs no meu jardim. Não há lago nenhum, não há cachoeira nenhuma para rãs, não há riacho nenhum no meu jardim e nunca ouvi rãs do meu quarto. Estranhamente, no dia em que o Tomás me diz que “o meu bruxedo” vem encomendado com uma rã, eu oiço nessa mesma noite uma rã, ainda por cima no meu jardim. Ainda assim, como estratégia de coping (?) do meu cérebro pensei “que se calhar rãs já tinham lá passado e eu nem me tinha apercebido, mas como o Tomás falou da rã que simplesmente o meu cérebro tivesse ficado mais atento durante a noite”, enfim... Só que a verdade, é que quando nós

nascemos com uma Biologia das Coisas e estamos ligados à tecnologia dos morcegos, dos pirilampos, das abelhas, dos mochos e das corujas, nós ouvimos a rã no nosso jardim e sabemos que no nosso jardim há morcegos, pirilampos, abelhas, mochos e corujas, mas que não há rãs e por isso dizemos que alguém “pegou” numa rã e lançou para o nosso jardim. A pergunta lícita que eu fazia, era se o Tomás estava metido com “o bruxo” do meu ex-namorado. Deixei de ouvir a rã e comecei a arrotar como nunca tinha arrotado. Mas pensei que seria tudo psicológico. Mas arrotos placebos? Eu comecei a arrotar sem parar desde o dia 25 de abril e hoje é dia 13 de junho de 2021 e ainda estou a arrotar “o bruxedo” e tenbo a Jupiter Editions pacientemente à minha espera. Ainda não lhe disse uma palavra. (...)” ... Acreditas ou não que os arrotos foram um bruxedo?»

«Não, claro que não...»

«Então o que vês nisto tudo que foste tu que escreveste?»

«Vejo que tenho um refluxo gastroesofágico que me faz arrotar constantemente...»

«Mas foste diagnosticado? Quem é que te diagnosticou?»

«Foi o Fred...»

«Mas ele diagnosticou-te ou disse que tinhas um refluxo por causa dos arrotos?»

«Sim, disse que eu devia ter um refluxo e disse que tinha de ir ao médico com urgência para ver o que se passava...»

«E já foste?»

«Não... Estou “preso” com estes arrotos na Ilha dos Piratas...»

«Mas não achas estranho os arrotos terem aparecido exatamente no dia em que o Tomás te falou num bruxedo e até te disse que os arrotos iam ser muito intensos e depois teres efetivamente os arrotos “ainda por cima” com todo o simbolismo à volta da “rã”?»

«Não... Acho uma coincidência engraçada...»

«Uma coincidência engraçada?»

«Sim. Até nos estamos a rir os dois e tudo...»

«Pois, é... Até falaste da estratégia de *coping* e tudo... A comédia também faz parte da tua estratégia de *coping* ?»

«Sim. Faz parte de uma das minhas *24 Estratégias de Coping* ... Ver nisto tudo uma grande comédia...»

(...)

«Quem é que sabes imitar?»

«O meu pai, a tia Giralda...?»

«Sabes?»

«Super-bem, mesmo... »

«Hum... A tia Lígia também, não é? E a tia Francisca também, não é?»

«Sim, mas eu acho que a minha mãe imita melhor a Tia Francisca...»

«Que engraçado... Mas tu também sabes a tia Francisca, não sabes?»

«Sei...»

«Hum... É que eu estou a ver aqui uma coisa na minha árvore para ver se isto das imitações bate certo... (...) O Fred, sabes imitar?»

«Eu não sabia que era capaz de o imitar, mas comecei a aprender a imitá-lo desde o dia em que ele me foi buscar para irmos ao Congresso dos Médicos...»

«Hum... Foi só desse dia?... Que começaste a imitá-lo ou a saber que o conseguias imitar?»

«Sim...»

«E porquê?»

«Ah... Porque fomos ao Jardim dos Idílicos e fizemos um teatro e como eu vi uma personagem dele, comecei a saber imitar essa nova personagem dele...» A Psicologia da Sara olhou-me maçonicamente.

«Ah!... Então... Tu sabes é imitar uma personagem que o Fred faz, é isso?»

«Sim...»

«Muito bem...»

«E olha... E diz-me... E o meu namorado, sabes imitá-lo?»

«Não...»

«Pois, é... O Afonsinho não sabes imitar, não é?»

«Não...»

«E o Domingos...?»

«Também não...»

«E o Tomás Ducado?»

«Super-bem...»

«Pois é, super-bem...»

«E os outros Ducados todos, o Martim...»

«Não...»

«Pois, o Martim está na nossa árvore... Mas tu sabes imitar-me, não é?»

«Sei... Mas eu acho que sei imitar é a sua personagem, que é a mesma que a minha... É por isso que eu sei imitá-la...»

«Nós estamos os dois, então, na mesma personagem, não é?»

«Acho que sim...»

«Pois, é... Parece que “nos deram o mesmo papel”...» (...)

Livro das 66ª ALEGAÇÕES

(...) O Fred está ligado à Internet dos Bruxos onde o bruxo do meu ex-namorado anda a navegar. Por isso é que sabia do “bruxedo” (“bruxedo” tecnológico) e disse para eu ver tudo como uma “coincidência”. O Fred é um hacker. Hackeou a Internet dos Bruxos para me salvar do “bruxedo”.

(...) A carta que Antoine Canary-Wharf escreveu com 9 armas apontadas à cabeça está num dos marcos de correio em casa do Marcos. O Antoine vestiu-se de carteiro para entregar a carta ao Marcos, porque sabe que o Marcos tirou 20 a Direito Penal e 20 na prova oral de Direito Constitucional onde o professor fixe fez perguntas sobre o capítulo do Poder Oculto. Na sala da prova oral estávamos todos de fato e gravata menos o Marcos que estava fardado com a farda do Exército. O Antoine sabe que o Marcos consta na lista secreta dos 2 dossiês do Exército Júpiter da Marinha e da Força Aérea. Logo, o Antoine sabe que o Marcos está no Triângulo das 3 forças, mas que no sistema informático só aparece no Exército. Por saber isso, é um dos “carteiros” autorizados a passar “para lá do 1º marco”. (...)

Livro das 66ª Acusações

(...) O anjo Raphaël é um salva-vidas ator... A concessão da Praia dos Camaleões só tem 50 metros. Ora, a imposição legal é que o concessionário tem de contratar 1 salva-vidas por cada 50 metros. Só se o Capitão que é o concessionário da Praia dos Camaleões tivesse 100 metros, é que o Capitão estaria obrigado a contratar 2 salva-vidas... O Capitão conhece todas as Leis do Mar e quer reduzir o “peso” do barco, logo não faz sentido ter 2 salva-vidas numa concessão de praia que só “pede” 1 salva-vidas. O anjo Raphaël é um militar camuflado com uma farda de salva-vidas para “segurar” o filme e a minha vida. (...)

(...) O Sid é o avô Normann.(...)

(...) Quem desenhou o retrato do Fernando Pessoa que o João Francisco me ofereceu foi o Gäel. (...)

(...) O despedimento do Mr. Bali não foi um despedimento a sério. Foi combinado. Foi simplesmente para sair do filme. A Mulher do Capitão é amiga da mãe do Mr. Bali e o pai do Mr. Bali é amigo do Capitão e é quem traz o peixe para o barco do Capitão. O despedimento do Isaac também foi um despedimento combinado. Fazia parte do filme o Isaac aparecer primeiro como um “empregado” da concessão que cobra os colmos aos banhistas, depois haver a “bronca” da caixinha do dinheiro para

justificar o despedimento e depois o Isaac aparecer vestido como salva-vidas na praia ao lado da nossa, na Praia do Cabeço, do lado da Associação e da Câmara Municipal contra a concessão do Capitão. (...)

(...) O Capitão e o São Valentim estavam como seguranças no dia em que eu entrei no clube secreto da herdade com os meus primos e conheci o Fred.

(...) O drone de padrão militar que sobrevoou *O Algoritmo do Amor* na Jardim da Gulbenkian pertence ao Exército Júpiter e o piloto do drone teve um caso militar-amoroso com o Marcos, enquanto namorava com o Diogo Bugg. (...)

(...) O Joa, o Fred e o Maths pertencem ao Triângulo das 3 forças do Exército de Júpiter. Apesar de o Maths ter tirado (oficialmente) o curso de piloto de linha aérea em Ciências Aeronáuticas, o Fred é médico-piloto do Comando Secreto das Forças Especiais da Força Aérea. A dúvida é se o Maths é da Marinha e o Joa do Exército, ou ao contrário. Apesar das fotografias que eu vi em casa do Gäel, do Joa com a farda da Marinha a rir-se ao lado do amigo do Marcos que no dia dos militares tinha os sapatos de golf calçados, a Internet das Coisas manda-me no jogo acusar que o Joa é do Exército e o Maths da Marinha. A justificação da seguinte acusação vem no seguinte sentido: no dia a seguir dos militares apareceu no estaleiro a sola do sapato de golf com um talão por cima com a data do tal dia em que em casa dos von Der Maase tive de andar à procura dos sapatos de golf do Joa e quem os tinha calçados era o Maths. Por ter passado a prova de fogo dos irmãos, fomos “às escondidas” do Fred “celebrar” a prova ao barco *Borda d’Água* num “suposto” “brinde secreto” para fazermos “um triângulo”. Sentámo-nos à frente de um triângulo de militares da Força Aérea, da Marinha e do Exército. Quem fez os lugares foi o Maths. O Maths sentou-se geometricamente no mesmo lugar do rapaz da Marinha. Mandou o Joa sentar-se no mesmo lugar do rapaz do Exército. E eu fiquei no lugar do rapaz da Força Aérea. O Maths deu o cartão de crédito ao Joa e mandou-me ir com o Joa pagar. O Maths gritou ao Joa para pedir a fatura com o número contribuinte. O Joa pediu-me para guardar o talão para entregar ao irmão. Fixei os últimos 3 dígitos do contribuinte “133”. Entreguei o talão ao Maths. Quando nos fomos embora, o Maths olhou para a mesa dos militares e num teatro fingindo que só os tinha visto no final, foi cumprimentá-los. Vi que o Maths entregou um papel ao da Marinha. Fiz silêncio. Vi que o do Exército viu que eu vi o papel e informou o da Força Aérea e vi o da Força Aérea a pegar no telefone e a olhar-me como se fosse o Fred. O talão do barco *Borda d’Água* que apareceu no estaleiro e que tenho comigo, tem a data do dia deste episódio e os últimos dígitos são “133”. Não me consigo lembrar se os militares que estavam no barco *Borda d’Água* eram os mesmos que estavam à frente da mercearia no dia dos militares. No entanto, vejo uma troca de fardas. Porque no barco *Borda d’Água*, vi que o Maths entregou o talão ao gajo da Marinha. (?) O papel que o Maths entregou era o talão. (?) Na fotografia que eu vi em casa do Gäel está o Joa com a farda da Marinha e o amigo do Marcos com a farda do Exército. Trocaram as fardas para a fotografia, como o Maths calçou os sapatos de golf do Joa e o amigo do Marcos tinha os sapatos de golf do Marcos, mas iguais ao do Joa, calçados. Vejo aqui um jogo de fardas. E na minha intuição faço assim a acusação. (...)

A Bola de Berlim Que Sabe A Merda – Muro de Berlim

(...) Não quis acreditar quando a Pequena Sereia me contou que a famosa fábrica da bola de Berlim é uma fábrica de escravatura. Os trabalhadores têm de estar em pé, só têm um quarto de hora para almoçar, não podem falar uns com ou outros, por cada “fala” ou por cada minuto que se sentem para descansar desconta 2,5€.... Trabalham mais do que 10 horas e têm de ficar a limpar a fábrica quando acabam o trabalho... Os patrões souberam de um funcionário que tinha cirurgia marcada para mudar de sexo e humilharam-no e fizeram de tudo para ele falhar as regras do trabalho para poderem descontar e o funcionário ficar sem dinheiro para a cirurgia... (...) Os patrões disseram para nenhum trabalhador falar com “o indefinido”, tal como tinham já feito com outros trabalhadores (...) Fiquei parvo (...) Não quis acreditar, porque o filho dos patrões tinha-me sido apresentado pelo Francisco e pela Guadalupe... Ficámos os dois em silêncio quando fomos apresentados um ao outro. Já nos conhecíamos (...) Andámos a comer-nos durante uma semana nos campos de golfe (...) Mas fingimos que não nos conhecíamos. Só depois quando cheguei a casa é que ele veio falar comigo e eu falei-lhe do Fred e o cabrão não desistiu! (...) A irmã, filha dos donos, é casada com um militar da GNR que a Pequena Sereia contou-me que sempre que entra uma queixa na esquadra do negócio do genros, ele lá consegue convencer a esquadra a cagar para a queixa e a fazê-la morrer. Este cabrão de merda que anda a foder o irmão da mulher sem a mulher saber e que me quer foder, anda a matar queixas na esquadra! Foi este cabrão que apareceu na minha praia num barco da GNR a fumar a merda do cigarro que mandou para o mar (...)

(...) Foi a dançar o rock and roll na garagem da Polícia Marítima da Estação de Salva-Vidas com 2 militares da GNR que eu soube que o marido da herdeira legítima do negócio das Bolas de Berlim Que Sabem a Merda, A Merda Mesmo, A Cocó, (Aquela Merda é Mesmo Merda, Aquela Merda Cheira a Escravo, Aquilo É Um Cheiro Que se Sente Lá Fora Só A Passar Ao Pé da Fábrica), fode com o cunhado na fábrica (...)

(...)

Motoclub Legítima Defesa

(...) Senti-me um puto com 14 anos abraçado ao Fred na moto. (...) Não podia imaginar que o segredo “maçónico” da *Rot-Maase Strong Alliance* era uma secreta concentração militar de motares... Não imaginava a prima Sónia a sair no banco de trás da moto com uma caveira na mão sem o Código Penal e com as botazorras e com as correntes. Parecia uma deusa gótica do liceu... As botas eram fixas. De um cabedal vegetal. Fiquei feliz por saber que todos os cabedais e couros na aliança são vegetais... Não podia imaginar a Catharina a sair da moto de trás do Albert também a segurar uma caveira. Ter visto a Helena a sair da moto de trás do Domingos com a caveira foi mais fácil... (...) Não estava nada à espera de ver a Sara também metida na concentração... Não fazia ideia que o Afonso tinha carta de uma moto daquelas... Parece que o Domingos e o Afonso andaram num Triângulo a tirar a carta às escondidas com o Fred... (...) Desde os 16 anos que o Fred anda às escondidas a comer a estrada em cima de uma moto. (...) Foi-se tudo embora, foram só derrapar pneu, foram só exibir as 5 caveiras numa coreografia de abelhas. Nem 1 minuto durou. De repente, parecia que não tinha havido concentração nenhuma. Fiquei só com o Fred, com o Francisco e com a Guadalupe. (...) Entrámos (...) Vi no clube o tal motard que queria andar numa pancadaria teatral com o tio Vasco. (...) Fez-me sinal para subir até lá acima. Fui pedir autorização ao presidente do club. (...) Subi. (...) Vi uma pequena biblioteca e entrei às escuras, porque a Lua e a Ursa Maior davam uma luz natural fantasmagórica à biblioteca. Numa sorte de principiante peguei num livro de capa encarnada sem título. Atrás do livro estava um exemplar d’*O Algoritmo do Amor* da 1ª Ordem da 1ª Impressão que me tinha desaparecido com o quarto trancado. Obviamente que vi que em casa algum dos anjos tinha uma chave suplente e que enquanto eu estava na Ilha dos Piratas “a fazer” de salva-vidas, “arrombou” a porta do meu quarto e “assaltou” o meu romance. (...)

Dentro d’*O Algoritmo do Amor* havia um papel agrafado à página 666 que dizia: “Não podes fotografar a mensagem nem escrevê-la ou falar dela nos próximos 6 dias. Queremos *O Algoritmo do Amor*. *O Algoritmo do Amor* só pode sair desta biblioteca quando o Tribunal dos Concursos e Leilões mandar abrir um leilão para leiloar *O Algoritmo do Amor*. Do leilão, ficarás com 44% e o club com 66%. É a melhor oferta para ficares com a Caveira Sagrada para saíres da Ilha dos Piratas ileso sem facadas e arranhões. Só a Caveira Sagrada te poderá proteger dentro do Caixão Sagrado. Com o número mágico escrito por extenso num longo pincel encarnado de letras gregas, árabe e hebraicas, no osso occipital da tua Caveira Sagrada, o teu barco será protegido pelos piratas que não deixarão desviar o filme para Marrocos. Sabemos que o teu medo é que a tua Caveira Sagrada seja comercializada no mercado negro de Marrocos. Se o teu barco for desviado será para os Açores, para a Madeira ou para o Cabo. Saberás como voltar ao ponto de partida. Não serás vendido como prostituto nem em Casablanca, nem em Ibiza, nem em Atenas. Não passarás para lá do Bojador, para lá das Tormentas, nem para lá de Gibraltar. Protege a Caveira Sagrada e a Caveira Sagrada proteger-te-á. Rouba-a como te roubaram *O Algoritmo do Amor*. Rouba-a sem dar cana. Pega nela e deixa *O Algoritmo do Amor*. Estás num jogo. Se te virem a saíres com ela do moto club perdes. Somos todos caveiras. Usa o alçapão para saíres do jogo. Volta à Dimensão Zero. Desce e sobe. Descobre o jogo dos alçapões.” (...)

(...)

Dimensão Zero – maçonaria

(...) «Está na hora.» O Nico vendou-me e atravessei de mãos dadas a herdade à noite com ele. Saímos pela porta-janela. Os meus primos tinham saído... A Sara estava lá na conferência, mas não estava a Sílvia (...)

Percorremos 20 minutos a pé. Entrámos numa casa. Ouvi vários passos maçónicos. Tudo a correr. Ouvi o barulho de facas. Ouvi a perguntar que faca é que iam usar. Começaram a falar em mortes. Começaram a perguntar quem é que depois ia limpar. Ninguém queria ficar com a esfregona. Comecei a suar da mão e sei que o Nico viu que eu estava cheio de medo, mas mentiu no jogo.

«Como é que ele está?»

«Está na boal»

«De certeza?»

«Absoluta.»

«Batimento cardíaco tá acelerado?»

«Népia.» Eu sentia a pulsação do meu coração na mão em que estava a dar ao Nico. O Nico sabia que o meu coração estava a disparar! Ele estava com o meu coração nas mãos.

(...)

Senti que tínhamos entrado numa espécie de elevador. Estava numa casa com elevador.

Senti a descermos até ao fundo do poço.

(...)

Tirou-me a venda e disse-me “quero que vejas até onde é que nós vamos, porque não vamos voltar a subir.” Vi o botão -49 premido e vi o Nico com uma mão cheia de anéis de caveiras que não tinha, um anel com uma serpente na outra mão que não tinha e com uma grande cruz que parecia de ouro igual a que estava em casa dos Van Der Maase com uma câmara interior e que eu na altura ainda não sabia que era a Cruz de Malta. Num mata-leão voltou a vender-me.

“Vocês vão me sacrificar?” perguntei.

O Nico não me respondeu. Senti-lhe a pôr dois dedos sobre os meus lábios num toque fraterno, como se me dissesse para fazer silêncio ou como se a pergunta fosse proibida.

(...) Sabia que estava protegido pela Ursa. Sentia a Ursa em mim. Sabia que a Ursa sabia onde eu estava, porque me tinha visto a sair vendado da Casa da Boa Psicologia para a Casa Do Poço -49. (...) A meio do túnel (...) Prendaram-me. (...) Vestiram-me um fato. (...) Ouvi um zip a fechá-lo. Pensei que iriam asfixiar. E senti a porta de um caixão a fechar-me por dentro. Fui transportado dentro de um caixão. (...) Senti uma Mão Invisível a abrir a porta do caixão. (...) Saí do Caixão Sagrado e vi que estava dentro de uma colmeia, de um laboratório. (...) Tinha vestido um fato de apicultor. (...) A minha maçonaria tinha-me vestido com um fato de apicultor, porque queria ver-me a ir buscar o mel às abelhas. (...)

Dimensão Zero – optometria

Vamos esquecer tudo o que nos foi “implementado”.

Vamos descer à Dimensão Zero.

Vamos vendar os olhos.

Vamos andar 66 minutos com os olhos vendados.

Vamos tirar a venda.

Estamos num elevador.

Vamos carregar no botão -49, que é para ver onde vamos parar.

Vamos voltar a pôr a venda.

Se não conseguirmos carregar no botão, temos de carregar no STOP, voltar a subir e pedir ajuda.

Não temos de descer sozinhos.

Podemos descer acompanhados.

Sozinhos ou acompanhados vamos descer até lá abaixo, até ao fundo do poço.

Não temos todos de descer.

Só desce quem quer.

Descemos.

Estamos no piso -49.

Estamos na Dimensão Zero.

Há um grande corredor.

Temos de voltar a pôr a venda e atravessar o corredor.

Vamos ouvir vozes “diabólicas”.

Vamos ouvir o número 666 a sair da Boca do Demónio, da Boca do Dragão e do Anticristo.

É tudo gravações.

É uma fita.

É tudo efeitos especiais de som.

A voz não existe senão computadorizada.

Ok?

A seguir vamos ouvir o número 666 a sair de outra Trindade. Da Trindade Divina.

Vamos ver como o Pai, o Espírito e o Santo estão com 3 caralhos na boca tatuados com o número 6.

Porque é que vimos, quando estávamos vendados?

Porque uma Mão Invisível mexeu na venda e quis que vissemos “a divindade” da Trindade.

Já passámos o corredor.

Vimos e ouvimos 3 trindades. A Trindade Satânica, a Trindade Divina e a Trindade dos 3 Caralhos tatuados com o número 6. Vimos o jogo das alianças e o jogo das trindades.

Vimos que as trindades não passam de uma mentira.

Vimos que foi um cérebro criativo que inventou as trindades.

Vimos que foi um cérebro criativo que desenhou um bicho sexy com cornos, com uma cauda e chamou-lhe “Diabo”.

Inventou tudo.

E não é por ter inventado, que o artista era o Falso Profeta ou que era diabólico.

O artista chamava-se Cristiano.

No máximo seria cristianino e não diabólico. O Diabo seria uma figura cristianina e não diabólica...

Coitadinho... O Cristiano só queria escrever uma história... Era um artista. Foi um artista.

Ele não sabia que a história ia provocar guerras.

A história até é uma história fixe.

É uma história que devia ser realizada em filme.

Na Dimensão Zero, podemos realizar os filmes que quisermos.

Na Dimensão Zero, somos livres. Somos livres de tudo.

Vimos muitas histórias na Dimensão Zero.

Agora, vamos libertar-nos de todas as histórias.

Até das histórias que vimos e ouvimos na Dimensão Zero.

Vamos voltar a subir.

Vamos colocar a venda para podermos chamar o elevador.

E no elevador vamos já a realizar a nossa outra história.

Vamos competir com a própria história.

Vamos competir com a história.

Estamos numa corrida histórica com a história.

Vamos ver quem vai ganhar.

Estamos na Corrida de Autores e de Realizadores.

Estamos na Corrida ao Prémio Io da Jupiter Editions.

Quando o elevador chegar à Terra, vamos fugir!

Vamos fugir dos diabos!

Que aquilo lá em baixo, na Dimensão Zero era um “antro”.

Aquilo era um poço dos diabos!

É isso que vamos dizer.

Faz parte do jogo.

Vamos fugir que é para toda a gente nos ver a correr e não se atrever a ir à Dimensão Zero.

É um jogo.

Há regras.

Temos de saber respeitar as Regras do Jogo.

Estou a escrever as regras.

São estas as Regras do Jogo.

Assim que tivermos hipótese, começamos a correr e em silêncio.

Mandamos uma corrida.

Fugimos.

E dizemos a todos para não irem parar à Dimensão Zero.

Dizemos que a Dimensão Zero é um “mundo dos diabos”.

São estas as Regras do Jogo.

Vamos jogar?

É uma história.

As Regras do Jogo, são uma história.

Vamos ver a história ao contrário.

Vamos ver o outro lado da história.

Vamos ouvir uma nova versão.

(...)

Vamos ver se isto resulta.

É só um jogo.

É só um jogo de palavras.

Vamos fazer uma experiência científica com as palavras.

Vamos pôr a inteligência dos cérebros a funcionar.

Vamos ver os cérebros a funcionarem.

Vamos experimentar os cérebros.

Estamos num laboratório.

Vamos ver se os cérebros vão aguentar a nova história.

Vamos ver os cérebros a largarem os livros que provocaram guerras?

Vamos ver os cérebros a largarem os livros que provocaram suicídios?

A Bíblia é criminosa, a experiência já começou.

Um livro que provoca guerras e suicídio, é um livro criminoso.

Um livro que provoca um terrorismo mental, que faz as pessoas viverem num constante terror nas suas mentes, um livro que faz ver um Inferno que não existe, um livro que põem as pessoas a acreditarem em anjos e demónios que não existem e que faz as pessoas perderem completamente a realidade, é um livro criminoso.

Não é a minha escrita que é assassina.

Eu não estou a assassinar nada.

Há milhares de bíblias.

Há milhões de versões e traduções da Bíblia.

Mas todas “as bíblias” dizem que Lúcifer era ou “é” um “anjo” mau...

Mas...

E é agora,

Que vai começar o jogo...

O Jogo de Guerra Intelectual das Palavras Inteligentes...

E se Lucifer “fosse” (tivesse sido) um “anjo” bom?

Tcharãh..... Guerra!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! Uiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii... Vem aí uma guerra dos diabos...

(...) Temos de ser diabos na guerra...

(...) Se é uma guerra dos diabos...

Temos de ser diabos...

(...)

Qual é que a história que trazemos para a guerra dos diabos?

«Apanhei uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi e com um exército de *Dons* num secreto túnel do Centro de Investigação de Implantologia Humana vi com os meus próprios olhos que Cristo por ser iluminado foi chipado pelos Dons. E num ecrã “da vida real” vi uma série de mini-vídeos a passarem em velocidade x16 e x24 onde vi outra história de Cristo. Vi Cristo solteiro a apaixonar-se sempre por todos os homens e a ir para a cama com vários homens que lhe prometeram amor eterno. Vi homens a brincarem com os sentimentos e emoções de Cristo. Vi homens a gozarem com Cristo. E vi como Cristo tinha um espírito muito forte e nunca se deixou ir abaixo e continuou sempre na sua pregação do amor, continuou sempre a pregar o amor e a paz. Só que nessa sua pregação, um povo muito ruim, um povo muito estúpido, um povo muito racista metia-se sempre à frente do espírito de Cristo a atrasar sempre a caminhada de Cristo. Cristo não era branco. Não tinha pele branca. Tinha uma pele escura. E o povo ao invés de olhar para as obras divinas, não, punha-se a olhar para a cor da pele e para com quem Cristo andava de mãos dadas. Até que Cristo, apareceu na cidade de mãos dadas com um homem muito bonito, um homem muito perfeito chamado Lúcifer. Todos olhavam para Lúcifer como se ele fosse um “anjo caído do céu”. E lá os invejosos, os que se diziam amigos de Cristo, mas que eram inimigos, começaram a escrever uma história ao contrário. Escreveram tudo ao contrário. Os “profetas” escreveram um livro desastroso em que escreveram coisas que Cristo disse, profecias de Cristo, mas também puseram para lá “coisas dos diabos”, foram escrever que o “Diabo” se chamava Lúcifer, foram dizer que havia um número que era o número do “Diabo”, foram dizer que “Deus” proibia e condenava o homossexualismo, quando tinham praticado todo um homossexualismo com Cristo... Escreveram um livro cheio de mentiras, cheio de erros, cheio de alucinações... Fumaram drogas quando escreveram o livro... As pessoas andam a ler livros escritos por drogados... O Cristiano era um drogado... O Cristiano é que era, não era Cristo... Esperemos que esta parte não seja mal traduzida ou que editem o nome de Cristiano e deturpam a mensagem como na Bíblia... Enfim... Cristo descobriu que era um “anjo” e que Lúcifer também era um “anjo”, porque Lúcifer “desceu dos céus para contar a verdade a Cristo”... Nessa verdade de coisas, descobriram que eram almas gémeas... Descobriram que eram “irmãos”... E depois apareceu um “Deus”, projetado num holograma a dizer-lhes que, “agora que tinham descoberto a verdade”, não podiam mais fazer amor, porque era “incesto”... Mas Cristo, “lunático” na sua “primeira alucinação”, ainda respondeu ao “Deus” que eles não tinham útero, não iam fazer bebês, e que portanto, iam continuarem juntos, como é lógico e como seria lógico, porque já se tinham apaixonado e jurado amor eterno. Mas Lúcifer, com os seus olhos tecnológicos, disse a Cristo que era só um holograma. Cristo perguntou de onde é que o holograma estava a ser projetado e Lúcifer a rir-se disse

que o holograma estava a ser projetado da sua cabeça, disse que os *Dons* o tinham chipado e que eram os *Dons* que estavam a passar a fita do filme... Os dois riram-se e continuaram a fazer amor. Os “profetas” não iluminados espreitaram “um bocadinho” da história de amor entre Cristo e Lúcifer e fizeram um filme dos diabos e começaram a escrever um livro dos diabos.

Não sou Deus. Sou um filho de Deus. Estou só a seguir a Internet da história. Não sou Cristo, nem sou o “anti-cristo”. Sou um “irmão” de Cristo. Há um jogo desta Internet para compreendermos os jogos da vida. No entanto, a vida não é um jogo. A vida é demasiada sagrada para ser um jogo. Mas há jogos dentro da vida. Há quem nos ponha dentro de um jogo. Mas não é a “vida” que nos põe dentro dos jogos. Quem vê a vida sagrada consegue libertar-se de todos os jogos e joguinhos que nos despiritualizam e nos prendem a um jogo onde deixamos de acreditar no nosso próprio espírito. Deus existe, porque eu existo. Se eu existo, é porque Deus existe. Há uma Mão Invisível que me protege. Essa Mão Invisível pertence a um corpo invisível. Onde está o corpo? Não sei. Tanto pode estar em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi como pode só ser um dos braços de Órion. A Astrologia monta o seu zodíaco por cima das minhas estrelas. E eu monto o meu zodíaco por cima das estrelas da Astrologia, porque estou a ver até ao braço de Órion, até à Via Láctea. Não consigo ver mais. Mas já vejo muito. Não sei que mundos é que existem fora da Via Láctea. A inteligência do nosso jogo deve ser esta: ver a vida inteligente. (...)

Deus, pode ser para mim uma sociedade alienígena de abelhas ou só uma Rainha-Diabo que me protege e que silenciosamente luta contra todas as outras rainhas-diabo “debaixo da Terra”. Deus, pode ser para mim um cientista que me observa na lamela de um microscópio e protege-me numa cápsula contra todos os outros cientistas que não veem a inteligência humana... Deus pode ser um cientista no Laboratório de Deus que está a segurar a inteligência humana e tem fé na evolução humana... Deus, pode ser para mim a Ursa Maior, que apesar de ser um grupo de estrelas eu posso dizer que é o meu bicho alienígena protetor, porque me influencia a escrita, influencia o meu estado de espírito, faz-me viver, faz-me olhar para todas as outras estrelas, faz-me ver a Astronomia e o Direito da Astronomia. Posso falar em Deus, tão-só como uma força superior em relação aos humanos e que representa o Bem, que é a força superior divina. Deus pode ser isto. Deus pode ser aquilo que eu quiser chamar. Se eu quiser dar um nome à minha força superior, eu dou. Se eu quiser chamar-lhe YHWH, eu chamo. Se eu quiser chamar-lhe Fred, porque o meu Deus é o Fred, eu chamo. Sou livre. Somos todos livres. Sem guerras. (...)

E na minha liberdade, no meu jogo de palavras inteligente, na minha fantasia, digo que com o meu espírito tecnológico que estou só num jogo de palavras. Estou só a jogar com as palavras. Estou só a experimentar as palavras. Estou a fazer uma experiência científica com as palavras. (...)

Sou um cientista. (...)

(...)

Talvez, não seja escritor. (...)

Não sei, muito sinceramente porque é que uma Mão Invisível me deu uma esferográfica para a mão. O que eu queria mesmo, era um microscópio, um laboratório, um telescópio e um planetário com uma pista de dança para dançar debaixo de um fantástico céu estrelado. Eu queria era dançar. (...)

***Em português, sou um
cabrão de um chibo!***

**Em inglês, sou um
Whistleblower!**

Um hip hop de guerra sem parar com

O Algoritmo do Amor nas mãos

Não é o sistema que me está a testar,

Sou eu que o estou a testar.

O sistema na sua “cabeça”

Até pode achar que me está a testar.

Mas eu também o estou a testar.

Estou a ver o que é que funciona

E o que não funciona.

E vou chibar-me de todos os sistemas

Que eu vir que não estou a funcionar.

Tenho ***O Algoritmo do Amor*** nas mãos!

Vou-me chibar todo com ***O Algoritmo do Amor*** nas mãos!

Eu quero ver como funciona o sistema dos media em Portugal

E quero compará-lo aos dos outros países.

Sou jornalista!

Sou um cabrão de um jornalista!

Só fui para Direito para ganhar um colete à Prova de Balas. Quero ir para o Afeganistão!

Quero ver a guerra:

Quero ver se um escritor-guerreiro
Ter escrito 9 livros *À Velocidade da Luz*, de Gil de Sales Giotto,
Ter montado a sua própria editora
Do zero, sem ajudas, sem capitais
E ter erguido tudo só com *O Algoritmo do Amor* nas mãos,
Quero ver se isso é notícia ou não é notícia.
Quero ver se isto dá guerra ou não dá guerra.
E quero ver em que medida,
É que os media, o governo, os partidos políticos
E os lobos apoiam um projeto verdadeiramente filantrópico,
Que quer mandar cessar o fogo no Afeganistão!
Quero ver qual é que a resposta dos bancos e de cada banco.
Quero ver.

Quero ver se vai dar guerra ou não.
Porque se der guerra,
Se for para ir para a guerra,
Então eu vou lançar todos os nomes, na guerra!
Porque eu vou dizer exatamente a que portas é que eu fui,
Com que gerências é que eu lidei.
Vou dizer o nome dos gerentes
Que não me passaram para as gerências superiores.
Vou-*me* chibar todo!
Sou um cabrão de um chibo!
E como cabrão que sou,
Vou ter de contar tudo,
Tudo num relato vivo.

Num verdadeiro relato de guerra! Num documentário de guerra da Jupiter Editions!

Se tiver de transformar os filmes em documentários, eu transformo-os.

Se tiver de transformar os romances em biografias, eu transformo-os.

Se tiver de tirar toda a cinematografia da história, eu tiro.

Porque eu sou uma experiência

E como experiência que sou,

Com todo o meu cérebro extraterrestre

Que tenho capacidade de entrar

Num banco, num hospital, numa universidade, numa igreja, numa estação de comboios, numa
marina e ver tudo,

Ver cada departamento ao mesmo tempo que estou a ver a Lua

Porque estou sentado como um fantasma,

No secreto Departamento Editorial de Astrobiologia e Ufologia da Jupiter Editions,

E estou a ver as empresas com as igrejas noutros cultos celestiais,

Eu vou relatar sobre tudo.

À *Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto,

Vou escrever sobre tudo.

Sobre tudo.

Sobre cada merda.

Vou levantar a merda toda,

Só com *O Algoritmo do Amor* nas mãos!

Vou dizer onde é que fui

com *O Algoritmo do Amor* nas mãos

E onde é que eu não fui.

Vou mesmo começar a falar em nomes à séria!

Vou descamufalar tudo.

Vou tirar toda a minha carapaça e vou doá-la.

E se eu vir que continuo a zeros

E vejo que nenhum partido está a seguir a minha escrita,

Então eu vou pegar na minha escrita

E com ela vou formar um partido político!

E já que ninguém me ouve,
Eu vou a um sítio onde sei que terei um “tempo de antena”
E que toda a gente vai ter de me ouvir!

Não vai ser fixe! Não me stressem! Não me façam subir! Não quero subir!
Não gosto do Poder! Não gosto de Poder!

Eu nunca quis chegar a este ponto, baby!
Não era isto que eu queria, mãe!
Eu só queria poder ter dinheiro sem ser um escravo, como o pai!
Eu só queria poder ter dinheiro, para tirar o pai e a mãe da escravatura!

Eu só queria ter dinheiro para me libertar do sistema de merda implementado por cérebros de merda que deviam de dar o badagaio!

Porque estamos todos à espera do badagaio desses cérebros!
Se a guerra é intelectual e espiritual
Então eu estou pronto, pai!

GUERRA!

GUERRA PARA FAZER PAZ, minha mãe!

Vou para a guerra, mãe!
Tenho de ir, mãe!
Não quero continuar a vê-la aqui, neste estado!
Enfiada neste buraco!
Isto mata-me! Morro por dentro, mãe!
Há um buraco no Parlamento!
Sei um túnel que me vai levar ao buraco, baby!
Confia em mim, vamos, por favor!

Vamos!

Chama os médicos!
Por favor, eu imploro-te!
Confia em mim!
Esta merda tem de acabar!
Vamos!
Dá-me as mãos!
Estou pronto!
Vamos os dois de mãos dadas, para a guerra!
Vamos, amor!
Há um “Afeganistão” por baixo do Parlamento!
Vamos fazer Paz para o Afeganistão!
Vamos em Paz!
Vamos em Missão de Paz!
A guerra começou!
É silenciosa!
É a minha guerra, baby!
É a minha guerra de palavras!
Elas estão a ser ouvidas e estão a mexer com tudo!
Estão em encaixar-se em tudo!
São palavras mágicas, baby!
Sem querer, escrevi vendado palavras mágicas.
Escrevi às cegas, como uma cabra-cega, palavras mágicas.
Vamos, baby!
Está na hora!
Temos de ir para a guerra!
É a minha guerra!
Tu prometeste que vinhas comigo!
O pai, desta vez, vem comigo?
Ou vai dizer, outra vez, que eu só escrevo merda?

Não entre contra mim na guerra, pai!

Eu não sou seu adversário!

Porque é que me vê como um inimigo?

Só porque fui com os lobos para outro partido?

Eu não sabia!

Fui enganado.

Estava apaixonado.

Agora meti-me numa guerra.

Estou noutra paixão. Estou noutro amor.

Estou com *O Algoritmo do Amor* na mão. É a minha guerra!

A MINHA GUERRA É UMA GUERRA SILENCIOSA, É UMA GUERRA DE PALAVRAS!

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

16 de agosto de 2021 22:03

É que há regras de imprensa e também há crimes de imprensa. É um crime um jornal grande saber que eu nasci com 9 obras e entreguei a uma editora “extraterrestre” e simplesmente abafar, não noticiando. Então eu vou chamar merda a esse jornal nas bocas do mundo como um demónio, até esse jornal ser parado de ser lido. Vou gozar com o jornal. Eu não paro, eu sou imparável. Se for preciso, não vou fazer só protestos à frente do Parlamento, vou também fazer à frente de cada banco que me negar o crédito. Estão feitas as minhas ameaças, eu não estou aqui a brincar. E não estou sozinho. Tenho um exército invisível e silencioso que nunca mais acaba. O meu exército só estava à espera que eu escrevesse isto. Pronto, já escrevi. Que chatice!

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Bora caralho,

Está na hora do pormos o nosso hip hop a dar

e de dançarmos sem parar o nosso **rock andddd rolllllll**, caralho!!!!

Bora!!!!!!!!!!!!!! Bora, caralho!!!!!! Temos uma letra e está registada!!!! Bora!!!

Um rock como deve de ser! *Um capitalismo como deve de ser!* Um rock dos diabos!

“Todos queremos” dinheiro porque “todos precisamos” de dinheiro.

Eu não quero dinheiro para fazer o mal.

Quero dinheiro para fazer o Bem.

Eu não quero dinheiro para escravizar.

Quero dinheiro para libertar.

“Tudo” funciona à volta do dinheiro.

Podia funcionar de outra forma?

Podia, baby!

É só sermos criativos.

Foi uma mente criativa que inventou o dinheiro.

Mas o dinheiro (já) foi inventado.

“Não vale a pena” vermos o dinheiro como “mau”.

O dinheiro não é mau, idiotas!

O capitalismo não é mau, idiotas!

Os bancos não são todos maus, baby!

Há bancos bons e bancos maus.

Há bancos que financiam os maus.

Há bancos que bancam ideias estúpidas.

Há bancos que bancam estúpidos!

São os bancos estúpidos!

Há bancos que financiam os bons.
Há bancos que bancam empresas boas.
Há empresas boas e há empresas más.
Há economias negras e há economias fixes.
O capitalismo por si só, não é mau.
Há um capitalismo fixe!
Muito fixe!
Há um capitalismo que quer ser saudável.
Que quer ser sustentável.
Que quer ser verdadeiramente amigo do ambiente.
E já estou a ver os slogans de merda a roubarem-me este meu slogan.
“Verdadeiramente amigo do ambiente”.
A primeira empresa de merda que pronunciar o meu slogan,
Vou mandá-la abaixo só com um rock!
Vamos ver um rock dos diabos a cair em cima da empresa dos diabos!
Cai, caralho!
666, vais cair!
666, vais cair!
666, vais cair, sua puta de merda!

Sua puta de merda, sua empresa de merda que pagas ordenados de merda!
Tás a ouvir caralho?
Olha-me bem nos olhos!!!!
Sente bem o meu diabolismo!!!
Sente-o, caralho!
Sente-o, sua puta!
Sente-o!
Isso, caralho!
Sente-o!

Tás a curtir? Vais cair, caralho!

Eu vou difamar-te, na praça comercial ó sua puta!

Há um capitalismo que quer ser saudável!

Que quer ser sustentável!

Que quer ser verdadeiramente amigo do ambiente!

Que quer ser amigo de verdade!

Não é um capitalismo dizer-se ser amigo,

Fazer-se de amigo,

Mas ser é um verdadeiro inimigo!!!!

Que merda é essa, caralho?

Queres que eu te foda ou quê?

Queres ser fodida pela Trindade dos 3 Caralhos?

Eu fodo-te, caralho!

Eu vou foder-te!

Este rock que cheira a capital é para todos os artistas!

Isto somos todos artistas!

Quando temos pinta de artista

E andamos a cagar milhões

Temos de os cagar como deve de ser!

Temos de saber fazer um rock como deve de ser!

Temos de saber investir num capitalismo como deve de ser!

Quando somos milionários

Há uma responsabilidade acrescida de sermos bons!

Há uma responsabilidade de fazermos compras mais inteligentes e ecológicas!

E não há desculpas para isto!

Ainda por cima, ser ecológico

Entrou para sempre na moda!

É uma moda dos diabos!
Não vai sair nunca de moda!
Este rock, é um rock dos diabos!
Não vai sair nunca de moda!
Isto é que é fixe!
Fazer rock and roll como deve de ser
É que é fixe!
Fixe é pegar no rock
E fazer um capitalismo como deve de ser!
Este é que é o verdadeiro rock!
Este é que é o rock dos diabos!

Fixe é fazer rock como deve de ser!
Fixe é saber investir o capital em economias fixes!
Fixe é fazer um capitalismo como deve de ser!
Fixe é financiarmos os bons!
Fixe é injetarmos dinheiro nos bons!
Fixe é darmos sangue aos bons!
Fixe é alimentarmos os bons!
Fixe é investirmos em coisas que façam sentido
Há extensão da vida humana,
Sem a desumanizar
E sem “cortar relações” com o ambiente
E com a Natureza, que é a nossa Mãe!

Há esta responsabilidade milionariamente acrescida!
Somos milionários de ideias fixes!
Somos milionários de ideias empáticas!
Não curtimos chips!

Somos aliens!

Os nossos aliens já nos chiparam!

Os nossos deuses são os nossos aliens!

Os nossos deuses não curtem antenas de merda

Nem pontos hotspot de Wi-Fi,

Nas florestas, nos campos e na praia.

Os nossos deuses não curtem ventoinhas eólicas em cima da praia!

Queremos carros-voadores!

Não queremos drones!

Quero foder com o meu namorado dentro do barco

Sem ser sobrevoado por um drone!

Mas que merda é esta, caralho?

Onde é que está o Direito, caralho?

Tenho de interromper a foda com o meu namorado,

Para ir foder a cabeça ao Direito?

Foda-se!!!! [Vim-me todo agora, caralho!]

Mas tenho de fazer tudo, caralho???????? [Tô todo esportado]

Comprei um barco para quê?

Pago uma mensalidade brutal na marina para quê?

Para ser sobrevoado por um drone?

Onde é que está a minha privacidade?

Nem milionário posso ter privacidade, caralho?

É microfones por todo o lado?

Mas quem é que é o otário

Que compra uma roulotte de 70 mil euros

Com eletrodomésticos que funcionam por comando por voz??????

Endividar-me com o banco
Para viver na merda de uma roulotte tecnológica
Em que até o banco ouve-me a foder dentro da roulotte???

E querem que eu chame
Casa pré-fabricada a uma roulotte???

Isto é de loucos?????

Está tudo louco ou quê????

Vocês estão-me a foder a escrita toda...

Mas eu é que vos foder com a minha escrita!

Vou foder-vos a escrever!

70 mil euros por esta merda???

Isto são ideias de merda pré-fabricadas!

Casas da Google???

Casas da Facebook???

Eu quero é uma casa da Jupiter Editions!

Casas do Grindr???

Casas do Tinder???

Estamos no Sims ou quê???

Estamos num jogo do Sims???

Burros!

Burros do caralho!

Abram os olhos!!!!!!!!!!

Olhem para as câmaras!

Olhem para os microfones!

Vejam o petróleo

Que sai em cada segundo das cordas vocais!

Quem é que o banco que investe nesta merda?

Todos?

Todos dão crédito a esta merda?

Está tudo metido neste negócio de merda de dados?

Bancos do caralho!...

Vão cair todos!

Vou mandar toda a gente tirar o dinheiro dos bancos maus

E pôr nos bancos bons MUAHAHAHAHAHAHAHAHAH

Bora, caralho!!!!

Bora pôr o nosso dinheiro nos bancos fixes!

Há bancos fixes!

Vou dizer-vos quais é que são os bancos fixes!

Somos milionários de ideias fixes!

Estamos com os bancos fixes!

Gostamos dos bancos fixes!

Gostamos dos bancos que salvam os negócios fixes!

Gostamos dos bancos verdes!

Gostamos dos bancos azuis!

Gostamos dos bancos,

Que não dão crédito às empresas que poluem os oceanos,

Porque são azuis!

Gostamos dos bancos,

Que não dão crédito às empresas que poluem o ambiente,

Porque são verdes!

Gostamos dos bancos,

Que dão crédito ao nosso rock,

Que dançam o mesmo rock que nós!

Somos milionários de ideias fixes!

Somos milionários de ideias empáticas!

Somos milionários de ideias humanas!

Somos milionários de ideias ecológicas!

Somos milionários de ideias sustentáveis

Que nos permitem ver o futuro da melhor forma, caralho! **24 de agosto de 2021 10:06**

JAIME Maria Bayamonde da Costa Ayala

Mas querem fazer o nosso futuro,

Um filme dos diabos???

Querem meter-nos num jogo de computador?

O caralho!!!!

Eu fodo-vos, caralho!

Eu fodo com a vossa Inteligência Artificial!

Querem-me ouvir a gemer?

Eu vou é pôr a vossa Inteligência Artificial a gemer!

Chupa, caralho!

Chupa!

Chupa essa merda, como deve de ser ó sua puta!

Puta de banco que te pariu!

Puta de governo que te pariu!

Vou te partir o cu todo, sua vendida de merda!

Sua puta de merda!

És uma puta!

És uma puta, governo de merda!

Vendes-te a torto e direito!

Metes-te em orgias com os bancos!

Eu vi-te ò sua puta!

Era eu que estava no palco, vestido de diabo,

A cantar o teu rock and roll dos diabos! Sua puta de merda!

Vi como te excitavas com a Trindade Satânica!

Não vês como a Trindade se excita toda comigo?

Vi-te como adoravas a Trindade dos 3 Caralhos!

Não vês que um dos 3 caralhos é meu?

Foda-se, larga-me o caralho! Sua puta de merda!

Meteste-nos a todos num filme dos diabos

E agora queres sair do filme?

Tens sorte!

Eu sou um diabo bom!

A porta de saída é serventia da casa, meu querido!

Vá, vai-te embora sua puta!

Sai da orgia!

Sai do Parlamento!

Sai do banco!

Deixa-me sentar!

Eles querem que eu me sente!

Vais contra eles?

Sabes que não podes!

Sabes que quem manda são eles!

Quem manda são os zangões

Que ferram a Abelha-Rainha!

Quem manda são os soldados

Que guardam o útero da Formiga-Rainha!

Sou protegido pelos diabos!

Sou protegido pela Formiga dos Diabos!

Sou protegido pela Abelha dos Diabos!

(...)

Sou protegido pelo Homem dos Diabos,
Que tem um caralhão do Diabo,
Mesmo para te foder o cú o todo!

Quem manda nesta merda são os diabos!
E tu não és diabo!
És só um adorador dos diabos!
Mas os diabos gozam contigo, caralho!
Esporram-se a gozar contigo, mesmo na tua cara!
Vais sair do filme todo esporrado,
Com a conta a zeros, caralho!

Sai do filme, caralho!
Sai do jogo, caralho!
Deixa-me ser eu a realizar o filme!
Deixa-me ser eu a jogar!
Não vês que este jogo só pode ser jogado entre diabos?
Não vês que os diabos me adoram?
Eu não os adoro, mas eles adoram-me!

Eu não tenho medo dos diabos.
Sou pior que os diabos!

Os diabos sabem que não me podem tocar,
Senão caíem-lhes as 3 trindades em cima!
A Divina, a Satânica e a dos 3 Caralhos! **18 de setembro de 2021 10:36**

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

Hip hip 666 – Canção dos Diabos

«Baby, fiz mais um hip hop...»

«Mais um hip hop?»

«Sim...»

«Mas tu não ouvias hip hop...»

«Pois... Mas os piratas puseram-me a ouvir hip hop... Não tenho culpa, baby...»

«Que hip hop é que os piratas ouvem?»

«Ouvem o hip hop do Eminem e o hip hop do Valete...»

«E tu curtes o hip hop deles?»

«Sim... Nós gostamos do hip hop deles...»

«Txi, baby... Agora vais começar a tocar hip hop...»

«Mas a culpa é dos piratas...»

«Ya, já sabemos que a culpa é dos piratas...»

«Então, mandaram-me para a Ilha dos Piratas...»

«Vá, baby... Não chores... Como é que é o teu hip hop?»

«Fiz um hip hop com o número mágico...»

«Txi... Vê lá... Cantaste uma magia?»

«Ya...»

«O que aconteceu?»

«Os bancos abriram as portas... Entrámos a reppar...»

«Txi... Magia, vê lá...! Eu também entrei a reppar?»

«Sim, baby... Tu também... Trouxeste a tua Medicina toda atrás para o baile...»

«E os bancos foram no nosso rap?»

«Desta vez foram... Com todo um exército médico atrás a cantar hip hop, os bancos não iam no nosso rap? Claro que foram com os diabos com o nosso rap...»

«Txi... Ganda magia, baby...! Como é que começa o nosso hip hop?»

«Tudo começou por causa de uma tartaruga marinha que deu à costa na Ilha dos Piratas com a cabeça cortada... Tinha acabado de contar ao anjo Raphäel que numa casa dos diabos havia uma carapaça de uma tartaruga que tinha sobrado de uma sopa comida por 6 crocodilos e 6 minutos depois aparece na Praia dos Camaleões o gajo da camisola amarela na moto 4 com o cabo-mar atrás a dizer que o posto de vigia de salva-vidas da Praia do Cabeço tinha telefonado, porque tinha aparecido uma tartaruga morta com a cabeça cortada por uns crocodilos...»

«Txi, baby... “Magia dos diabos”... Fizeste logo um filme dos diabos, estou para ver...»

«Não, baby... Não fiz filme nenhum... Desta vez, fiz foi um hip hop...»

«Um hip hop dos diabos, já estou mesmo a ver...»

«Que seja! Quero lá saber! Ao menos salvamos as tartarugas marinhas... O hip hop é uma homenagem à Tartaruga Boba que apareceu na Praia do Cabeço com a cabeça cortada...»

«Baby... Foram os piratas... A Praia do Cabeço não é a praia onde estão abancados os piratas? Foram os piratas...»

«Não foram, baby... Foram os crocodilos...»

«Baby... Não há crocodilos na Ilha dos Piratas...»

«Há, baby... Eu vi uma foto no tele dos piratas...»

«Baby... Os piratas gozaram contigo... Fizeram uma montagem e tu caíste nas bocarras deles como uma Tartaruga Boba MUAHAHAHAH...»

«Não há mais bocarras de crocodilo na Ilha dos Piratas! Dia 30 de julho é o Dia da Tartaruga Boba e da Caça ao Crocodilo na Ilha dos Piratas...»

«Mas dia 30 de julho foi o Baile das Caveiras de Porcelana... Não te lembras que até morreste nesse dia, baby?»

«Sim, baby... O Baile das Caveiras de Porcelana foi um tributo à Tartaruga Boba...»

«Txi, vê lá... Tive no baile a dançar e eu nem sabia que tínhamos montado um baile só por causa de uma tartaruga... Que ainda por cima era uma Tartaruga Boba...»

«Ya... Montámos o Baile das Caveiras de Porcelana por causa da Tartaruga Boba sem capitais próprios...»

«Oh, baby... Tive uma ideia!!! E se abrissemos uma discoteca dos diabos chamada Tartaruga Boba para os diabos todos cheios da guita dançarem a Canção dos Diabos para salvarmos as tartarugas marinhas?»

«Amor! Vamos abrir uma discoteca só para salvar as tartarugas marinhas????»

«Sim, baby... É uma boa causa...»

«Oh, baby!!!! Eu amo-te!!!»

«6% do dinheiro reverte para salvar as tartarugas marinhas e para caçar os crocodilos...»

«Oh, baby... Não podia ser 50%? Tipo 50:50...?»

«Baby... Claro que não... Eu é que tive a ideia...»

«Oh, baby... Vá lá...»

«Não, baby... Claro que não pode ser... Não vamos abrir uma discoteca para 50% irem para as tartarugas marinhas e depois elas serem todas comidas pelos crocodilos... Não é?»

«Pois... Esqueci-me que estamos num jogo de sobrevivência...»

«Ya... Vá, queres abrir?»

«Quero, amor...»

(...)

[«Vá... Abre o rabinho, tartaruga... Que aqui o crocodilo vai-te comer!!!! MUAHAHAHA»

«Baby!!! De onde é que apareceu essa chave mágica que tens nas mãos?»

«Estava dentro do teu rabinho, amor... MUAHAHAHAH»

«Baby, fala a verdade... Foi magia ou quê?»

(...)

«Ya, foi magia... Acreditas?»

«Que remédio, não é?»

«Ya... E se eu te dissesse que esta chave mágica que eu tenho nas minhas mãos vai abrir a discoteca dos diabos para salvar as tartarugas marinhas?»

«A sério, baby?»

«A sério...»

«Dá cá a chave...»

«Não... Primeiro vais ter de dançar comigo a Canção dos Diabos... Vá... Tens de mexer esse rabinho 666^a vezes... Vou contar... Vá... Começa a reppar... Mexe o rabinho e pede um desejo...»

«Se eu vou mexer o rabo 666 vezes posso pedir 666 desejos?»

«Podes, baby... Mas cuidado com o que desejas...»

«Porquê?»

«Porque o que desejares, é o que vai acontecer...»

«Ai, baby... Que medo!!! Pareces o Diabo...»

«Baby... Tiveste sorte... Eu sou o Diabo... Não podes ter medo de nada... Eu amo-te! Tu também és o Diabo... És um ganda diabo, baby... Não sabias?»

«Não sabia, baby...»

«Ya, mas és... Olha-me só para este teu rabinho... Hum... Mesmo rabinho de diabo... Vá começa a reppar, Diabo!»

Se “Deus” está preso

E quem tem a chave é “o Diabo”,

Então eu danço com “o Diabo”.

“O Diabo” só dança com “diabos”.

Eu sou “um diabo”.

Sou um camaleão.

Não sou “o Diabo”.

Sou filho de “Deus”.

Não sou “deus”.

Os filhos do “Diabo” gostam de dançar com os filhos de “Deus”.

É uma dança “mágica”.

É uma dança política, esta dança dos diabos!

É uma dança com números!

É uma dança com uma data de 6.

É uma dança onde só aparecem 6.

Eu sou números.

Sou todos estes 6: 666.666.666.

É uma dança com números, porque é uma dança económica!

Eu danço, se ninguém quer dançar!

Se têm medo do Diabo, eu danço com o Diabo!

Eu quero é a chave!

Eu quero é libertar Deus.

Há uma aliança entre mim e o Diabo! Não é um pacto. É uma dança.

A minha dança com o Diabo é política.
A dança é económica, logo é uma questão política.
São politíques do Diabo.
São caprichos do Diabo!
Deixem-me eu entender-me com ele!
Ele a mim ouve-me, enquanto eu estiver a dançar com ele.

Eu não me canso de dançar,
Fui feito para não parar de dançar.
Fui feito para dançar com o Diabo.
Fui feito para aguentar todas as danças do Diabo até ao fim.

Eu não paro de dançar.
Tenho a dança das abelhas.
Sou uma abelha.
Danço como as abelhas.
Também sei ferrar.
Tenho um ferrão.
Danço com um ferrão.
Não paro de dançar.
Fui feito para dançar sem parar.

Gosto de abrir e fechar as discotecas.
Abri muitas discotecas sem qualquer comissão.
Fechei muitas discotecas.
E vou fechar muitas discotecas.
Não danço onde há câmaras.
Estou ligado à Rede de Seguranças.
Os seguranças sabem quem eu sou.

Os seguranças seguram-me a vida, seguram-me a dança, seguram-me o ferrão.

A minha dança é espiritual.

A Rede de Seguranças conhece o meu espírito.

Entreguei o meu espírito à Internet dos Seguranças.

Se faturo 5 milhões, divido os milhões com os seguranças que me seguram a vida e os milhões!

A minha dança é espiritual.

Não deixo as câmaras analisarem o meu espírito.

Não deixo as câmaras prenderem o meu espírito.

Tenho uma chave na mão,

Para abrir uma discoteca “dos diabos”,

Onde os diabos vão começar a cantar

E a dançar

Num hip hop sem medos,

Até ao Parlamento!

Ah, caralho!

Vamos até ao Parlamento!

Mas até chegarmos ao Parlamento,

Vamos no caminho batendo às portas dos diabos.

«Toc, toc»

«Quem é?»

«Somos nós, caralho!»

«Só abro, se pronunciarem o número mágico... Ou têm medo da magia do número mágico? Não gostamos de medricas... Não bancamos os medricas... O Banco não gosta dos medricas e dos mariquinhas... Vocês são todos mariquinhas ou quê? Mostrem lá as vossas pilinhas...»

«666! Abram a porta, caralho!»

«Txi... Estes vêm sem medos... Estes são mariquinhas, mas não são medricas...»

«São mariquinhas?»

«São... São mariquinhas... Vêm com *O Algoritmo do Amor* na mão...»

«Eia... O quê? Vamos ter de financiar paneleiros a uma hora destas? Fogo...»

«O quê??? Vamos ter de financiar um romance entre dois paneleiros?»

«Eh! Caralhos me fodam... Fogo! Cum caralho!»

«Têm máscaras? Estamos numa Pandemia...»

«Temos, caralho!»

«Porque é que vocês têm todos uma Caveira de Porcelana?»

«São as nossas máscaras, caralho! Viemos do Baile das Caveiras de Porcelana... Porque é que não financiaram o nosso baile? Foi um baile do caralho!»

«Nós pedimos capitais próprios... Sem capitais próprios... Qual é que foi o lucro do baile?»

«Foram 6 milhões!»

«Sem capitais??? Muito estanho... Parece obra do “Diabo”...»

«6 milhões num baile??? Mas nós estamos numa Pandemia...»

«Ouviram???»

6 milhões num baile...

Comuniquem à Direção Geral da Saúde,

Que é para este baile dos diabos acabar, já...»

«Isso não é contra o Regulamento da Proteção de Dados, chefe?»

«Foda-se! Faz o que eu te digo se queres mamar-me a seguir!

O regulamento é um fantasma.

Acreditas em fantasmas, ó medricas do caralho?»

«Não, chefe.»

«Então faz o que eu te digo se queres continuar aqui a mamar!»

«Somos todos caveiras!

As nossas caveiras são as nossas máscaras!

Dançamos com uma distância de segurança de 6 metros!

E a 6 metros temos os pensamentos ligados.

A nossa tecnologia funciona à distância.

A nossa dança funciona a 6 metros.

A nossa coreografia funciona a 6 metros.

De olhos fechados, dançamos todos

A 6 metros a mesma dança.

A nossa dança é tecnológica.

Não nos apalpamos uns aos outros,

Nem nos chegamos todos

Para cima uns dos outros!

Não nos comemos uns aos outros.

Não somos canibais.

Somos todos irmãos.»

«Essa parte da letra fazia parte do vosso hip hop?

Ou isso foi agora acrescentado em tempo real?»

«É esta a nossa letra.

É esta a nossa canção dos diabos.

É este o nosso hip hop!»

«Como vosso banco estou muito indignado,

Porque essa parte da letra

Não constava na nossa base de dados...

Se constasse, talvez o banco tivesse patrocinado a vossa canção...

Vá!

Cantem lá a Canção dos Diabos...

Está aqui a banca toda a ouvir o vosso Hip hop»

11:11 9 de setembro de 2021

«666, queremos salvar as tartarugas marinhas.

666, as tartarugas marinhas são sagradas!

666, os cavalos-marinhos são sagrados

E não são para estar em aquários!

Os cavalos-marinhos são sagrados
E não são para serem comercializados
Por um financiamento negro dos diabos
Que os vê como “peças ornamentais”!

666, queremos um Código Penal do Trabalho
Que defenda mais os trabalhadores do que os patrões
E não deixe nenhum trabalhador fazer jogo psicológico a nenhum trabalhador!

666, queremos ordenados de felicidade
E um novo Código Fiscal Societário,
Que manda os sócios das empresas que faturam milhões
Distribuir uma generosa percentagem dos lucros com os seus trabalhadores,
Sem qualquer discussão!

Ou é assim, como nos países nórdicos sofisticados
E como na Jupiter Editions,
Ou é assim,
Ou invadimos o Parlamento!
Ou é assim, ou é assim!

666, não estamos a brincar!

666, queremos desinstalar todas as câmaras de vigilância
Onde elas não são precisas como na via pública, nas praias, nos jardins, nos restaurantes,
Nos parques de diversão e nas discotecas porque queremos divertir-nos
Sem que a nossa diversão seja processada e vá parar a um mercado negro de dados.

**[Porque trazemos um espírito “dos diabos” e não queremos que ele seja processado
E vá parar a um mercado negro dos diabos.]**

666 os bancos vão ter de conceder crédito à habitação sem capitais próprios,
Senão vão cair!

666, não se abrem mais igrejas

Que fomentam o ódio ao homossexualismo!

666, o homofobismo, o racismo, o xenofobismo e o nazismo são para serem odiados

E intolerados!

666, o Governo de Deus começou!

Os filhos de Deus vão começar a governar!

666, vamos ver quem é que aguenta o filme dos diabos

De 12 dimensões na Ilha dos Piratas.

Somos piratas, caralho!

Vamos piratear todos os sistemas dos diabos

E vamos foder com todos os filhos do Diabo!

666, estamos a cagar-nos para os negócios dos diabos dos nossos pais, tios e avós!

666, somos pior que os diabos!

666, a vida humana é sagrada!

666, as abelhas são sagradas!

666, as mantas-peixe-diabo são sagradas!

666, os morcegos-vampiros são sagrados!

666, não abatemos árvores por causa da madeira,

Defendemos o negócio da cortiça,

Do bambo e da imitação da madeira!

666, todas as aves monogâmicas como os pinguins,

Os cisnes e os flamingos que escolhem um parceiro para a vida toda são sagrados

E têm de viver livres, não podem estar presos!

666, não gostamos de gaiolas!

**666, as vacas, os porcos, os bodes, os carneiros, os búfalos, os touros,
as girafas, os elefantes, os hipopótamos, todos os animais com
maminhas e todos os animais com cornos são sagrados!**

666, não fazemos sacrifícios de sangue

E só “oferecemos aos deuses”

Carapaças, esqueletos, caveiras, peles e cornos de animais **que morreram de causa natural!**

666, somos “abutres” e **só nos aproveitamos dos cadáveres!**

666, somos mortos-vivos!

666, somos todos caveiras!

666, já morremos “noutra vida”,

Mas nesta estamos bem vivos e não cometemos, não fomentamos, nem incitamos ao suicídio,

Porque **a vida humana é sagrada!**

Combatemos o suicídio e todas as ideias suicidas

E todos os que incitam e fomentam ao suicídio!

666, não é o número do Diabo,

Porque o Diabo não existe, senão nas cabeças ocas humanas!

O Diabo é metafórico,

Simplesmente representa o mal!

Representa os humanos cabeçudos que adoram o mal

E fazem estúpidos sacrifícios à sua própria espécie,

À sua própria saúde, ao seu próprio ambiente, ao seu próprio planeta.

666, vamos às trevas dançar com o Diabo

E quando olharmos para o relógio

E virmos que já está a ficar tarde,

Simplesmente despedimo-nos do Diabo

E vamos embora.

666, batemos à porta do Diabo,
Porque sabemos onde é que ele mora.

666, estamos a bater à porta do Diabo.
66,6 estamos com o Diabo e o Diabo está connosco,
Ele está nas nossas mãos.

30 de julho de 2021, Dia da Tartaruga Boba e da Caça ao Crocodilo na Ilha dos Piratas. Em homenagem à Tartaruga Boba que apareceu com a cabeça cortada na Praia do Cabeço.

JAIME Maria Bayamonde da Costa Ayala

Nota dos Créditos do Hip Hop:

Dança dos 3 triângulos.

Vejo 3 triângulos a cantarem e a dançarem o meu hip hop.

Num primeiro triângulo vejo-me com o Fred e com o São Valentim, porque foi o São Valentim que lançou uma seta e entregou o meu coração espetado ao Fred.

Num segundo triângulo vejo-me com o Aranha e com o Palácios, porque somos 3 cabras, somos três 6, somos 3 carneiros e porque gosto da voz deles.

Num terceiro triângulo vejo o Aranha, o Valete e o Eminem, porque estamos ligados em Rede numa Internet das Coisas através dos contactos.

Se eu estou ligado ao Palácios e o Palácios está ligado ao Aranha e o Aranha está ligado ao Valete e o Valete está ligado ao Eminem, então só tenho de dançar com(o) uma cabra para chegar ao Eminem.

Eu não danço com o Eminem. Não posso. Não tenho hip hop para o Eminem. Eu só posso dançar com o Aranha e com o Palácios. Quem dança com(o) o Eminem, é o Valete e o Aranha.

Calhou-me o Valete no jogo de cartas.

Mas eu não posso dançar com o Valete.

Quem pode dançar com o Valete é o Aranha e o Eminem.

Vou entregar a minha carta ao Aranha.

«Aranha, passa a carta ao Valete. Se não fosses hétero tinha-me feito a ti como uma puta no liceu! Tinha-me feito a ti como uma puta, como todas as putas se fizeram! Desculpa, só me ter declarado agora! Agora tenho namorado. Agora sou uma puta do meu namorado!» 12:26 18 de setembro de 2021

JAIME Maria Bayamonde da Costa Ayala

Uma última nota e uma última reposta à Psicologia pelo facalhão maçónico que a Boa Psicologia me teve de apontar às sagradas instruções dos *Mumminnaffi Games*.

A inteligência não está no sucesso. Temos de ser inteligentes, saber olhar ao nosso redor, ver todos os sistemas, ver como é os sistemas foram e estão montados, ver as relações e as alianças “políticas” e económicas que ligam os sistemas e não os esquecermos que por detrás de cada sistema humano, seja ele qual for, estão cérebros humanos que se escondem por detrás de cada uma das empresas, marcas, instituições, associações e governos. Então, a inteligência não está no sucesso da nossa voz, da nossa “política” mais amiga, da nossa economia verdadeiramente “mais verde”, “mais azul”, mais empática e mais humana, porque simplesmente as economias e as “políticas” à nossa volta, que nos rodeiam e têm “força de contactos” podem não ser “verdes”, “azuis”, empáticas. Os seus cérebros e os seus corações podem “nem sequer ser humanos”... Podemos estar cercados de “forças” e “alianças muito fortes”, economicamente muito fortes, que simplesmente investem em muito dinheiro para sufocar a nossa voz e bloquear o nosso sucesso. Ora, a inteligência não está no sucesso. A inteligência está tão-só na forma como nós montámos a nossa estratégia, como nós projetámos o nosso cérebro e o nosso coração. Se o holograma do nosso cérebro e do nosso coração não chegar a todos, ou não chegar a ninguém ou se chegar e se toda a gente simplesmente ignorar o holograma, porque ninguém está a ver o holograma ou porque viram o holograma, mas não gostaram do nosso holograma, paciência. É a vida. A inteligência não está no sucesso da nossa voz. A inteligência simplesmente está na forma como nós planeámos, projetámos e fomos estratégias para projetar a nossa voz. A inteligência está no projeto, não está no sucesso do projeto. Há forças políticas, forças económicas que podem investir todas as suas forças e dinheiro só para derrubar o nosso projeto só porque o nosso projeto empático, humano e filantrópico dá cabo dos projetos negros (delas). Não nos podemos esquecer que o mercado negro é um mercado real. A Psicologia tem de se tornar “económica” para compreender o mercado, de forma a não ser capturada pelo mercado. Há uma expressão muito engraçada que diz que nós “devemos ser economistas para não sermos enganados pelos outros economistas”. É uma frase que aparece nos bons manuais de economia, nos manuais de “Economia para Totós”. A Psicologia tem de deixar de ser totó e começar a fazer parcerias e apoiar os projetos de vida que possibilitem a sua própria vida sem perder o espírito. A Psicologia não se pode esquecer que tem uma voz própria e que tem uma cabeça que sabe pensar por ela. A Psicologia tem de saber chegar aqui: que a inteligência não está no sucesso, está no projeto. A Psicologia tem de ser extraterrestre e começar a olhar para o céu estrelado para ver se tem a sorte de apanhar uma nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Estou só a convidar a Psicologia a meter-se comigo numa nave espacial para *Jupiter* de Gabriel Garibaldi para ver a Terra com outros olhos, com olhos mais alienígenas capazes de ver e compreender como é que funciona tudo aqui na Terra, como é que funciona o direito que permite as “políticas” e as economias funcionarem como funcionam aqui na Terra e que sufocam, bloqueiam, derrubam as melhores vozes. E quando nós vemos isto, quando sabemos que temos uma voz e vemos economias e políticas e até um direito a querer derrubar a nossa voz, nós temos de os derrubar só com a nossa voz. Sabemos que somos a voz. Sabemos que somos o projeto. A Psicologia sabe que tem uma voz. Eu quero ouvir a voz da Psicologia. Quero ouvir a Boa Psicologia a falar. Quero ouvir a Boa Psicologia a responder-me, a responder à minha voz, a ouvir a minha voz. Não quero que a Psicologia só venha perguntar sobre o sucesso do projeto. Eu quero é que a Psicologia olhe para o projeto com olhos de ver, que veja as estratégias de *coping* que o cérebro do projeto teve de “inventar” na sua inteligência para não perder a estratégia e para sobreviver mesmo sem “o sucesso”. Não podemos ir abaixo, sobretudo quando sabemos que temos uma voz e que somos inteligentes. Temos de saber chegar aqui. Temos de saber reconhecer que somos inteligentes. Sabermos reconhecer a inteligência do projeto, do nosso projeto, faz também parte do projeto. 8:06 22 de setembro de 2021 FIM Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala

© Todos os direitos reservados. Publicado pela **Jupiter Editions®** em www.jupitereditions.com no dia 22 de setembro de 2021. Revisto e republicado no dia 7 de outubro de 2021. 2ª versão da 1ª amostra pública do Processo nº 666 – Ilha dos Piratas de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala